

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLV
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

Symara Tâmara Fernandes Carlos

TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA E LITERATURA DE CORDEL:
ANTÔNIO FRANCISCO VAI À ESCOLA

Mossoró
2018

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLV
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

Symara Tâmara Fernandes Carlos

TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA E LITERATURA DE CORDEL:
ANTÔNIO FRANCISCO VAI À ESCOLA

Dissertação encaminhada ao
Mestrado Profissional em Letras –
ProfLetras como requisito para
obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Leila Maria de Araújo Tabosa

Mossoró
2018

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

C284t Carlos, Symara Tâmara Fernandes
Tradução intersemiótica e Literatura de Cordel:
Antônio Francisco vai à escola. / Symara Tâmara
Fernandes Carlos. - Mossoró, 2018.
137p.

Orientador(a): Profa. Dra. Leila Maria de Araújo
Tabosa.

Dissertação (Mestrado em Programa de Mestrado
Profissional em Letras). Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte.

1. Tradução intersemiótica. 2. Literaturred Cordel. 3.
Antônio Francisco. I. Tabosa, Leila Maria de Araújo. II.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III.
Título.

Symara Tâmara Fernandes Carlos

TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA E LITERATURA DE CORDEL:
ANTÔNIO FRANCISCO VAI À ESCOLA

Dissertação apresentada ao
Programa de Mestrado Profissional
em Letras – ProfLetras como
requisito para obtenção do grau de
mestre.

Banca examinadora

Prof.^a Dr.^a Leila Maria de Araújo Tabosa (UERN)
Presidente

Prof. Dr. Pedro Fernandes de Oliveira Neto (UFERSA)
Membro Externo

Prof. Dr. Gilson Chicon Alves (UERN)
Membro Interno

Mossoró
2018

RESUMO

Esta Dissertação que tem por título “Tradução intersemiótica e Literatura de cordel: Antônio Francisco vai à escola” é um trabalho que se propõe a uma intervenção em sala de aula com base fundamental nas concepções institucionais do ensino de leitura. Tal proposta tem a intenção de fazer o resgate de uma poética secular como a literatura de cordel através da leitura da obra do poeta mossoroense Antônio Francisco (1949-), obtendo como resultado da leitura um trabalho artístico produzido por alunos a partir da interpretação e impressões da obra poética, utilizando como ferramenta norteadora a tradução intersemiótica. Para acompanhar a presente pesquisa com intervenção, faremos uso de fortuna crítica a qual apresenta o poeta, tal como a de Maria do Socorro Gurgel e Taniamá Barrêto (2013); para tratar de referencial teórico, contaremos com autores como Bakhtin (1998), Oliveira (2012), Cavalcanti (2007), Lindoaldo Campos (2010), Luyten (2005), Franklin Maxado (2012), Pinheiro & Marinho (2012), Gonçalo Ferreira da Silva (2008) e Symara Tâmara Fernandes Carlos (2015) dando o aporte teórico no que concerne às acepções acerca da literatura de cordel, suas semelhanças e diferenças da literatura popular ibérica sobre a qual, alguns deles concordam que a nossa descende, outros não. Para a especificidade da tradução intersemiótica e leitura, estudaremos Leffa (1996), Plaza (2003), Haroldo de Campos (2006). Por fim, para a proposta de intervenção em sala de aula, as sequências didáticas adotadas estão de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB nº 9.394/96), orientada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's, 1998) e com base no Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual 30 de Setembro (PPP 30 de Setembro, 2016/2017) e, ainda, Cosson (2014) sobre letramento literário, Saraiva (2006) sobre propostas de ensino de leitura e Paulo Freire (1996) falando sobre a autonomia do aluno em sala de aula. E ainda o processo de intervenção, que resultou num trabalho artístico produzido pelos alunos.

Palavras-chaves: TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA. LITERATURA DE CORDEL. ANTÔNIO FRANCISCO.

RESÚMEN

Esta tesis de maestría que tiene por título “Tradução intersemiótica e literatura de cordel: Antônio Francisco vai à escola” es un trabajo que se propone a una intervención en el salón de clase con base fundamental en las concepciones institucionales de la enseñanza de la lectura. Tal propuesta tiene la intención de hacer el rescate de una poética secular como la literatura de los pliegos sueltos a través de la lectura de la obra del poeta mosoroense Antônio Francisco (1949...), obteniendo como resultado de la lectura un trabajo artístico producido por alumnos a partir de la interpretación e impresiones personales de la obra, utilizando como herramienta orientadora la traducción intersemiótica. Para acompañar la presente pesquisa con intervención, haremos el uso de la fortuna crítica a cual presenta el poeta, tal como la de Maria do Socorro Gurgel y Taniamá Barrêto (2013); para tratar del referencial teórico contaremos con autores como Bakhtin (1998), Oliveira (2012), Cavalcanti (2007), Lindoaldo Campos (2010), Luyten (2005), Franklin Maxado (2012), Pinheiro & Marinho (2012), Gonçalo Ferreira da Silva (2008) e Symara Tâmara Fernandes Carlos (2015) dando la contribución teórica en lo que concierne a las acepciones acerca de la literatura de los pliegos sueltos, sus semejanzas y diferencias de la literatura popular ibérica, de la cual, algunos de ellos concuerdan que la nuestra baja, otros no. Para la especificidad de la traducción intersemiótica e la lectura estudiaremos Leffa (1996), Plaza (2003), Haroldo de Campos (2006). Por lo fin, para la propuesta de intervención en el salón de clase, las secuencias didácticas adoptadas están de acuerdo con la Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB nº 9.394/96), los Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's 1998) y el Projeto Político Pedagógico de la Escola Estadual 30 de Setembro (PPP 30 de Setembro, 2016/2017) y todavía Cosson (2014) supo letramiento literário, Saraiva (2006) supo las propuestas de la enseñanza de la lectura y Paulo Freire (1996) hablando de la autonomía del alumno en el salón de clase. Aún el proceso de intervención que resultó en un trabajo artístico producido por los alumnos.

Palabras-claves: TRADUCCIÓN INTERSEMIÓTICA. LITERATURA DE LOS PLIEGOS SUELTOS. ANTÔNIO FRANCISCO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, mestre dos mestres, permitindo-me chegar ao grau de mestra, pelos dons, graças e bênçãos a mim concedidas.

Aos meus genitores, Carlos e Mara, por tudo que superamos e conquistamos ao longo dos anos. As mãos do nosso amor estarão sempre dadas nessa nossa caminhada pela estrada da vida.

Ao meu pequeno grande homem, meu coração que bate fora da caixa do peito, poema perfeito nascido do meu ventre: Carlos César Fernandes Guimarães.

Ao meu eterno anjo-amor-esposo César Guimarães, por compreender os momentos que não passamos juntos para que este trabalho se concretizasse e mesmo assim tê-lo sonhado e realizado comigo.

Ao amigo e poeta-mor da nau poética mossoroense Antônio Francisco, que mais uma vez me permite o trabalho com sua obra; sonho vê-lo cânone da nossa literatura.

À professora Dr.^a Leila Tabosa, pelas grandes contribuições, humanas e artístico-literárias, acrescentadas à minha vida, à minha arte, ao meu ofício como professora. Um orgulho para a Faculdade de Letras e Artes da UERN tê-la em seu corpo docente.

A todos os professores do Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras, sobretudo do Campus Central da UERN. Cada um de vocês tem uma parcela especial de responsabilidade pelo engrandecimento acadêmico e profissional dos alunos que passam por este curso.

Aos outros doze colegas da turma 3 do ProfLetras do Campus Central da UERN: Marcos, Claudiana, Paula Priscila, Edilene, Danuta, Karla, Victor, Inajara, Mara, Vera, Girlene e Lucivan. Essa trajetória de dois anos de curso foi leve e simultaneamente intensa na companhia de vocês.

Aos alunos do oitavo ano do turno vespertino de 2017 da Escola Estadual 30 de Setembro, pelo empenho, dedicação e por acreditarem nesse projeto que foi pensado e executado, sobretudo, para a melhoria da aprendizagem. Vocês são grandes, vocês são especiais.

Aos profissionais da Escola Estadual 30 de Setembro, pelas contribuições dadas para a execução deste trabalho.

A todos os familiares e amigos que direta ou indiretamente contribuíram para a superação de mais essa etapa da minha vida acadêmica, os mais íntimos sabem da importância disso para minha vida pessoal-profissional.

A todos os poetas e menestréis das letras populares, não deixemos morrer a pena da escrita que é, acima de tudo, a voz do povo, como a literatura de cordel.

**Ao amigo e poeta Antônio Francisco
Um gênio das letras, grande menestrel,
Este trabalho a você eu dedico
Ousando escrever em forma de cordel.**

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta dos caos e, portanto, nos humaniza.
Negar a fruição da literatura é mutilar a humanidade.

(Antônio Cândido)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Diagnóstico – primeira etapa da intervenção.....	91
Figura 2: Turma do oitavo ano durante a primeira atividade de leitura	93
Figura 3: Enquanto tocava e cantava para eles “A casa que a fome mora” e “Eu queria”	96
Figura 4: Confeccionando o teatro de fantoches.....	100
Figura 5: Pintando “Antônio Francisco na beira do mar”	102
Figura 6: Capa do álbum de colagem com o texto “Um bairro chamado Lagoa do Mato”	103
Figura 7: Uma das páginas do álbum ilustradas com a técnica de colagem.....	104
Figura 8: Apresentação das artes plásticas, cênicas e literárias integradas.....	105
Figura 9: Fantoches durante apresentação da peça “Os animais têm razão”.....	106
Figura 10: “Antônio Francisco na beira do mar”, acrílico sobre tela, 60cmx80cm..	107

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico I: Questionamento sobre o que é literatura de cordel.....	85
Gráfico II: Sobre oportunidade e impressões acerca de leitura de cordéis.....	87
Gráfico III: O que se sabe sobre o poeta Antônio Francisco.....	88
Gráfico IV: Pergunta sobre oportunidade de executar trabalhos artísticos.....	89
Gráfico V: Sobre transformar poesia em outras formas de arte.....	90

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	14
PREÂMBULO– QUEM É ANTÔNIO FRANCISCO?.....	18
1. DAS ORIGENS EUROPEIAS À TRADIÇÃO LITERÁRIA DO BRASIL: ACEPÇÕES ACERCA DA LITERATURA DE CORDEL.....	23
1.1. SOBRE A XILOGRAVURA: O ELEMENTO VISUAL PARA A LITERATURA DE CORDEL.....	29
1.2. O GÊNERO CORDEL DO PONTO DE VISTA ESTÉTICO E TEMÁTICO.....	30
1.3. UM GÊNERO POPULAR E SUA IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO EDUCACIONAL.....	32
2. SOBRE A TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA.....	35
3. DAS CONCEPÇÕES INSTITUCIONAIS SOBRE O TRABALHO COM A LEITURA NA SALA DE AULA DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	40
3.1. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO – ESPECIFICANDO OS MÓDULOS DIDÁTICOS.....	45
3.1.1. Primeira etapa – Diagnóstico.....	46
3.1.2. Segunda etapa – Leitura I: “Aquela dose de amor.....	47
3.1.3. Terceira etapa – Introduzindo a teoria: falando sobre literatura de cordel, Antônio Francisco e tradução intersemiótica.....	49
3.1.4. Quarta etapa – entre música e poesia: “A casa que a fome mora” e “Eu queria”.....	49
3.1.5. Quinta etapa – Visitando a obra antoniana: leitura de cordéis	50
3.1.6. Sexta etapa – Atividade Avaliativa.....	51
3.1.7. Sétima etapa – Fazendo arte: oficinas de confecção de material artístico.....	52
3.1.8. Oitava etapa – Salão de Artes Integradas Poeta Antônio Francisco – culminância do projeto	54
3.2. DEMONSTRAÇÃO DE ANÁLISE.....	55
3.2.1. Encontrando “Aquela dose de amor”: uma dose de lirismo nos versos antonianos.....	55
3.2.2. “A casa que a fome mora”: a denúncia social nos versos de cordel antonianos.....	63

3.2.3. “Na beira do mar”: o poeta redescobre o mundo e seu criador contemplando a natureza.....	72
4. O POETA SE FAZ VERBO E VAI À ESCOLA – UMA EXPERIÊNCIA COM A OBRA ANTONIANA EM SALA DE AULA.....	78
4.1. DO QUE TRATA A INTERVENÇÃO.....	78
4.2. DAS DIFICULDADES.....	82
4.3. O POETA VAI À ESCOLA ATRAVÉS DE SUA ARTE – DESCRREVENDO A EXPERIÊNCIA.....	84
4.3.1. DIAGNÓSTICO.....	84
4.3.2. LEITURA I – “AQUELA DOSE DE AMOR”.....	91
4.3.3. INTRODUZINDO A TEORIA: FALANDO SOBRE LITERATURA DE CORDEL, ANTÔNIO FRANCISCO E TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA NA SALA DE AULA...93	93
4.3.4. LEITURA II - ENTRE MÚSICA E POESIA: “A CASA QUE A FOME MORA” E “EU QUERIA”.....	94
4.3.5. VISITANDO A OBRA ANTONIANA – LEITURA DOS CORDÉIS.....	97
4.3.6. ATIVIDADE AVALIATIVA.....	98
4.3.7. FAZENDO ARTE: OFICINAS DE CONFECÇÃO DE MATERIAL ARTÍSTICO.....	99
4.3.7.1. Teatro de fantoches.....	99
4.3.7.2. Música.....	101
4.3.7.3. Artes plásticas – pintura em tela.....	102
4.3.7.4. Artes plásticas – colagem.....	103
4.3.7.5. História em quadrinhos.....	104
4.4. SALÃO DE ARTES INTEGRADAS POETA ANTÔNIO FRANCISCO – A CULMINÂNCIA DO PROJETO.....	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	111
ANEXOS.....	114
APÊNDICES.....	133

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde as primeiras épocas da existência humana, existiu a necessidade de contar os fatos que aconteciam, seja para divulgar, seja para entreter. Com a evolução da linguagem e o surgimento da escrita, surge uma literatura feita pelo povo e para o povo – é o que se pode considerar literatura popular. Luyten (2005) afirma que a literatura popular propriamente dita aparece no Ocidente, mais precisamente a partir do século XII, como manifestação leiga, independente do sistema eclesiástico. Caracteriza-se por ser uma linguagem regional. Já na Idade Média existiam três pontos de peregrinação: Roma, Jerusalém e Santiago de Compostela; é nesses lugares que surge a literatura popular, onde se encontravam os poetas nômades, que agiam como verdadeiros cronistas, contando as novidades e cantando poemas de aventuras e bravuras.

Luyten (2005) ainda afirma que o termo “cordel” é oriundo de Portugal e trata-se da poesia produzida por poetas populares que produziam seus textos poéticos e os comercializavam em feiras livres, pendurados em cordões. Daí a atribuição desse termo, embora no Brasil fosse considerada apenas poesia popular, até porque nunca ocorreu de se chamar cordão de cordel, mas o nome, trazido pelos portugueses, perdura até os dias atuais. Sobre o cordel no Brasil, o escritor e cordelista Franklin Maxado, traz em sua obra *O que é cordel na literatura popular* (2012) uma afirmação do folclorista potiguar Câmara Cascudo (1898 – 1986), de que, no Brasil, o primeiro livreto de cordel brasileiro publicado foi o romance *Zezinho e Mariquinha ou a vingança do sultão*, do cantador paraibano Silvino Pirauá (1860 – 1913), em fins do século XIX.

Considerando as referências históricas, Lindoaldo Campos (2010, p. 67) traz afirmações acerca das origens do cordel brasileiro, ele afirma que “Gregório de Matos Guerra (1636 – 1695) é tido como o primeiro glosador brasileiro”. Ainda sobre Gregório de Matos, Maxado (2012) afirma que o mesmo é considerado um cantador, um dos primeiros do Brasil. Depois dele, no século XIX, surgem Castro Alves, usando técnicas cordelísticas, assim como o poeta maranhense Catulo da Paixão (1863 - 1946) introduzindo o violão nos salões aristocráticos do Rio de Janeiro, enobrecendo a arte da cantoria e do instrumento.

Maxado (2012) afirma ainda que Ariano Suassuna (1927 – 2014) dá notícia de um folheto impresso em 1836 sob o título *Romance da Pedra do Reino*, que

descrevia fatos do sertão pernambucano. Já Horácio de Almeida (1896 – 1983), outro folclorista, afirma que foi de Leandro Gomes de Barros (1865 – 1918) os primeiros folhetos impressos, no final do século XIX.

A verdade é que a literatura popular (ou de cordel) sempre existiu, pois sempre existiu povo. Ao evoluir e chegar à racionalidade, o ser humano começa a contar seus casos, principalmente sobre inimigos, sobre animais, a natureza e conquistas amorosas. Com a evolução das formas de comunicação, as narrativas, sejam orais ou escritas, foram se sofisticando até o aparecimento dos versos e rimas. Já nos tempos atuais, a imprensa possibilitou a publicação rápida e de baixo custo de um enorme manancial de literatura oral conservado de memória, por narradores ou cantadores, de geração em geração, sem se saber de autores definidos.

Um dos autores visitados para a concepção deste trabalho, o professor de literatura Carlos Jorge Dantas de Oliveira, em sua tese de doutorado, intitulada *A formação da literatura de cordel brasileira* (2012), traz a afirmativa de que o cordel desempenhou uma função social de grande relevância, uma vez que foi atribuída a ele a tarefa de noticiar os fatos e fenômenos sociais, num momento em que o acesso à informação ainda era bastante restrito, sobretudo ao sertanejo, antes mesmo do aparecimento do rádio e da TV. Os desastres, as inundações, as secas, os cangaceiros, as reviravoltas da política continuam alimentando o caráter jornalístico dessa produção literária.

Nessa perspectiva, Oliveira (2012) dá voz a Lessa (1973), corroborando com este autor quando vincula o surgimento do cordel à cantoria, afirmando que a literatura popular, embora praticada em outras regiões, é eminentemente nordestina e deriva dos cantadores de viola, contradizendo grande parte dos estudiosos que afirmam a origem ibérica dessa literatura. Mas, ainda sobre a função comunicativa do cordel, é possível afirmar que o poeta popular bebe das fontes do jornalismo. Ele lê os jornais, as revistas, ele se informa no rádio ou na televisão, ele escreve sobre aquilo que escuta e vê.

Diante desses aspectos, é possível dizer que a escolha do objeto deste estudo baseou-se, primeiramente, na intuição frente às percepções oferecidas pela realidade empírica e, posteriormente, mediadas por inúmeras leituras, essa intuição inicial ganhou forma e conteúdo, constituindo-se no marco fundamental deste trabalho – a saber: o de que é possível e necessário contribuir com a construção do

discurso historiográfico-cultural sobre um tipo específico de literatura popular impressa como a Literatura de Cordel.

Este trabalho se constrói com base na premissa de como podemos trazer a literatura de cordel de Antônio Francisco para “dentro da escola”, a partir do trabalho de desenvolvimento de habilidades de leitura e interpretação da sua obra, e como tudo isso pode culminar na produção feita de forma lúdica e criativa pelos estudantes, tendo como resultado a tradução intersemiótica realizada durante o processo de leitura. Nesse ínterim, à luz das teorias e dos estudos de pesquisadores, escritores e poetas, apresentamos o trabalho com a obra do poeta mossoroense Antônio Francisco, cuja leitura e interpretação foi realizado com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual 30 de Setembro, assim transmutando a arte do fazer poético em outras artes.

É possível adiantar que autores como Oliveira (2012), Cavalcanti (2007), Campos (2010), Luyten (2005), Maxado (2012), Pinheiro & Marinho (2012), Silva (2008) e Fernandes Carlos (2015), darão todo o aporte teórico no que concerne às acepções acerca da literatura de cordel, suas semelhanças e diferenças da literatura popular ibérica, da qual, alguns deles concordam que a nossa descende, outros não. Uma concepção de leitura à luz de Leffa (1996); Plaza (2003) e Haroldo de Campos (2006) com as abordagens e concepções sobre tradução intersemiótica também integram esta discussão. Ainda Saraiva (2006) falando sobre propostas de ensino de leitura, Cosson (2014) com o conceito de letramento literário e Paulo Freire (1996), sobre a autonomia do aluno em sala de aula.

Este trabalho pretende, em linhas gerais, intervir em sala de aula com o propósito de estimular o alunado a desenvolver o hábito pela leitura. Utilizo, para tanto, a literatura de cordel do poeta mossoroense Antônio Francisco, obtendo como resultado da leitura um trabalho de tradução intersemiótica da obra deste autor.

De maneira mais específica, esta intervenção objetiva ainda trabalhar textos cordelísticos a fim de reafirmar esta arte literária, sua história, suas características e sua importância no processo de letramento, assim como levar os alunos ao conhecimento e compreensão da obra do cordelista mossoroense Antônio Francisco. Este trabalho ainda se propõe a promover uma tradução intersemiótica da obra de Antônio Francisco, fazendo um intercâmbio entre o passado, representado por um estilo secular do fazer poético – o cordel, e o presente, traduzido através de outras artes.

Pretende-se ainda com a execução deste trabalho de intervenção levar os alunos à compreensão da funcionalidade da leitura, traduzindo-a para outras formas de arte; assim como reproduzir, através da tradução intersemiótica, isto é, de forma artística, dinâmica e lúdica, a compreensão e a interpretação dos textos lidos.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro trata dos conceitos acerca da literatura de cordel; o segundo, sobre a tradução intersemiótica; o terceiro capítulo trata das concepções institucionais acerca do ensino de leitura no ensino fundamental, a proposta de intervenção com os módulos didáticos e a análise de três poemas que serão trabalhados durante a intervenção e o quarto capítulo está dividido em quatro tópicos e trata do relato da experiência de intervenção em sala de aula com a obra do poeta Antônio Francisco.

PREÂMBULO - QUEM É ANTÔNIO FRANCISCO?

A poesia de Antônio Francisco tem jeito de luz –
farol a alumiar nossas injustiças,
a clarear nossos tortuosos caminhos.
(Cláuder Arcanjo)

O cordelista Antônio Francisco Teixeira de Melo nasceu em Mossoró/RN, bairro Lagoa do Mato, no dia 21 de outubro de 1949; é um dos treze filhos de Francisco Petronilo de Melo e Pêdra Teixeira de Melo. E assim como descreve metaforicamente o escritor Cláuder Arcanjo (1963...), a poesia de Antônio Francisco tem sua importância por trazer à luz do conhecimento do povo as injustiças às quais este é submetido; tem, com isso, um grande apelo social; ao mesmo tempo em que resgata valores humanos como o respeito, o amor, a caridade; traz a simbologia da infância e do divino como caminho para ter qualidade de vida e equilíbrio emocional e espiritual na fase adulta: uma poética para levar o leitor a pensar criticamente, refletir sobre sua condição humana.

O poeta teve uma infância como a de muitas crianças de sua época, cujos pais não tinham grandes posses, mas nunca faltando amor, poesia e o feijão na mesa. Foi justamente nessa época da infância que ele começou a ler os primeiros versos, nos folhetos de cordel do seu avô, como “Pavão Misterioso”, a conhecer alguns autores clássicos, como Khalil Gibran (1883 – 1931) e Hermann Hesse (1877 - 1962), e é nesse momento que se forma o Antônio Francisco, leitor e apreciador da arte literária. O poeta iniciou seus estudos em uma escola de Ensino Fundamental no bairro onde sempre morou, a Lagoa do Mato, e o Ensino Médio no Colégio Estadual Jerônimo Rosado.

Em 1979, é aprovado no vestibular da Fundação Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - FURN (atual Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN) para o curso de História, que conclui em 1983. Antes disso, seu primeiro emprego havia sido como vendedor de jornais e revistas, depois passando a trabalhar como sapateiro, como profissional autônomo. De acordo com Gurgel & Barrêto (2013) o poeta se destaca na cultura como poeta popular, xilógrafo e compositor, mas antes, já havia sido confeccionador de placas para automóveis, que aos poucos abandonara, à medida que sua poesia adentrava as salas de aula e festas populares.

Antes, em 1973, casa-se com Josenira Maria, conhecida carinhosamente como Dona Nira. Antônio Francisco é pai de dois filhos e avô de dois netos. Ao longo de sua vida, dedicou-se aos esportes, se exercitando e pedalando até os dias atuais. Em 2002, publicou seu primeiro livro, *Dez cordéis num cordel só*, pela Coleção Mossoreense, com selo da Fundação Vingt-un Rosado; antes disso, já havia publicado alguns de seus cordéis de forma avulsa e os recitava em eventos culturais. Sobre a desenvoltura de Antônio ao recitar seus cordéis, o poeta e jornalista Caio César Muniz, na antologia poética *100 poetas de Mossoró* (2000, p. 80), afirma:

É de uma desenvoltura excepcional, decorando e declamando seus versos cheios de encanto e magia, seduzindo os que o ouvem. Criador de obras fascinantes no gênero do cordel, como “A arca de Noé” e “Aquele dose de amor”, onde ele mostra enorme grandeza de sentimento e de genialidade.

Sobre a obra *Dez cordéis num cordel só*, Gurgel & Barrêto (2013, p.76-7) afirmam que:

O livro *Dez cordéis num cordel só* é uma grande obra que reúne dez de seus cordéis mais famosos. Por meio dessa obra, Antônio Francisco consegue adentrar na leitura do povo, de forma que seus ideais por uma sociedade renovada pela justiça social e fraternidade entre as pessoas, sejam bastante conhecidos por todos aqueles que têm a oportunidade de ler essa belíssima obra cordelística.

Conforme Gurgel & Barrêto (2013), Antônio Francisco tem o hábito de ser defensor da cultura. Seus cordéis não nascem de forma aleatória ou do nada, são sempre baseados em problemas sociais; é um homem falando do mundo em que vive o homem e desenvolve suas histórias com base no cotidiano das pessoas. Sobre o fascínio que o poeta exerce sobre as pessoas, sejam leitores ou aqueles que o veem recitando seus versos, o historiador e escritor Geraldo Maia (2011, p. 38) destaca:

A poesia de Antônio Francisco tem o incrível poder de encantar e fascinar a todos que dela tomam conhecimento. Encanta na medida em que nos transporta para o mundo do imaginário que o autor cria para situar a sua história; fascina pela beleza de suas personagens, pela leveza de seus versos e sua imaginação fértil. Usando o formato simples da poesia popular, conta fábulas em formato de cordel, sempre concluindo com frases de efeito.

Em 2005, Antônio Francisco publica seu segundo livro, *Por motivos de versos*, esse com selo da editora mossoroense Queima-bucha. Sobre a obra, que traz doze cordéis do poeta mossoroense, o poeta, escritor e professor de Teoria da Literatura da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, R. Leontino Filho (2005, p.15) faz a seguinte afirmação:

O renovado movimento poético de Antônio Francisco, intitulado *Por motivos de versos* inscreve-se sob a chancela de um estilo leve, rápido e fluente para onde convergem os fatos que se entrelaçam uns aos outros, corporificando uma espécie de compromisso com a saga crítica de uma missão. Os motivos estão divididos em doze precisos movimentos, todos incendiados por versos de melódica luz.

Um dos fatos mais importantes da trajetória poética de Antônio foi sua aclamação para a Academia Brasileira de Literatura de Cordel, em 2006. O poeta passa, a partir de então, a ocupar a cadeira que fora de um dos maiores cordelistas do Brasil: o cearense Antônio Gonçalves da Silva (1909 - 2002), mais conhecido como Patativa do Assaré. Antônio Francisco passa a ser conhecido no meio poético como o “Patativa de Mossoró”. Em seu discurso de posse, feito em forma de cordel com o título “De calça curta e chinela”, ele conta como ficou sabendo de sua entrada para a ABLC e a honra de ocupar a cadeira outrora ocupada por Patativa.

Em 2007, Antônio publica seu terceiro livro, *Veredas das sombras*, também sob o selo da editora Queima-bucha. Esta obra traz um diferencial, uma quantidade maior de poemas, dezoito ao todo, porém os textos são menores, alguns deles ocupando menos de uma página. Sobre a obra, o escritor, apresentador e membro da Pedagogia da Gestão, João Maria Sousa da Silva (2007, p. 12-3-5), afirma:

Eis *Veredas das sombras*, com dezoito poemas, uma grande obra, nasceu do zelo, da maturação, da transpiração e, acima de tudo, da maneira criativa e inspiradora, com a pitada de amor e carinho do autor. [...] Que *Veredas das sombras* seja um manancial de oportunidades, para que pensemos a relação com a ética da vida e o sonho possível de justiça social, como desejou o educador Paulo Freire.

Antônio Francisco passa a receber inúmeros convites de programas de rádio e TV, escolas, universidades e eventos culturais de todo o Brasil para palestras e recitais, de modo que não é possível mais exercer suas antigas atividades profissionais, dedicando-se exclusivamente à literatura.

Em 2010, sua obra *Dez cordéis num cordel só* é escolhida como uma das obras adotadas para o vestibular da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, considerado outro marco na trajetória poética do escritor, com sua obra sendo objeto de estudo no meio acadêmico. Até que, em 2011, recebe o convite da editora cearense IMEPH para publicar o conjunto de sua obra. Nesse ano, esta editora lança a caixa-box sob o título *Minha obra é um cordel*, contendo seus três livros até então publicados, dois CDs com cordéis recitados pelo poeta e dois livros inéditos: *O olho torto do rei* e *Sete contos de Maria*.

A figura de Antônio Francisco, a partir da publicação de sua obra completa, passa a ter mais notoriedade no meio poético de outras regiões do país, e mais convites para eventos, inclusive acadêmicos. A partir daí, sua obra passa a ser adotada para ser trabalhada com alunos do Ensino Fundamental de escolas municipais do Ceará e de São Paulo.

No meio acadêmico, a partir de 2011, começam a surgir os primeiros trabalhos em nível de pós-graduação *latu e scriptu sensu* sobre a obra antoniana, como os trabalhos: *Geopoética da imaginação em Antônio Francisco*, por Alessandro Teixeira Nóbrega (tese de doutorado, 2011, Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN), *Poesia e Bíblia: a influência do sagrado na poesia de Antônio Francisco*, por Maria do Socorro de Albuquerque Gurgel e Taniamá Vieira da Silva Barrêto (dissertação de mestrado, 2011, Universidad Evangélica del Paraguay, publicada em formato de livro com selo da Coleção Mossoroense (2013)) e “Antônio Francisco: tradição e modernidade – uma poética da memória”, por Symara Tâmara Fernandes Carlos (monografia da Especialização, 2013,

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, vencedora do prêmio literário Rota Batida – categoria trabalho acadêmico, da fundação Vingt-un Rosado em parceria com a Petrobras e publicada em formato de livro pela mesma editora (2015)).

Em 2017, Antônio Francisco chega à grande mídia, no programa de TV Encontro, da Rede Globo de Televisão. A partir da citação de alguns versos do cordel “A casa que a fome mora”, feita pelo poeta cearense Bráulio Bessa no programa. Este fato causou uma comoção nas redes sociais, levando os poetas Caio César Muniz e César Guimarães a iniciarem uma campanha nas redes sociais com a hashtag “AntonioFranciscoNoEncontro”.

Concomitante a isso, a professora mossoroense Mara Leane entrou em contato com a produção do programa, solicitando a presença do poeta. A produção fez contato com o poeta e o levou uma semana depois. No programa, Antônio participou ao lado de Bráulio Bessa, que disse que “Antônio Francisco é o maior poeta do mundo”. Antônio agradeceu muito pelo carinho e respeito do povo de Mossoró, aos cordelistas mossoroenses e recitou o cordel “Escrever é sonhar”, representando, assim, a poesia mossoroense em rede nacional de televisão.

1. DAS ORIGENS EUROPEIAS À TRADIÇÃO LITERÁRIA DO BRASIL: ACEPÇÕES ACERCA DA LITERATURA DE CORDEL

Para explicitar o que seja, em linhas gerais, a literatura popular, ou de cordel, é necessário beber das fontes dos estudos, sobretudo sistemáticos, e acadêmicos, acerca deste tema. As margens de dúvidas se desfazem nesse momento, quando ora trazemos esta literatura sob o conceito de teóricos como Oliveira (2012), que nos resguarda de uma teoria embasada nos estudos, tanto da literatura popular ibérica quanto brasileira, mostrando, no seu modo de ver, um grande abismo temático e estético entre ambas. É possível mostrar, neste trabalho, que há autores que corroboram com esta ideia, outros nem tanto, pois os demais autores concordam que as raízes ibéricas foram fator importante para a disseminação dessa literatura no Brasil, mas que aqui tomou forma e conteúdo próprios, ao ponto de poder ser considerada uma manifestação literária propriamente do povo brasileiro.

Segundo Maxado (2012), o termo Literatura Oral, com essa acepção, foi criado pelo escritor francês Paul Sébillot (1846 – 1918), em 1881, para denominar o folclore dos contos, cantos, fábulas, lendas, mitos, anedotas, anexins, adivinhações, parlendas e jogos infantis, enigmas, charadas, provérbios, orações, canções, frases feitas, autos, receitas, danças cantadas, desafios, acalantos, aboios, superstições, conselhos, causos, máximas, aforismas, adágios, ditados, estórias, gestas, xácaras, baladas, enfim, tudo que o povo cria e conserva para a sua conversação e lazer. Maxado (2012, p. 32-3) ainda amplia o conhecimento sobre isto com a seguinte afirmação:

Uma particularidade é a de que cada povo recria as estórias de acordo com o seu caráter e época, atualizando essa oralidade, que deve vir de milênios. A Literatura de Cordel é, enfim, tudo isso impresso. Pode ser em prosa ou em verso. Atualmente no Brasil, o fenômeno é mais com histórias versadas e impressas em folhetos baratos.

Esta particularidade do cordel à qual o autor supracitado se refere abre os horizontes desta pesquisa, uma vez que o cordel, por si, é uma arte que ao longo do

século XX foi recriada, seja pelos meios de comunicação, ou pela visão de mundo dos próprios poetas. Um dos pontos fortes da obra antoniana condiz justamente com uma visão de mundo voltada para o resgate dos valores humanos, recriando personagens, histórias bíblicas, entre outros aspectos da vida em sociedade, que serão uma das vertentes deste trabalho, isto é, a forma como este autor recria a arte do cordel através das temáticas por ele abordadas.

Oliveira (2012) afirma que a Literatura de Cordel brasileira, embora esteja inevitavelmente ligada a suas raízes ibéricas, cuja essência fora trazida para o Brasil durante a colonização, de fato surgiu com as formas estéticas e textuais das cantorias de viola, isto é, da poesia oral improvisada, nas primeiras décadas do século XX no Brasil.

Os folhetos de cordel em muito ultrapassam em quantidade não apenas de títulos, como da impressão de exemplares em dezenas de edições, a toda a produção de livros da chamada literatura erudita. Poetas como Leandro Gomes de Barros (1865 – 1918), João Martins de Atháide (1880 – 1959) e Francisco das Chagas Batista (1882 – 1930), que formam a tríade responsável pela criação desta que é considerada verdadeiramente como literatura popular, que foram autênticos poetas, editores que se anteciparam ao surgimento da moderna indústria editorial brasileira.

Oliveira (2012) também traça, em linhas gerais, a formação dessa literatura, trazendo uma abordagem histórica e levando em consideração o texto de maneira concreta e o suporte onde é lido, que são influenciados pelas práticas de leitura. A princípio, a compreensão que se tem acerca das origens da literatura de cordel no Brasil corrobora com as ideias deste autor, quando o mesmo afirma que ao fugir da pretensa neutralidade científica, posto que, como homens que somos, movemo-nos muito mais por desejos e aspirações.

Já o escritor e presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), Gonçalo Ferreira da Silva (1937-), em sua obra *Vertentes e evolução da literatura de cordel* (2008), afirma que há um esclarecimento relativo à utilização do sintagma “literatura de cordel”, de que é unânime a opinião a favor dessa origem estrangeira. No Brasil, a aparição se deve a Sílvio Romero (1851 – 1914), relativo a seus estudos sobre a cultura popular. Silva (2008) ainda afirma que Mario Souto Maior (1920...), folclorista e escritor pernambucano, além de criticar duramente o vocábulo *cordel*, enfatiza ainda que esta arte deveria se chamar literatura popular ou

poesia nordestina, menos literatura de cordel. Manoel d'Almeida (1914 – 1995), cantor e cordelista alagoano, considerado um dos mais perfeitos poetas da literatura de cordel, afirma que “Literatura Popular” é o nome mais apropriado. No entanto, o nome veio de Portugal e os poetas, em sua maioria, aceitam o rótulo de cordelistas.

Sobre isso, Antônio Francisco, durante entrevista a mim concedida durante a composição da obra *Antônio Francisco: tradição e modernidade – uma poética da memória* (2015), quando perguntado a respeito da denominação dos poetas que escrevem cordéis, se tinha ou não alguma restrição com relação a ser chamado cordelista ou poeta popular, afirma: “não, não tenho restrição alguma, eu só me preocupo com o que eu escrevo, com o texto, com o que eu estou dizendo. Tem gente que não gosta de ser chamado de cordelista, eu acho bom” (FERNANDES CARLOS, 2015, p. 86).

Toda forma de expressão literária popular produzida em Portugal era chamada Literatura de Cordel, mesmo abrangendo outros gêneros como teatro, romances e outros textos em prosa. O fato é que o termo cordel não designa, a princípio, necessariamente um gênero, mas a forma de exposição desses folhetos para venda. No entanto, segundo Oliveira (2012), nunca ocorreu de os folhetos serem vendidos no Brasil dessa forma; os poetas e vendedores expunham os folhetos organizados em maletas de madeira ou em plástico no chão das feiras livres.

A influência dos estudiosos modernos dessa literatura trouxe de volta a venda dos cordéis pendurados em fios de nylon ou barbante. Inclusive, o próprio termo “cordel” também fora resgatado pelos estudiosos modernos, ganhando força a partir dos anos 60, canonizado pelos próprios cordelistas. Antônio Francisco, um poeta localizado cronologicamente na pós-modernidade literária, tem sua obra publicada tanto no formato tradicional do cordel, isto é, em folhetos, quanto em livro. Em 2011, a editora cearense IMEPH, publicou toda sua obra em formato de caixa-box. Esta editora ainda publica seus cordéis em livretos em tamanho maior e com narrativas ilustradas, voltados para o público infantil.

Para os autores Pinheiro & Marinho (2012), em sua obra *O cordel no cotidiano escolar*, o cordel é sinônimo de “poesia popular em versos”, que, inclusive, tem seus momentos de fartura e escassez. São versos vendidos em feiras livres, assim como era também em Portugal, de onde vem o nome “cordel”. Porém, lá toda

literatura popular produzida, fossem farsas, peças teatrais, contos, entre outros, eram considerados cordéis, pois eram comercializados da mesma forma. Já no Brasil, o que é considerado literatura de cordel, dentro da tradição literária popular, teve características definidas desde o final do século XIX até as duas primeiras décadas do século XX, passando a ter formas fixas, próprias dos textos escritos em versos. Dessa forma:

Os folhetos, que no início eram produzidos em tipografias de jornal, passaram com o tempo a ser impressos em tipografias dos próprios poetas. Leandro Gomes de Barros criava, publicava e vendia seus versos, garantindo com essa atividade o seu sustento e da família. Francisco das Chagas Batista era conhecido por suas viagens pelas cidades do interior da Paraíba e de outros estados do Nordeste, onde vendia folhetos e miudezas, e também por sua “Livreria Popular Editora”, criada em 1913 e que foi responsável pela edição e venda de folhetos de muitos poetas da região. Na Paraíba e em Pernambuco, até os anos 1930, chegaram a funcionar 20 tipografias. [...] João Martins de Athaide, como narrou Antônio Américo, comprou os direitos de toda a obra de Leandro Gomes de Barros, transformando-se assim em um *editor proprietário* (PINHEIRO & MARINHO, 2012, p. 23).

Atualmente, os folhetos ainda continuam sendo vendidos nas feiras livres, ou de mão em mão pelos próprios poetas. O poeta Antônio Francisco tem duas características marcantes: seu carisma e espontaneidade, isso faz com que seus cordéis tenham uma grande aceitação pelo público, pela força de suas características, e mais ainda, pela força poética que ele impregna em cada verso. Sua primeira obra, *Dez cordéis num cordel só*, teve sua primeira publicação pela Coleção Mossoroense, que já foi considerada a maior coleção de livros do Brasil, e desta, a obra do poeta foi considerada Best seller. Apesar de sua obra já ter sido publicada por editoras de médio e grande porte, o poeta segue na trilha de seus antecessores, vendendo seus versos, não só nas livrarias, como também de mão em mão.

Assim sendo, é com o pensamento nisso que se pauta o trabalho de intervenção *Tradução intersemiótica e literatura de cordel: Antônio Francisco vai à*

escola, de forma a mostrar aos alunos a importância de conhecer desde as primeiras manifestações dessa arte no Brasil e como ela consegue transmutar-se e atrair leitores e admiradores, de todas as idades, até os dias atuais, sendo, inclusive, possível reconstruir sua essência através de outras artes, apropriando-se, para isso, do princípio da tradução intersemiótica.

Para Fernandes Carlos (2015), o cordel é um fenômeno que tem sua origem na oralidade, seguindo a mesma trilha dos romanceiros e nos menestréis, o que justifica o fato de o cordel ser um tipo de literatura desenvolvida no auge do improvisado dos violeiros e repentistas. São poetas que retratam aspectos do cotidiano da sociedade em que estão inseridos; é dessa forma que a Literatura de Cordel se constitui em uma espécie de “folkcomunicação”, por se tratar de um meio de comunicação originado no meio popular e que tem o poder de veicular a informação também entre as camadas populares. A autora traz em sua obra que Antônio Francisco é um poeta cronologicamente contemporâneo, mas que resgata a arte secular do cordel à medida que se apropria da estética do gênero para expressar sua poeticidade, e pela simplicidade de sua expressão, consegue interagir com todas as camadas da sociedade, sobretudo as camadas populares.

Luyten (2005) afirma que Luiz Beltrão (1965) definiu como folkcomunicação o sistema de comunicação por meio de fenômenos folclóricos, isto é, do povo para o povo. Com isso, surge outro termo, a folkmídia, que utiliza elementos da folkcomunicação pela mídia ou vice-versa. Segundo Mark Curran (1998) *apud* Pinheiro & Marinho (2012) o cordel funciona como crônica poética do povo nordestino e história nacional, relatada a partir de uma perspectiva popular. Os poetas retransmitem as notícias em linguagem popular, utilizando aspectos da experiência e visão de mundo dos leitores. Em uma mistura de fato e ficção, o cordel “informa, diverte e ensina” (CURRAN,1998, *apud* PINHEIRO & MARINHO, 2012, p.106).

Essa função do cordel, a bem da verdade, já foi muito mais destacada, quando a sociedade inculta, carente de toda infraestrutura básica, tinha nessa forma de literatura quase que o exclusivismo na tarefa de levar notícias para o povo, que se encarregava de disseminá-las em alpendres, durante as famosas retretas regionais em que se encontrava para conversas, etc. [...] A despeito disso, mesmo em tempos de televisão e internet, a literatura

de cordel continua sendo a porta-voz do falar e do pensar do povo, retratadas e suas marcas principais: o traço forte da oralidade, presente nas falas das personagens populares (sertanejos, brejeiros, etc), e a ideologia presente nas formas como esses personagens atuam e sobrevivem no interior das narrativas. (TÂNIA CARDOSO, 2004, *apud* FERNANDES CARLOS, 2015, p.19-20)

Pode-se considerar que a Literatura de Cordel é, basicamente, de informação e de entretenimento, sobretudo em uma época em que poucas pessoas não tinham acesso à leitura, porque muitas sequer sabiam ler. Esses poetas tinham a missão de levar informação a essas populações mais distantes dos centros urbanos e também carentes, entre tantas coisas, de acesso à educação. Eles davam voz e vida às personalidades típicas do sertão, às suas crenças, histórias e ideologias, suas narrativas são verdadeiros “causos” do povo. Em detrimento disso, tendo conhecimento dessa atribuição do poeta cordelista de um modo geral, o poeta Antônio Francisco, em toda sua obra, também se propõe a dar voz às alegrias e agruras de seu povo, trazendo uma mensagem de acalanto e de reflexão acerca das questões universais.

Fernandes Carlos (2015) afirma que em meios de comunicação, estes, de um modo geral, utilizam uma linguagem simples, composta tanto por aspectos da linguagem escrita quanto da oralidade, visto que esse nível de informatividade deve ser acessível a todas as camadas da sociedade. Dentre as expressões populares, as que mais interesse oferecem são as modalidades comunicativas, e entre elas, a poesia ocupa um lugar de destaque, pela sua dinamicidade e força de expressão. Na verdade, esperava-se que, com o advento das novas tecnologias de comunicação ao longo do século XX, como o rádio, depois a TV e anos depois a internet, o gênero cordel desaparecesse. Mas o que se percebe é que este gênero consegue acompanhar as transformações socioculturais e repaginar-se.

É importante mostrar que a literatura de cordel teve uma repaginação diferenciada, se partirmos da premissa de que é um fenômeno da cultura popular que não ficou preso às imediações da escola; a própria mídia, em todos os seus aspectos, dá visibilidade ao gênero, pela força de expressão e sua representatividade como símbolo da cultura nordestina, em linhas gerais, da cultura popular brasileira, trazendo com isso todo um resgate de valores humanos e literários. Isso é algo que tem grande importância no ensino do texto poético em sala

de aula e o poeta Antônio Francisco, por sua genialidade e resgate desses valores, humanos e literários, através de sua obra, dá todo o suporte para a nossa proposta de intervenção, pelo leque de possibilidades de trabalho que nos oferece.

1.1. SOBRE A XILOGRAVURA: O ELEMENTO VISUAL PARA A LITERATURA DE CORDEL

De acordo com Campos (2010) sobre a formatação dos folhetos de cordel, são publicações de pequenas dimensões (em torno de 11cm x 16cm), geralmente escritas em sextilhas e impressas em papel jornal, com capas que reproduzem desenhos feitos através de uma técnica chamada xilogravura (do grego xilón = madeira; grafo = gravar, escreve). No princípio, os folhetos eram conhecidos como romances, os estudiosos distinguem, dizendo que os folhetos são as publicações que têm 8, 12 ou 16 páginas, no caso, os romances seriam publicações mais extensas, com 24, 32, 48 ou 64 páginas, independente do tema (CAMPOS, 2010, p.148).

Em sua origem, o termo romance significa “língua popular”, que era o latim nos primeiros tempos da era Medieval. Segundo estudiosos, Silvino Pirauá (1848 – 1913) e Germano da Lagoa (1842 - 1904) foram os iniciadores do folheto no Brasil, embora Leandro Gomes de Barros tenha sido o primeiro a imprimi-los. Antônio Francisco procura, em sua obra, no que concerne à questão estética, sobretudo na quantidade de versos, assim como na métrica e na rima, resgatar a arte do cordel que se popularizou no Brasil, embora sua obra atualmente seja, em sua maioria, publicada em formato de livros, tanto voltados para o público adulto, quanto infantil.

Como afirmam Pinheiro & Marinho (2012), o uso da xilogravura nas capas dos folhetos não é tão antigo. Na década de 20 do século passado, os folhetos eram ilustrados com fotografias de artistas famosos da época e imagens clichês de cartões postais, sendo que as xilogravuras só vieram a aparecer nas capas dos folhetos a partir da década de 40. [...] As gravuras talhadas em madeira possibilitam aos poetas a edição dos folhetos e as imagens sempre representam uma síntese do conteúdo ou personagens principais dos folhetos. [...] (Pinheiro & MARINHO, 2012, p. 45-46).

Hoje em dia, os maiores centros de produção de xilogravuras encontram-se no Ceará e em Pernambuco. Dila, em Caruaru/PE, criou a linogravura, que substitui

a madeira por borracha. A xilogravura, além de mero artefato de criação de capas de cordéis, ganhou o *status* de trabalho artístico, ilustrando galerias de arte no Brasil e no exterior, tornando-se artigo de exportação. No tocante ao poeta Antônio Francisco, é importante frisar que ele também produz xilogravuras e que muitas das capas de seus folhetos foram produzidas por ele mesmo, assim, é importante levar essa informação aos alunos durante o processo de intervenção aqui intencionado, mostrando esta arte e que o poeta em questão também a produz.

1.2. O GÊNERO CORDEL DO PONTO DE VISTA ESTÉTICO E TEMÁTICO

Vale salientar que, no campo da estética, as formas mais comuns da poesia de cordel são a sextilha, que de acordo com Campos (2010, p. 28), “a sextilha é uma estrofe com seis versos, que na estrutura mais comum, rimam entre si os versos pares, ou seja, o 2º, o 4º e o 6º”; as décimas, que na concepção de Silva (2008, p. 33) “as décimas, de versos de dez sílabas, são, desde sua criação no limiar do século XX, as mais usadas pelos poetas de bancada e pelos repentistas [...], especialmente escolhidas para narrativas de longo fôlego”.

Fernandes Carlos (2015) mostra que entre outras formas estéticas bastante usadas, há ainda o martelo agalopado, que tem esse nome porque a disposição rítmica das sílabas poéticas soa como o trote de um cavalo. Segundo Silva (2008), o martelo agalopado é uma das modalidades mais antigas da literatura de cordel, foi criado pelo professor italiano Jaime Pedro Mariano (1665 - 1727), mas só em 1898, José Galdino da Silva Duda (1866 – 1931) dava versão definitiva ao atual martelo. Um modelo de verso também muito usado é o galope-à-beira-mar, que segundo Campos (2010, p. 42): “no estilo chamado galope-à-beira-mar, cada estrofe termina com a expressão “na beira do mar”, nesse caso, a deixa será no final do verso que vem imediatamente antes dele, ou seja, o final do 9º verso da estrofe.

Além das formas supracitadas, ainda existem outras que resistem ao tempo e à influência da pós-modernidade no fazer poético, como as pelejas e os ABCs. De acordo com Pinheiro & Marinho (2012, p. 26), “As pelejas podem basear-se em desafios reais ou imaginários e geralmente são escritas em versos de sete sílabas”. Os folhetos de circunstância, que para Pinheiro & Marinho (2012, p. 27), “Nesses folhetos é possível encontrar desde as últimas notícias sobre os acontecimentos

políticos do país e do mundo, até histórias curiosas de assassinatos de pessoas famosas ou assombrações que andam pelo sertão”. Já os ABCs são poemas narrativos em que cada estrofe corresponde a uma letra do alfabeto.

É importante apresentar essas concepções estéticas durante a intervenção, uma vez que se constituem em algumas das principais características do gênero cordel. Os cordelistas, de um modo geral, têm um profundo respeito por esses moldes estéticos, pois eles têm com muito mais significância o conceito de que um bom cordelista é aquele que, acima de tudo, escreve dentro dos moldes. Trazendo para o universo desta pesquisa, se faz necessário, durante a intervenção, deixar bastante claro para os alunos essas concepções estéticas e que elas são necessárias para a composição da poesia de cordel, até mesmo porque o próprio poeta em questão, o mossoroense Antônio Francisco, apropria-se com bastante cuidado dessas características no processo de composição de seus versos, utilizando principalmente a sextilha, a décima, o martelo agalopado e o galope-à-beira-mar. As pelejas e ABCs não são utilizadas pelo poeta.

Os folhetos de cordel também são classificados quanto aos eixos temáticos abordados. Maxado (2012) conceitua as categorias dos folhetos de cordel, como: de época ou ocasião, históricos, didáticos ou educativos, biográficos, de louvor e homenagens, de propaganda política ou comercial, promoção pessoal e anonimato, pasquim ou de intriga, de safadeza ou putaria, maliciosos ou de cachorrada, cômicos ou de gracejos, de bichos ou infantis, religiosos ou místicos, de filosofia, de conselhos e exemplos, de fenômenos ou de caos, maravilhosos ou mágicos, fantásticos ou sobrenaturais, de amor ou de romance amoroso, de bravura ou heroicos, de vaquejada, de presepadadas ou dos anti-heróis, de discussão ou desencontros. Classificando a obra de Antônio Francisco à luz da teoria de Maxado (2012), compreende-se que “Aquela dose de amor” o primeiro poema trabalhado, classifica-se como de “conselhos e exemplos”, uma vez que mostra, através do exemplo, uma reflexão a respeito das consequências de atos impensados. Sobre os cordéis de conselhos e exemplo, Maxado (2012, p.86) expõe:

Da mesma forma em que é um filósofo, o poeta é profeta e ainda um pai. Dá conselhos aos leitores e interpreta fatos e condutas. Alerta aos demais para fazer ou não isto ou aquilo. Propaga a sua moral ou a moralidade regional e religiosa. E, para ter mais força e

testemunho, invoca sinais dos tempos, as pragas, os avisos da natureza e outras sanções e ameaças divinas.

O segundo poema trabalhado, “A casa que a fome mora”, constitui em uma narrativa poética de caráter satírico, com certo teor aventuresco, uma vez que a personagem sai em busca de algo numa saga incessante, no caso, de um dos problemas de maior impacto social – a fome, e satírico por tratar da fome de forma irônica, mas como explica, na visão do autor, a verdadeira origem da fome, pode se classificar como “filosófico”, de acordo com Maxado (2012, p. 84) “os poetas também são filósofos. Explicam a criação das coisas; pregam o porquê de certas atitudes, condutas e costumes; as causas de carestia, da inflação, das secas, das enchentes; das pragas e de outras catástrofes”.

Outro cordel trabalhado, “Na beira do mar”, permeia entre duas categorias: a “biográfica”, por se relacionar a um evento ocorrido com o próprio autor, de sua vida pessoal; e a “religiosa ou mística”, por trazer a visão de mundo do poeta voltada para a sua fé cristã. Estas acepções serão apresentadas mais adiante, dentro da análise dos textos que serão trabalhados.

1.3. UM GÊNERO POPULAR E SUA IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO EDUCACIONAL

Entendemos que a poesia popular, por muito tempo, foi a voz do homem sertanejo, através da qual ele pôde manifestar suas alegrias e agruras através dos versos produzidos pelos poetas populares, e através também desses poetas, o sertanejo tinha acesso ao que se produzia nos grandes centros urbanos em termos de comunicação. No entanto, durante muito tempo, por sua origem popular, não tinha a notoriedade do meio acadêmico, que não reconhecia a canonicidade de obras populares, nem as considerava como objeto passível de estudos.

Além de sua contribuição jornalística, como forma de transmitir informação às camadas populares, Oliveira (2012) afirma que, no tocante à educação, o cordel foi, durante muitos anos, o único texto disponível para a alfabetização de milhares de nordestinos que viviam longe dos centros urbanos. A educação no Brasil a princípio foi um privilégio das classes altas durante todo o século XIX, fazendo como que as

taxas de analfabetismo, principalmente nas regiões rurais, continuassem bastante elevadas.

Os folhetos, como qualquer outro portador de texto, possuem uma inequívoca funcionalidade didática e informativa. Através da sua utilização como ferramenta educativa em leituras coletivas, a população mais pobre pôde, mesmo que de forma escassa e sem nenhum apoio das autoridades governamentais, aprender a ler e obter informações dos acontecimentos ocorridos nas cidades. Assim sendo, fazem-se ainda mais necessários os estudos sistemáticos sobre o cordel enquanto gênero literário e passível de canonicidade acadêmica. Durante muito tempo, o cordel não teve esse reconhecimento, os primeiros estudos sobre literatura de cordel tiveram início no final da década de 1970. Cavalcanti (2007, p.25) amplia sobre isso:

A partir de sua experiência de quase trinta anos de dedicação à pesquisa, Neuma Borges liderou a criação do Programa de Pesquisas em Literatura Popular (PPLP), na UFPB, em 1977, que veio consolidar o projeto de um centro de documentação ligado a este tema, e com o qual os pesquisadores do Brasil e de outros países pudessem contar como incentivo às futuras pesquisas, num intercâmbio cultural de reconhecido valor para a universidade, sobretudo em nossa região, foco histórico da nacionalização das manifestações da poesia popular – cantada ou escrita.

Segundo Oliveira (2012), contrária e paradoxalmente, poucos são os historiadores e críticos das obras desses mesmos artistas que têm a coragem (ou a honestidade crítica) de reconhecer a importância dessa arte não erudita no processo de criação dos artistas por ele estudados. Quando muito, reconhecem um tema, um argumento, ou outro elemento oriundo do folclore. A historiografia brasileira continua defasada e anacrônica, não conseguindo acompanhar o desenvolvimento de outros países, até mesmo da América do Sul, estando em total contradição com os tempos atuais, nos quais, manifestações literárias ligadas ao teatro, ao cinema (como os roteiros, por exemplo) aos “desenhos em quadrinhos”, à música popular etc. já merecem o devido destaque, sendo utilizadas como ferramentas imprescindíveis para o conhecimento pleno da cultura em sentido amplo.

Bosi (1992) *apud* Pinheiro & Marinho (2012), em suas reflexões sobre o popular e o erudito, afirma que deve existir uma relação amorosa para que seja fecunda a relação entre o artista e sua vida popular, pois sem uma empatia, um enraizamento profundo, o pesquisador de origem universitária se enredará pelo preconceito ou mitizará tudo que é ou que lhe pareça popular, ou ainda projetará pesadamente as suas próprias angústias e inibições na cultura do outro, ou, enfim, interpretará os modos de viver do primitivo, do rústico, do suburbano. Antônio Francisco, nesse sentido, quebra um paradigma. É um poeta de formação acadêmica e, no entanto, abraça a literatura popular para manifestar sua sensibilidade poética, fazendo-a dentro de seus moldes. Sem contar que, pelo teor reflexivo de seus textos, regado pela sutileza da expressão, o próprio meio acadêmico sentiu a necessidade de trabalhar sua obra, tanto que em 2010, a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte adotou sua obra *Dez cordéis num cordel* só como uma das obras a serem lidas para o vestibular desta instituição.

A literatura continua tendo a mesma importância no contexto educacional das primeiras décadas do século XX, porém, sob um novo viés. O professor, embasado nas palavras de Bosi (1992) *apud* Pinheiro & Marinho (2012), supracitadas no parágrafo anterior, não tem necessariamente o poder ou a necessidade de hipervalorizar essa cultura, mas de reavaliá-la e aplicá-la nesse novo contexto educacional, com critérios estéticos específicos, para que se possa compreender sua dimensão universal. Essa recente aceitação do cordel pelo meio acadêmico abre o leque de possibilidades de estudo e catalogação, dando um maior suporte inclusive aos professores da educação básica de como planejar com melhor embasamento o trabalho com a arte em questão na sala de aula.

É nessa perspectiva que ora se apresenta o trabalho “Tradução intersemiótica e Literatura de cordel: Antônio Francisco vai à escola”, no qual é mostrado como o aluno do Ensino Fundamental tem a possibilidade de conhecer a obra deste poeta popular, como forma de acesso e incentivo à prática da leitura através do gênero literatura e cordel. Assim como o estudante pôde também conhecer e resgatar uma manifestação autêntica da nossa identidade cultural, à luz da tradução intersemiótica, para, então, poder esse aluno intervir artisticamente através do trabalho com outras artes, apresentando toda carga de sentimento e emotividade despertada pela leitura do texto antoniano.

A importância de os alunos conhecerem a literatura popular é a de compreender suas próprias origens, a história de seu povo. Compreendendo também que a arte é passível de transformações e adaptações, que ganharam novos ares com o advento das novas tecnologias de comunicação como a TV e a internet, mas que ao contrário do que imaginava ou se previa, não é uma arte em desconstrução ou decadência e que através dela ainda é possível propor novas estratégias, sobretudo no ensino da leitura e da escrita.

Ao levar a literatura de cordel à sala de aula contribuimos no desenvolvimento da leitura e com isso promovemos atividades lúdicas que favorecem a manifestação da criatividade, traduzindo-a para outros segmentos da arte a interpretação dos textos de cordel. Com isso, é possível reafirmar a importância dessa forma secular do fazer poético, no incentivo à leitura e à escrita, o desenvolvimento da criatividade através da atividade lúdica, levando os alunos a traduzirem para outros segmentos da arte a interpretação que se obtém da leitura e compreensão dos textos.

2. SOBRE A TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA

Um ponto relevante neste trabalho trata da tradução intersemiótica, uma vez que se fala muito em novas e diferentes formas de leitura, sobretudo a leitura dos signos não verbais. Leffa (1996) aponta que a leitura é uma representação, um olhar sobre algo e a partir disso construir o que a imaginação permitir, que esse tipo de leitura, tão necessário no mundo globalizado e multicultural, se constrói a partir do conhecimento de mundo que o indivíduo tenha uma leitura que se faz sobre signos verbais e não verbais. Ou seja, uma leitura que se faz de várias formas sobre um mesmo signo, de extração e atribuição de significado.

A tradução seria, dentro desse contexto, uma forma de interpretar o que foi lido, uma transmutação da leitura de mundo, ou do texto verbal, em um signo não verbal ou de linguagem mista. Nesse sentido, Plaza (2003, p. 12) traz a seguinte afirmação:

Jakobson foi o primeiro a discriminar e definir os tipos possíveis de tradução. [...] A tradução intersemiótica ou “transmutação” consiste na interpretação de signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais ou de um signo para o outro, por exemplo, da arte verbal para a música, a dança, o cinema, ou a pintura.

Dessa forma, Plaza (2003) se apropria da afirmação de Jakobson para definir a tradução intersemiótica, sendo esta a perspectiva a partir da qual este trabalho é realizado, no caso, trabalhando-se com o texto verbal, sendo este a poesia de cordel do poeta Antônio Francisco. Plaza confirma que a recriação a partir da transmutação entre signos, seja da forma verbal para não verbal, ou entre signos de linguagens mistas, é possível, e demonstram a interpretação, as impressões do tradutor. A intenção global é fazer com que os alunos tenham acesso a esta leitura e esta seja de um deleite significativo ao ponto de despertar a criatividade dos jovens para que o trabalho de interpretação se traduza através da composição de material artístico, fruto do “deleite” literário sobre a leitura da obra antoniana.

Plaza (2003, p. 02), para melhor nortear sua ideia e assim embasar seu pensamento crítico sobre a transfiguração, resgata o pensamento de nomes da ciência e da literatura:

Para Einstein (que via a arte como metáfora do organismo vivo), uma obra de arte viva era aquela que permitia uma interpretação do espectador, ao engajá-lo no curso de um processo de criação em aberto. Para Marcel Duchamp, uma obra se completa com o público. E para Bakhtin, o “inacabamento de princípio” e a “abertura dialógica” são sinônimos. A história inacabada (assim como as obras de arte) é uma espécie de obra em perspectiva, aquela que avança, através de sua leitura, para o futuro. A história, então, pressupõe leitura. É pela leitura que damos sentido e reanimamos o passado.

Plaza traz concepções de Bakhtin, Duchamp e Einstein para mostrar que o inacabamento da arte predispõe que a interpretação possibilita novas repaginações da obra de arte. A própria intertextualidade permite dizer que a arte e a história são cíclicas, se permitindo novas transmutações e ressignificações, partindo do âmbito da leitura crítica, seja do signo verbal ou não verbal. Entenda-se por intertextualidade, segundo Ferreira (1979), em sua obra *Cavalaria em cordel: o reino*

das águas mortas, o conjunto de textos ou de referências culturais organizadas, que interferem no sentido ou na elaboração de uma obra. É preciso ver, no entanto, que a intertextualidade não designa um acrescentamento, mas o trabalho de transformação e assimilação de muitos espécimes, realizando, em geral, por sobre aquele que é centralizador e que mantém a liderança de sentido.

A arte, sobretudo a poesia, pode ser compreendida como um objeto em permanente construção. Sua subjetividade dá margem para infindas interpretações, e o ser humano tem a possibilidades de experimentá-las. Essa possibilidade de construção, numa perspectiva subjetiva, individual, dá ao jovem leitor a possibilidade de transfigurar seus próprios sentimentos, anseios. É uma interpretação que se faz a partir de uma leitura em que ele é agente, pois ele constrói um novo texto, um novo signo, carregado de significado trazidos de sua leitura, atrelando a isso as já existentes leituras de mundo que ele possui, suas marcas pessoais, individuais, o que implica na liberdade de criação. Sobre isso, Plaza (2003, p. 01) que:

A operação tradutora como trânsito criativo de linguagens nada tem a ver com fidelidade, pois ela cria sua própria verdade e uma relação fortemente tramada, entre seus diversos momentos, ou seja, entre passado-presente-futuro, lugar-tempo onde se processa o movimento de transformação de estruturas e eventos.

Dessa forma, a ideia de liberdade de criação corrobora com a ideia de que no ambiente da sala de aula, os alunos, quando da produção artístico-intelectual, devem produzir, de acordo com seu nível de entendimento e visão de mundo, com toda a criatividade que a liberdade de expressão pode proporcionar; assim, posicionando-se livremente ao desenvolver a leitura e, sobretudo, a interpretação, resultando desse processo a produção artística através da tradução intersemiótica. O resultado da interpretação em forma de produção artística, quando reflete a livre impressão do leitor acerca do que leu reflete o pensamento do mesmo acerca do signo reproduzido. Plaza (2003, p. 19) afirma que “o pensamento pode existir na mente como signo em estado de formulação, entretanto, para ser conhecido, precisa ser extrojetoado por meio da linguagem. Só assim pode ser socializado”.

A expressão do pensamento, princípio da produção artística, é primordial no processo de ressignificação do signo, seja ele verbal ou não verbal. Com isso, o

mesmo signo torna-se passível de reconstruções, dialogando, através disso, com o período histórico em que é feito esse resgate. Com a literatura de cordel percebe-se essa relação, seja pela musicalidade que sua estética produz, seja pelo resgate de sentimentos valores humanos, que na verdade são atemporais. Plaza (2003, p. 02) dialoga com a temporalidade mostrando que:

Só é possível compreender o presente na medida em que se conhece o passado. Esta é uma condição aplicada a quase todas as situações que envolvem o fazer humano. Duas formas de transmissão da história são possíveis: a forma sincrônica e a forma anacrônica. Esta mais própria do historicismo, aquela mais adequada e co-natural ao projeto poético-artístico e, por isso mesmo, a tradução poética.

A obra de arte se permite transfigurar-se, passando por ressignificações ao longo da história. Com base nisso é que se pode afirmar que é possível que a literatura de cordel, embora sendo uma arte secular, que tem como característica a fidelidade às formas fixas estabelecidas, se permita ser ainda traduzida de forma criativa. Na linguagem da poética antoniana essa nova roupagem se traduz através das temáticas reflexivas acerca dos valores humanos, sua relação com a natureza e a manifestação de suas convicções cristãs, que ele mostra em sua poesia com uma riqueza de detalhes que permite ao aluno de ensino fundamental uma interpretação de forma criativa, e com isso sendo possível apreender e ainda produzir conhecimento em forma arte.

No que concerne ao conceito de tradução intersemiótica, Haroldo de Campos (2006, p. 35), traz a seguinte colocação:

Então, para nós, tradução de textos criativos será sempre recriação, ou criação paralela, autônoma, porém recíproca. Quanto mais inçado de dificuldades esse texto, mais sedutor enquanto possibilidade aberta de recriação. Numa tradução dessa natureza, não se traduz apenas o significado, traduz-se o próprio signo, ou seja, sua fisicalidade, sua materialidade mesma (propriedades sonoras, de imagética visual, enfim, tudo aquilo que forma, segundo Charles Morris, a iconicidade do signo estético, entendido por *signo icônico* aquele “que é de certa maneira similar àquilo que denota”). O significado, o parâmetro semântico, será apenas e tão-somente a

baliza demarcatória do lugar da empresa recriadora. Está-se, pois, no avesso da chamada tradução literal

Campos dialoga diretamente com o princípio que se quer mostrar como produto da interpretação da poesia de cordel antoniana, exatamente ao propor que o signo pode ser ressignificado assumindo outras propriedades além do que o texto verbal pode oferecer, admitindo sonoridade e/ou plasticidade: a obra de arte. Essa é uma das bases sobre as quais se constrói o objetivo deste trabalho, dar ao aluno a possibilidade de leitura e releitura, de ressignificação, de tradução intersemiótica, ainda mais sendo feita no âmbito da coletividade da turma, partilhando entre eles, ideias e conhecimentos. Para entender mais sobre tradução e criatividade em equipe, Haroldo (2006, p.46-7) ensina:

O problema da tradução criativa só se resolve, em casos ideais, ao nosso ver, com o trabalho em equipe[.]. É preciso que a barreira entre artistas e professores de língua seja substituída por uma cooperação fértil, [...] o professor de língua tenha aquilo que Elliot chamou de “olho criativo”, isto é, não esteja bitolado por preconceitos acadêmicos, mas sim encontre na colaboração para a recriação de uma obra de arte verbal aquele júbilo particular que vem de um beleza para a ação ou em ação.

E pensando nesse trabalho em equipe é que ora se propõe a produção artística como produto de um processo de leitura, sendo o texto de cordel de Antônio Francisco entendido, nesse caso, como base à transfiguração de outras manifestações artístico-literárias; um trabalho em equipe, dinâmico, cooperativo, em que se é possível o compartilhar de impressões, sentimentos e sensações, mais ainda, entre jovens, com os quais se busca despertar o prazer pela leitura.

Com base na lição de Haroldo, apresenta-se um trabalho cooperativo entre os alunos, os quais têm autonomia para decidir para qual vertente artística traduzem suas impressões acerca da obra analisada. Assim, manifestando suas impressões através da tradução intersemiótica, sobre uma arte secular como a da literatura de cordel, apropriando-se da obra de um artista local com grande projeção como o poeta Antônio Francisco.

3. DAS CONCEPÇÕES INSTITUCIONAIS SOBRE O TRABALHO COM A LEITURA NA SALA DE AULA DO ENSINO FUNDAMENTAL

O trabalho em sala de aula está orientado e amparado por regras e leis institucionais que norteiam as metodologias utilizadas pelos professores. No caso do ensino de leitura não é diferente, e para que o trabalho do professor seja validado, é necessário que ele siga algumas orientações estabelecidas, embora tenha a liberdade de produzir, dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB nº 9.394/96) e do Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Estadual 30 de Setembro, onde o projeto de intervenção foi executado.

O trabalho com o desenvolvimento da linguagem, sobretudo através das habilidades de leitura e escrita, vem sendo uma das principais preocupações de todos os órgãos institucionais da educação básica, um dos principais objetivos do ensino fundamental focados pelo Ministério da Educação (MEC) dentro da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB nº 9.394/96):

Art. 32. O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão mediante:
I – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
II – a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que fundamenta a sociedade; [...](BRASIL, 2017, p.23)

Leitura e escrita são primordiais no processo de comunicação e construção dos saberes, o trabalho com a leitura, em variados gêneros, é de relevante importância nesse aspecto, o que leva a compreender que se faz necessário desenvolver atividades e projetos de leitura. O inciso II trata da compreensão “das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade”. (BRASIL, 2017, p. 23).

Vale ressaltar que o projeto aborda a tradução intersemiótica, ou seja, representação da interpretação textual através da produção artística, o que leva os alunos à reflexão tanto sobre texto escrito quanto do conceito e produção de arte, o

que leva a crer que a proposta de intervenção tem amparo dentro dos quesitos da lei supracitada. Ainda sobre os objetivos, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa referentes aos 3 e 4º ciclos trazem, dentre os objetivos do ensino fundamental (1998), que os alunos dessa fase sejam capazes de:

- Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer tipo de discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnias ou outras características individuais e sociais; [...]
- Utilizar diferentes linguagens – verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal – como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação; [...].(BRASIL, 1998, p. 07)

O texto dos PCNs trata da valorização do patrimônio sociocultural e um dos objetivos da intervenção é justamente resgatar a literatura de cordel, a partir da obra do cordelista mossoroense Antônio Francisco, através do trabalho de leitura em sala de aula. A literatura de cordel é de grande valor dentro da tradição literária brasileira, independente das distinções entre o popular e o erudito, pois é parte fundamental da cultura do povo brasileiro, sobretudo do Nordeste. Outro ponto dos objetivos expostos nos PCNs é com relação à utilização das linguagens como forma de expressão e interpretação, inclua-se nisso as várias formas de arte, uma vez que esta se relaciona diretamente com “interpretar e usufruir das produções culturais” (BRASIL, 1998, p. 07- 08).

A elaboração e execução desta proposta de trabalho com leitura e interpretação expressada através da tradução intersemiótica traz justamente essa pretensão. No âmbito escolar, de acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola onde o projeto foi desenvolvido, grande parte dos objetivos específicos, concebidos de acordo com o que determinam os PCNs, está relacionada aos princípios de uso das competências linguísticas, são eles (2016-2017):

O alcance desses objetivos ocorrerá paulatinamente, mediante ação coletiva de todos os integrantes da escola, tendo em vista:

A – Dominar a linguagem padrão, através do seu efetivo uso, proporcionando a aquisição de habilidades linguísticas que capacite o educando a produzir enunciados adequados a diversos contextos, identificando as dificuldades entre uma e outra forma de expressão;

B – Desenvolver atividades que privilegiem o ato da fala, tomando por base a leitura, a produção de textos, a análise linguística, a fim de que o educando se aproprie da linguagem que convém em ocasiões formais, garantindo-lhe o direito de voz;

C – Conhecer as formas e estruturas da linguagem, de forma a possibilitar as condições necessárias à elaboração de textos, a análise e à discussão dos erros cometidos, sua autocorreção e sua reelaboração;

D – Falar, consciente e deliberadamente sobre suas ideias, emoções, seu entendimento acerca de fatos do cotidiano, sobre os conteúdos das disciplinas estruturadas, respeitando a opinião do outro e/ou discordando, a partir de argumentos;

E – Participar das decisões, onde a produção de textos provenha da experiência do aluno, mediante atividades tais, como: redação de bilhetes, cartas, avisos, notícias para o jornal, texto para o jornal, mural, etc., integrado ao uso da fala e da leitura, independente das decisões do professor, proporcionando ao aluno maior segurança e motivação no desenvolvimento de suas atividades;

F – Utilizar procedimentos de leitura, priorizando, não apenas, a decifração de símbolos gráficos, mas, sobretudo, o processo de interlocução, visando:

- A busca de informação, entendendo-se também para que obter-se tal informação;
- Pretexto para dramatizar, ilustrar, desenhar e produzir novos textos;
- Interesse por leituras espontâneas e prazerosas, não apenas através de textos literários, mas também através de artigos de jornais e revistas, etc.
- Leituras de textos dissertativos e narrativos, procurando especificar a tese nelas defendidas, os argumentos apresentados, os contra-argumentos levantados, as teses contrárias, analisando o ponto de vista defendido pelos personagens;
- Estimulando aluno a procurar biblioteca da escola e/ou a biblioteca pública para buscar leituras e conhecimentos.

G – Compreender cidadania como participação social e política, como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e, exigindo para si, o mesmo respeito;

H – Posicionar-se com criticidade, porém, de forma construtiva e responsável, nas diferentes situações sociais, utilizando

o diálogo como meio de mediar conflitos para obter consensos, necessários à tomada de decisões;

I – Conhecer as características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, políticas, materiais e culturais, como forma de construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país;

J – Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, e dos aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação, baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais.

L – Perceber-se como elemento integrante dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações mantidas entre eles, contribuindo ativamente para melhoria do mesmo.

M – Proceder o desenvolvimento do autoconhecimento do aluno para a obtenção de maior confiança em sua capacidade afetiva, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimentos e o exercício da cidadania;

N – Conhecer o próprio corpo e dele cuidar, valorizando e adotando hábitos saudáveis, como aspectos básicos de qualidade de vida, agindo com responsabilidade em relação à saúde pessoal e à saúde da coletividade;

O – Utilizar as diferentes linguagens verbais, matemática, gráfica, plástica e corporal como meio de produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir as produções culturais em contextos públicos e privados, atendendo as diferentes intenções e situações de comunicação;

P – Utilizar diferentes fontes de informações e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos;

Q – Questionar a realidade, levantando situações-problemas e tratando de resolvê-las, utilizando os conhecimentos matemáticos, o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando suas adequações.

R - Oferecer uma Educação Inclusiva de qualidade. (PPP, Escola Estadual 30 de Setembro, 2016/2017, p. 19-20)

Grande parte dos objetivos traz a linguagem como de essencial importância no processo de aprendizado que a escola se propõe a seguir. Diante disso, para corresponder aos objetivos propostos, se faz necessário desenvolver atividades de leitura e interpretação para que esses objetivos possam ser alcançados, e este

trabalho, além da leitura do texto verbal, trata da transfiguração da interpretação e impressões deste para outras artes, o que pode tornar a leitura mais dinâmica, mais prazerosa, e principalmente, habitual. Entre outros projetos que contemplam a escola, no que concerne ao incentivo à leitura, de acordo o PPP (2016-2017) da escola, estão:

A - PROLER - Programa Nacional de Incentivo à Leitura. Vinculado à Fundação Biblioteca Nacional (FBN), órgão do Ministério da Cultura. Tem como objetivo Promover o interesse dos alunos do Ensino Médio, pela leitura e pela escrita, considerando a sua importância para o fortalecimento da cidadania.

B - MEDIADORES DA LEITURA – Secretaria de Estado da Educação promove Curso de Formação. O objetivo do projeto é a formação crítica do leitor, manutenção e uso de acervos bibliográficos nas bibliotecas, garantia do acesso democrático aos acervos das bibliotecas, e o incentivo a leitura e a escrita.

C - OLIMPÍADA LÍNGUA PORTUGUESA – Realização de um concurso de produção de textos que premia poemas, memórias literárias, crônicas e artigos de opinião elaborados por alunos de escolas públicas de todo o país. A escola participa desde 2009. (PPP, Escola Estadual 30 de Setembro 2016-2017, p.12)

Ou seja, a escola desenvolve ou participa de outros projetos de incentiva a leitura, de promoção nacional ou de iniciativa das secretarias estaduais. Isso mostra que a escola tem interesse em programas, projetos e ideias que disseminem e contemplem atividades de leitura e culturais, como aborda o projeto de intervenção executado na escola. O PPP da escola ainda traz a afirmativa, no que concerne ao planejamento por parte dos professores, que as atividades a serem trabalhadas com os alunos consistem em: “I – Desenvolver projetos de leitura e produção de texto;[...]" (PPP, Escola Estadual 30 de Setembro, 2016-2017, p. 23). Com base nisso, mais uma vez se firma a necessidade de se promover ações de leitura e interpretação com os alunos do ensino fundamental, nesse caso, do oitavo ano, como a que se propõe nesta intervenção.

3.1. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO – ESPECIFICANDO OS MÓDULOS DIDÁTICOS

Este ponto trata das etapas e sequência didáticas estabelecidas para a execução desta intervenção. O trabalho executado em sala de aula foi construído com base nos módulos didáticos propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) dos 3º e 4º ciclos do ensino fundamental. De acordo com os PCNs (1998), “os módulos didáticos são sequências de atividades e exercícios, organizados de maneira gradual para permitir que os alunos possam, progressivamente, apropriar-se das características discursivas dos gêneros estudados”. (BRASIL, 1998, p. 88)

Para a elaboração das aulas e sequências didáticas pertinentes a cada uma delas, os PCNs (1998) afirmam que é necessário planejar os módulos didáticos partindo do diagnóstico das capacidades iniciais dos alunos, para assim buscar instrumentos que possam promover a aprendizagem e superação das dificuldades. Ainda de acordo com os PCNs (1998), a elaboração dos módulos didáticos, nesse caso, exigem:

- Elaborar atividades sobre aspectos discursivos e linguísticos do gênero priorizado, em função das necessidades apresentadas pelos alunos;
- Programar as atividades em módulos que explorem cada um dos aspectos do conteúdo a serem trabalhados, procurando reduzir parte de sua complexidade a cada fase, considerando as possibilidades de aprendizagem dos alunos;
- Deixar claro para os alunos as finalidades das atividades propostas;
- Distribuir as atividades de ensino num tempo que possibilite a aprendizagem;
- Planejar atividades em duplas ou em pequenos grupos, para permitir que a troca entre os alunos facilite a apropriação dos conteúdos;
- Interagir com os alunos para ajuda-los a superar dificuldades;
- Avaliar as produções produzidas. (BRASIL, 1998, p.88)

A escolha da sequência didática em consonância com os PCN's é uma sugestão do Projeto Político Pedagógico da escola (2016/2017): “Utilizar os PCN's e as sugestões neles contidos e vivenciá-los nos procedimentos adotados em sala de aula”. (PPP, 2016/2017, p 23). Com isso, as sequências didáticas adotadas dentro

dos moldes predispostos melhor amparam os procedimentos adotados para esta intervenção.

Tomando por base esses aspectos, a proposta de intervenção está dividida em sete etapas, denominadas da seguinte forma: a) Diagnóstico; b) Leitura I – Aquela dose de amor; c) Introduzindo a teoria: falando sobre literatura de cordel, Antônio Francisco e tradução intersemiótica; d) Leitura II – Ente a música e a poesia: “A casa que a fome mora” e “Eu queria”; e) Visitando a obra antoniana – leitura de cordéis; e) Atividade avaliativa; f) Fazendo arte - oficinas de confecção de material artístico; g) Salão de Artes Integradas Poeta Antônio Francisco – culminância do projeto. As etapas acima descritas e todas as atividades referentes a elas serão executadas na turma do oitavo ano do ensino fundamental do turno vespertino.

3.1.1. – Primeira etapa - Diagnóstico

A primeira etapa da intervenção tem como título “Diagnóstico”, ou levantamento de dados e conhecimentos prévios. Foi ser desenvolvida no tempo estimado de duas aulas (100min) onde foi apresentada a proposta de intervenção de forma oral, em seguida os alunos responderam a um questionário impresso contendo cinco questões (ver apêndices), cuja finalidade é levantar os conhecimentos prévios dos alunos acerca dos conhecimentos dos alunos sobre literatura de cordel, sobre o poeta Antônio Francisco e acesso a arte.

Enquanto respondiam ao questionário, foram feitas intervenções de forma oral e individual de minha parte sobre os temas expostos, reforçando que a partir dos dados coletados, serão elaboradas outras atividades dentro de um projeto de resgate da literatura de cordel, que já havia sido abordado nas aulas anteriores (isso estará melhor explícito no próximo capítulo). As respostas obtidas visam sistematizar nível de conhecimento dos alunos acerca do tema e norteiam a elaboração das demais atividades, conforme mostram os PCN’s, “Elaborar atividades sobre aspectos discursivos e linguísticos do gênero priorizado, em função das necessidades apresentadas pelos alunos;” (BRASIL, 1998, p. 88).

3.1.2. Segunda etapa - Leitura I: “Aquele dose de amor”

A partir dos dados coletados, segue a sequência de atividades com uma proposta de leitura, intitulada “LEITURA I: “AQUELA DOSE DE AMOR””, sendo utilizado para este momento um dos cordéis do poeta Antônio Francisco, tendo como objetivo introduzir os alunos na leitura do gênero cordel. A atividade foi promovida em duas aulas (100min). O material utilizado foi cópias impressas do texto.

O texto trabalhado é o cordel “Aquele dose de amor” (ver anexo I), um dos cordéis que compõe a primeira obra publicada do autor, *Dez cordéis num cordel só*. A escolha desse cordel se deu pelo fato de ser rico em imagens e reflexivo do ponto de vista do comportamento humano, classificado como de conselhos e exemplos. Conforme Fernandes Carlos (2015, p. 59): “O poema pode ser classificado como um poema de conselhos e exemplos, uma vez que mostra, através do exemplo, uma reflexão a respeito das consequências de atos impensados”.

Antes disso, cada aluno recebeu uma cópia do texto, ao receberem, fora exposto a eles oralmente que o texto se trata de uma obra da literatura de cordel e pedido para que lessem com atenção e em voz baixa (leitura individual). Após a primeira leitura, foi feita a leitura do texto em voz alta pela professora. A leitura em voz alta aparece nos PCN's como alternativa de leitura por parte do professor:

Além das atividades de leitura realizadas pelos alunos e coordenadas pelo professor, há as que podem ser realizadas basicamente pelo professor. É o caso da leitura compartilhada de livros em capítulos que possibilita ao aluno o acesso a textos longos (e às vezes difíceis) que, por sua qualidade e beleza, podem vir a encantá-lo, mas que, sozinho, talvez não o fizesse.

A leitura em voz alta não é prática comum na escola. E, quanto mais avançam as séries, mais incomum se torna, o que não deveria acontecer, pois, muitas vezes, são os alunos maiores que mais precisam de bons modelos de leitura. (BRASIL, 1998, p. 73)

Por acompanhar a turma desde o início do ano, já se sabe quais as maiores dificuldades, sobretudo sobre o desenvolvimento da leitura, e um bom modelo de leitura se faz necessário para eles nessa fase de aquisição do hábito da leitura, as

mudanças de entonação enfatizando sentimentos e sensações das personagens se fazem importantes para a compreensão do texto por parte dos alunos. Após a leitura, foi trabalhada a análise e compreensão do texto. Para isso, se toma por base a proposta de análise de Fernandes Carlos (2015) que compõe o ponto 4.1 deste trabalho, corroborando com a proposta de análise de textos literários de Saraiva (2006), isto é, de leitura compreensiva, interpretativa e de aplicação:

A primeira etapa ou leitura *compreensiva*, que sempre exige a leitura integral do texto.[...]Dependendo da dificuldade que o texto oferece, a leitura compreensiva pode tornar-se perceptível apenas após vários exercícios de leitura, efetivando-se no momento em que o leitor se sente apto a responder à pergunta *o que o texto diz?* [...]essa etapa prevê a análise dos componentes técnico-literários que compõem o texto poético e que podem ser separados em diferentes níveis: o visual, já que a disposição gráfica pode sugerir significações; o fônico, cujos recursos da natureza melódica, tais como a rima, o metro, o ritmo, a assonância e a aliteração, concorrem para instaurar o sentido, o lexical e o sintático, cuja construção introduz efeitos de singularização e determina os núcleos de significação; o semântico, em que as imagens sensoriais se integram às figuras de linguagem e aos símbolos com o objetivo de construir a ambiguidade poética.[...]O passo subsequente é a leitura *interpretativa*. O trabalho interpretativo, portanto, revela-se com o desvelamento, elaboração e explicitação das possibilidades de significação do documento projetadas pela compreensão.[...]ao interpretar o texto, o leitor correlaciona-o à sua situação pessoal, de modo que significação textual passa a impregnar-se de sentido, isto é, experiência humana, cultural e historicamente situada, possibilitando que o texto se interponha como uma ponte entre o leitor e o mundo.[...]A terceira etapa, ou *etapa da aplicação*, [...]essa leitura contextualizada constitui, por conseguinte, uma motivação para a pesquisa da literatura como instituição sistêmica e visa responder à seguinte pergunta: *que diálogo há entre o texto e o contexto estético-histórico-cultural atual e o do momento de sua produção?* (SARAIVA, 2006,p.49-50)

A leitura individual e a leitura em voz alta estão dentro do momento de leitura compreensiva, proposta por Saraiva (2006). Fora isso, a compreensão, feita oralmente, em discussão, resumindo o contexto da narrativa. Ainda identificação dos aspectos estéticos, como exposto na análise no item 3.1 deste trabalho, os aspectos fônicos e visuais. Em seguida, a etapa interpretativa, a discussão de como os alunos compreendem questões como tempo, espaço, comportamento das personagens. E

por último, a contextualização, ou etapa da aplicação, em que os alunos dialogam com o próprio texto, confrontando as reflexões acerca do comportamento humano com suas atitudes pessoais e com o contexto da realidade.

Todas as etapas de análise e discussão do texto são feitas oralmente, dando liberdade de expressão ao aluno através da fala. Sobre a discussão oral de textos em sala de aula, os PCN's (1998) enfatizam:

Uma rica interação dialogal na sala de aula, dos alunos entre si e entre o professor e os alunos, é uma excelente estratégia de construção do conhecimento, pois permite a troca de informações, o confronto de opiniões, a negociação dos sentidos, a avaliação dos processos pedagógicos em que estão envolvidos. (BRASIL, 1998, p. 24)

Ao final da discussão, cada aluno ficou livre para dar suas opiniões e impressões pessoais do que achou do texto, de como cada um se comportaria no lugar de cada um dos personagens da história, e se eles pudessem, como eles mostrariam ao mundo a maneira de encontrar “aquela dose de amor” através da arte, deixando para eles a reflexão.

3.1.4. Terceira Etapa - Introduzindo a teoria: falando sobre literatura de cordel, Antônio Francisco e tradução intersemiótica

A terceira etapa trata-se de um encontro com duração de duas aulas (100min), cujo modelo é expositivo/participativo. Esta etapa traz um resumo da teoria da literatura de cordel, desde suas origens até os dias atuais, um pouco sobre a vida e a obra do poeta mossoroense Antônio Francisco e o que é a tradução intersemiótica.

Esta etapa tem como objetivo levá-los à compreensão das origens e evolução da literatura de cordel como gênero literário, assim como conhecer um dos principais cordelistas brasileiros da atualidade, sobretudo por ser mossoroense, como é o caso de Antônio Francisco e compreender a tradução intersemiótica como ferramenta de composição artística a ser usada como forma de interpretar os textos.

O material didático utilizado é folha impressa contendo o handout da aula e um exemplar da caixa-box contendo a obra completa do poeta Antônio Francisco.

Para iniciar a aula, são apresentados, de forma oral e resumidamente, o resultado da pesquisa feita na primeira etapa da intervenção para que eles entendam que é necessário obter mais conhecimentos sobre os temas abordados (Literatura de cordel, Antônio Francisco e tradução intersemiótica), e ainda lembrando o cordel que teria sido trabalhado na aula anterior. A partir disso, teve início a explanação acerca de pontos como: 1. O que é literatura de cordel; 2. Origens da literatura de cordel; 2.1. Na Europa; 2.2. No Brasil; 2.3. Leandro Gomes de Barros – considerado primeiro no Brasil a publicar cordéis; 3. O cordel como gênero literário; 3.1. Características; 4. O cordel e a educação; 5. O cordel na atualidade; 6. Quem é Antônio Francisco na literatura de cordel brasileira? 7. O que é tradução intersemiótica. A bibliografia utilizada para elaboração deste momento constará no handout.

Ao final da explanação, aberta para intervenções, críticas e perguntas dos alunos, os alunos foram convidados a trabalhar a literatura de cordel de Antônio Francisco e traduzirem intersemioticamente sua obra para outros tipos de arte e com esse material promover o Salão de Artes Integradas Poeta Antônio Francisco.

3.1.5. Quarta etapa – entre a música e a poesia: “A casa que a fome mora” e “Eu queria”

A quarta etapa trata-se de mais um momento de leitura e discussão de texto. A atividade é realizada no tempo de duas aulas (100min) e tem como objetivo a leitura, análise e discussão de dois cordéis, vendo-os dentro da perspectiva da tradução intersemiótica, uma vez que serão trabalhados em formato de música. Como material didático são utilizadas folhas impressas contendo os dois textos, quadro branco e lápis e o violão. O público alvo são os alunos do oitavo ano do turno vespertino.

No início, a abordagem é feita lembrando a aula anterior, quando se falou sobre os conceitos de literatura de cordel e tradução intersemiótica. Em seguida, são entregues as folhas com os textos impressos para que eles façam a leitura em voz baixa do texto I, “A casa que a fome mora” (o procedimento de leitura é o mesmo adotado na etapa “leitura I”: leitura em voz baixa, leitura em voz alta pela professora,

análise texto com base em Saraiva (2006) e Tâmara (2015). Porém, antes de passar para o texto II, será feita a abordagem do texto do ponto de vista da tradução intersemiótica, onde se falará sobre o processo de composição, isto é, adaptação do cordel a casa que a fome mora para a estética musical, mostrando como ficou o poema em formato de música executando no violão e cantando. Em seguida, todo o procedimento realizado com o cordel “A casa que a fome mora” será realizado também com o cordel “Eu queria”.

A análise, discussão dos textos, assim como o relato da experiência de composição é feita de forma oral, com ênfase na questão da tradução intersemiótica. Ao final é proposto que reflitam sobre questões sociais como a fome e a miséria e sobre as dúvidas e incertezas, assim como as perspectivas para o futuro, temas partir das leituras e audições dos textos-canções.

3.1.6. Quinta etapa – Visitando a obra antoniana: leitura de cordéis

A quinta etapa se trata de um momento de leitura livre, desprendida dos moldes teóricos até então adotados de leitura, análise e discussão, é muito mais um momento de deleite e prazer, sendo este o principal objetivo deste momento, além de ter um maior contato com a obra do poeta. Este momento tem duração de duas aulas (100 min), o material a ser utilizado será dois exemplares da caixa-box contendo a obra completa do poeta Antônio Francisco.

É necessário ressaltar o que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's, 1998) abordam sobre a leitura livre do texto, fazendo refletir e dando ênfase à importância desse processo:

- O professor deve organizar momentos de leitura livre em que ele próprio também leia, criando um circuito de leitura em que se fala sobre o que leu, trocam-se sugestões, aprende-se com a experiência do outro.
- O professor deve planejar atividades regulares de leitura, assegurando que tenham a mesma importância dada às demais.
- O professor deve permitir que os alunos escolham suas leituras. Fora da escola, os leitores escolhem o que leem. É preciso trabalhar o componente livre da leitura, caso contrário, ao sair da escola, os livros ficarão para trás.

Assim sendo, é importante deixá-los livres para escolherem, dentro da obra do poeta, quantos e quais cordéis vão ler. Podendo fazer trocas entre eles dos livros, podem ler em dupla, e enquanto leem, podem fazer comentários, trocar ideias. Enquanto leem, há o envolvimento da professora, que também participa do momento de leitura. Ao final, a professora pede que sejam definidos os grupos de trabalho e escolhidos os temas (no caso, a vertente artística) que serão trabalhados. Em caso de indecisões, a professora faz sugestões de como trabalhar os textos artisticamente, de acordo com o enredo do texto.

3.1.7. Sexta etapa – Atividade avaliativa

A sexta etapa desta intervenção concerne à atividade avaliativa. É uma atividade individual escrita, que engloba leitura, reflexão e interpretação, composta de dez questões, entre objetivas e discursivas, todas referentes ao texto e abordará um dos cordéis da obra antoniana, uma vez que a mesma vinha sendo trabalhada ao longo do bimestre.

O objetivo desta atividade, além de medir os conhecimentos até então adquiridos acerca da obra do poeta e sobre a literatura de cordel em linhas gerais, é atribuir uma nota, que valerá de 0,0 a 10,0, conforme o item L do Projeto Político Pedagógico da escola (2016/2017): “L – Para fins de registro, cada um dos resultados parciais terá um valor variável de zero (0,0) a dez (10,00), conforme o desempenho demonstrado pelo aluno.” (PPP, 2016-2017, p.28). Esta nota, junto às demais notas, atribuídas através de outras atividades do bimestre, compõe a média bimestral, a partir da média aritmética entre outras atividades avaliativas do bimestre.

A atividade é aplicada nessa fase da intervenção em virtude de seguir o calendário bimestral da escola, com o qual a execução do projeto coincidiu, uma vez que a semana em questão fora dedicada às avaliações bimestrais de todas as disciplinas, isto é, uma forma de trabalhar o tema dentro da programação proposta pela escola. A atividade avaliativa bimestral está prevista dentro do PPP (2016/2017) da escola: “I – Será oferecido ao aluno, ao final de cada bimestre, uma prova escrita individual, podendo ser substituída por outra atividade compatível com as

particularidades da disciplina, priorizando os aspectos práticos do desempenho do aluno;” (p. 28).

Assim sendo, a atividade avaliativa torna-se também uma forma de avaliar o aprendizado do aluno com relação ao tema proposto no projeto, porém, dentro do andamento pré-estabelecido dos eventos anuais da escola. Os alunos têm o tempo de duas aulas (100min) para responder à atividade, cuja cópia consta no apêndice deste trabalho.

3.1.8. Sétima etapa – Fazendo arte: oficinas de confecção de material artístico

Aqui os alunos confeccionam material artístico como forma de manifestar suas impressões de leitura, a interpretação acerca dos textos lidos, isto é, traduzir sentimentos, impressões e sensações através da arte, esse processo de tradução é o que se pode entender por tradução intersemiótica, conforme Plaza (2003), sendo este o objetivo desta etapa.

É partindo desta perspectiva que os alunos da turma do oitavo ano do turno vespertino participam de oficinas de confecção de material artístico, como forma de tradução intersemiótica da obra antoniana, cujos cordéis foram escolhidos por eles mesmos. As oficinas acontecem no período de dez aulas; a ideia inicial é que aconteçam em dois blocos de cinco aulas, em dois sábados consecutivos, porém, a escola informa que não será possível abri-la nesses dias, pois não há funcionários disponíveis nas datas necessárias. Então, as oficinas são realizadas durante a semana, no horário das aulas de Língua Portuguesa da turma, isto é, nos dois horários da terça-feira (15h40 às 17h) e os dois primeiros da quarta-feira (13h às 14h40).

A turma se dividiu em cinco grupos, que trabalharão respectivamente com os seguintes textos/temas: “Os animais têm razão”/teatro de fantoches; “Um bairro chamado lagoa do mato”/colagem; “Na beira do mar”/pintura em tela; “Aquela dose de amor”/história em quadrinhos; o grupo que escolheu trabalhar com música. Os textos na íntegra escolhidos constam nos anexos.

O material utilizado durante as oficinas foi definido por grupo. Para o teatro de fantoches são utilizados: caixa de papelão, cola, tesoura, TNT nas cores preta e vermelha, tinta guache (para a confecção da estrutura de apresentação) e meias, olhos de plástico utilizados na confecção de bonecos e cola de silicone (para

confeccionar os fantoches); para a colagem: folhas de papel peso 40 tamanho A4, revistas e livros para recorte, lápis de cor, tesoura e cola de papel; para a pintura em tela: tela de pintura tamanho 60cmx80cm, tinta acrílica em diversas cores, pincéis; para a história em quadrinhos: computador com internet onde se possa acessar site de criação de desenhos; para a música: violões e instrumentos percussivos.

A confecção do material acontece na sala de aula, com os grupos trabalhando simultaneamente, em caráter cooperativo, uma vez que membros de grupos diversos podem colaborar na elaboração e confecção do material de outros grupos. Em casa, os alunos estudam os respectivos textos, fazem leitura e reflexão sobre os mesmos, para que no último encontro da etapa das oficinas, que corresponde a duas aulas que acontecem excepcionalmente em uma segunda-feira (horário aproveitado em virtude de outra disciplina, cuja carga horária estará sendo encerrada, com um tempo de 100min) seja feito o ensaio geral da apresentação do Salão de Artes Integradas Poeta Antônio Francisco.

3.1.9. Oitava etapa – Salão de Artes Integradas Poeta Antônio Francisco – culminância do projeto

A última etapa do projeto é apresentada no turno matutino, no evento de encerramento do ano letivo, tendo como público os alunos do sexto e sétimo anos, uma vez que o evento é dividido em vários momentos; como se trata de projeto artístico que trabalha o texto de forma lúdica, a coordenação do evento orienta que a apresentação seja direcionada aos alunos mais jovens e em seguida o material produzido fique à mostra na escola para as demais turmas.

A apresentação dura cerca de cinquenta minutos e tem como objetivo apresentar e expor o material como resultado de um trabalho com a leitura do texto poético de Antônio Francisco. A professora fará a apresentação do projeto (5min), apresentação da pintura em tela (5 min), colagem (5 min), história em quadrinhos (10 min), música (10 min), teatro de fantoches (15 min).

3.2. DEMONSTRAÇÃO DE ANÁLISE

Neste ponto, são expostas análises do ponto de vista estilístico e temático da obra do poeta Antônio Francisco. Foram selecionados três cordéis, sendo eles “Aquele dose de amor”, presente na obra *Dez cordéis num cordel só*, “A casa que a fome mora”, publicado na obra *Por motivos de versos* e “Na beira do mar”, publicado na obra *O olho torto do rei*, edições lançadas dentro da obra completa, em formato de caixa-box, *Minha obra é um cordel*.

Os cordéis selecionados foram trabalhados em sala de aula e analisados para a composição da obra *Antônio Francisco: tradição e modernidade – uma poética da memória*, de autoria de Fernandes Carlos (2015), no entanto, as análises neste trabalho dão apontamentos de como aspectos semânticos e estilísticos serão trabalhados no contexto da sala de aula. A escolha da análise se dá pelas diferenças estéticas e semânticas existentes entre os cordéis, mostrando, dessa forma, a versatilidade do poeta e como ele trabalha temas como valores humanos, denúncia social e a relação humana com a natureza e o divino sob a estética cordelística.

3.2.1. Encontrando “Aquele dose de amor”: uma dose de lirismo nos versos antonianos

O poema “Aquele dose de amor” (ver anexo I) é uma narrativa poética que conta a história de um homem que caçava numa mata por diversão até atirar numa juriti e esta cair no chão. Nesse momento, surge um ancião oferecendo-lhe um pedaço de pão para que o homem sacie sua fome sem precisar tirar a vida daquele animal. Porém, o homem lhe interrompe dizendo que matava meramente por diversão, não para sua subsistência. O ancião lhe fala que é uma atitude compreensível, uma vez que lhe faltava no coração uma certa “dose de amor”. A partir daí, o ancião relata uma história, que segundo o narrador, que nesse momento passa a ser o ancião, supostamente seria a história da criação do homem, exatamente no momento em que Deus construía a parte sentimental do mesmo. O ancião aparece como o ajudante de Deus, que é designado para pegar no “depósito” o vidro que contém o amor para colocar no coração do homem; porém este, ao voltar, entreteve-se com as belezas do jardim e perde o pote que continha o Amor.

Ele volta ao depósito e pega outro pote idêntico ao primeiro, porém sem observar com atenção o que estava escrito no rótulo, leva até o homem e coloca o conteúdo do pote no coração do mesmo. No outro dia, Deus observa um comportamento totalmente diferente do que ele deveria ter depois de colocada a dose, ao conferir, qual não foi a tristeza de Deus vendo que ele trocou o pote e ao invés de colocar amor, colocou ódio no coração humano. O ancião, que à época do acontecido, era uma criança, entende que fez uma coisa muito errada e um profundo desgosto se apodera dele, que parte dali e vai embora a buscar “aquela dose de amor”, mas por onde passa vê o resultado de sua displicência: a atrocidade humana pela falta de amor no coração.

A construção estético-estilística dos versos de “Aquela dose de amor” é de fato condizente com a forma fixa do cordel. Assim sendo, constitui-se de sextilhas; segundo Campos (2010, p. 28): “A sextilha é uma estrofe com seis versos, em que, na estrutura mais comum, rimam entre si os versos pares, ou seja, o 2º, o 4º e o 6º”. O poema é composto de 32 estrofes; um texto relativamente longo se comparado a publicações mais recentes do autor, uma característica que curiosamente se verifica em toda obra *Dez cordéis num cordel*, que mais ainda se assemelha aos versos de cordel mais antigos e que muito pode levar o leitor a fazer alusão às antigas narrativas épicas da antiguidade clássica, assim como os antigos romancieiros, trazendo isto como herança estilística dos cordéis clássicos. Cada estrofe do poema é composta de seis versos de sete sílabas poéticas, contadas até a última sílaba gramatical mais forte do verso (no caso, a penúltima sílaba forte de algumas palavras, como as que estão em destaque), uma das formas mais comuns de composição poética deste gênero, como se pode observar nos versos a seguir no poema de Francisco (2011, p. 29):

Eu/ an/da/va/ mais/ na/ **som**/bra
 De/vi/do ao/ sol/ mui/to/ **quen**/te,
 Quan/do/ vi u/ma/ ju/ri/ti
 Be/ben/do/ nu/ma/ ver/**ten**/te.
 A/ti/rei/, e/la/ vo/ou,
 Mas/ foi/ ca/ir/ lá/ na/ **fren**/te.

O poema pode ser classificado como um poema de conselhos e exemplos, conforme Maxado (2012) uma vez que mostra, através do exemplo, uma reflexão a respeito das consequências de atos impensados.

No texto, o poeta coloca elementos da religiosidade cristã, como a figura de Deus, o ancião como filho dele, e ainda cita passagens da história que remetem à questão do cristianismo, como as Cruzadas. E com isso, aconselha o ser humano a buscar “aquela dose de amor” perdida no mundo, para que a coloque no coração e seja melhor, e também construa um mundo melhor. De uma linguagem simples, coloquial, que muito se assemelha à oralidade cotidiana, reproduzindo-a na escrita, porém não chega aos moldes tradicionais da linguagem típica do cordel, se pensarmos no mesmo como a “voz” do sertanejo, não utilizando deste, necessariamente, sua variante linguística, uma vez que Antônio fala por ele próprio, um poeta desprendido dos formalismos acadêmicos, embora tenha formação superior, e utilizando os vícios de linguagem comuns à fala do dia a dia, como o uso de pronomes oblíquos no início dos versos de Francisco (2011, 30):

Me vali da humildade
 E disse: - Perdão, senhor,
 Desculpe a minha ignorância,
 Mas lhe peço, por favor,
 Que me conte essa história
 Sobre essa dose de amor.

Em geral, os cordéis antonianos são ricos em imagens, as quais o poeta se apropria dos diversos recursos estilísticos que a língua portuguesa dispõe para compô-las: a metáfora e a personificação são, por exemplo, constantes na sua construção poética. O poeta ainda se apropria do processo de efabulação na construção de sua narrativa. Na sala de aula, foram realizadas explicações e discussões acerca dessas questões estéticas e estilísticas, a partir da leitura do texto, com base na proposta de Saraiva (2006) de análise textual, cuja teoria embasa as sequências didáticas aqui apresentadas. Entenda-se por fábula, de acordo com Franco Júnior:

A fábula é um conceito que compreende os acontecimentos ou fatos comunicados pela narrativa, ordenados, lógica e cronologicamente,

numa sequência nem sempre correspondente àquela por meio da qual são apresentados, no texto, ao leitor. Ela exige do leitor a capacidade de realizar uma síntese da história narrada. (FRANCO JÚNIOR, 2009, p. 36)

O próprio poeta Antônio Francisco, em entrevista concedida à autora para a obra *Antônio Francisco: tradição e modernidade – uma poética da memória*, afirma (2015, p. 86) que “eu quando escrevo um cordel e quando dá eu coloco uma fábula dentro dele, um conto, uma história”. O autor acaba fazendo da personificação uma característica marcante em sua obra. Entende-se por personificação, de acordo com Campos (2010, p. 60): “Prosopopeia (ou personificação) – é a atribuição de sentimentos ou ações próprias dos seres humanos a objetos ou seres irracionais”. Assim sendo, sua narrativa se vale de fatos que fazem parte do senso comum do seu meio, levando-se em conta o contexto sociocultural onde vive o poeta, intertextualiza-se com passagens da Bíblia, como a criação do mundo e do homem.

Para a sala de aula, com esse trabalho, apontar/mediar determinados aspectos é relevante, uma vez que desenvolve a capacidade crítica e a leitura de mundo do aluno quando se relaciona o texto a outros contextos, outras realidades. No poema, o poeta recria as imagens a partir do conhecimento de passagens bíblicas inserindo outros elementos, uma vez que o enfoque é contar, de forma fabulosa, a origem do sentimento no coração humano. O poeta “coisifica”, substancializa esses sentimentos, colocando-os em “potes” como se fossem, de fato, ingredientes concretos para a constituição da personalidade humana como aponta Francisco (2011, p. 32):

Depois disse: - “Filho vá
Amanhã lá no quintal,
Na casa dos sentimentos,
Perto do poete do mal...
Traga a dose de amor
E bote nesse animal.”

[...]Quando eu notei que perdi
Voltei correndo pra trás,
Procurei por todo canto,
Mas cadê eu achar mais.
Aí fiz a loucura
Que toda criança faz.

Voltei, peguei outra dose

Igualzinha a do amor,
 O vidro da mesma altura,
 O rótulo da mesma cor...
 Cheguei em casa e botei
 No peito do predador.

Na narrativa, a figura de Deus mostra, desde o princípio, que o homem está em pé de igualdade com os outros animais, e em sala de aula, esse é um dos tópicos discutidos em sala de aula, isto é, a relação do ser humano com outros animais e as semelhanças e diferenças de seu comportamento diante deles uma vez que Deus também o considera como tal, porém considera que o homem precisa de um “ingrediente” a mais que o diferencie dos demais bichos conforme Francisco (2011, p. 31):

Pai me disse: - Filho, eu fiz
 Da formiga ao pelicano
 Botei veneno na cobra
 Bico grande no tucano
 Agora estou terminando
 Este animal ser humano.

Nota-se nos versos antonianos uma alusão ao que pode significar uma preocupação com a preservação da natureza a partir do princípio da sustentabilidade, retirar da natureza sem agredi-la e consumir somente para a própria subsistência, como mostra Francisco (2011, p. 30):

O velho disse: - “Senhor,
 Não quero lhe ofender,
 Mas se está com tanta fome
 E não tem o que comer,
 Mate a fome com este pão
 Deixe este pássaro viver”.

Ao mesmo tempo em que é perceptível outra questão, que se constitui na abordagem principal do texto, a matança por prazer, o consumismo desenfreado, sendo que, em sala de aula, devem ser levadas aos alunos questões como “por que o homem mata por prazer?” e “o que é consumismo?” e que problemas essas

questões podem trazer para a vida das pessoas para que os alunos reflitam. Na perspectiva do texto, a visão deles em que o mais fraco é sempre vencido pelo mais forte, com se pode ver na resposta do homem ao ancião como aponta Francisco (2011, p. 30):

Eu disse: - “Muito obrigado,
 Pode guardar seu pão...
 Eu gasto mais do que isso
 Com a minha munição.
 Eu mato só por prazer
 Eu caço por diversão

A poesia lírica é também, na maioria das vezes, reflexiva e crítica, sendo a reflexão uma marca que o autor sempre procura deixar em seus textos, pois de uma forma um tanto eufemística, o poeta chama a atenção para problemas sociais, e isso deve ser um dos pontos a serem discutidos em sala de aula; ele entende esses problemas como sendo resultado do desvio de comportamento humano, como agressão aos animais, o que se pode perceber nos seguintes versos de Francisco (2011, p. 32):

Mas logo no outro dia
 Meu pai sem querer deu fé
 Do animal ser humano
 Chutando um sapo com o pé
 E no outro ele mangando
 Dos olhos do caboré.

Sobre a poesia lírica, Para Vilarinho (2013) *apud* Fernandes Carlos (2015), o termo “lírico” vem do latim (*lyricu*) e quer dizer “lira”, um instrumento musical grego. Durante o período da Idade Média, os poemas eram cantados e divididos por métricas (a medida de um verso, definida pelo número de sílabas poéticas). A combinação de palavras, aliterações e rima, por exemplo, foram cultivadas pelos poetas como forma de manter o ritmo musical. Logo, essa é a origem da métrica e da musicalidade na poesia. A temática lírica geralmente envolve a emoção, o estado de alma, os pensamentos, os sentimentos do eu-lírico, e também os pontos de vista

do autor e, portanto, é inteiramente subjetiva. Sátira – é a poesia que ridiculariza os defeitos humanos ou determinadas situações.

Antônio critica as mazelas humanas que causam os problemas sociais, como a hipocrisia, a mentira, o preconceito e o uso das doutrinas religiosas como forma de escravidão e depreciação humana, por falta da suposta “dose de amor”, como aponta Francisco (2011, p 34):

Sem ela, vocês humanos
 Não sabem dar sem pedir
 Viver sem hipocrisia
 Ficar por trás sem trair
 Nem distante do poder
 Nem discursar sem mentir.

Sem ela vocês trucidam
 E batizam os crimes seus,
 Na era medieval
 Queimavam bruxas e ateus
 E perseguiram os hereges
 Usando o nome de Deus.

Sem ela, foram pra África
 E fizeram a escravidão
 Com os grilhões do preconceito
 Escravizaram o irmão
 Com a espada na cintura
 E uma bíblia na mão.

Nesse trecho, o poeta faz um paralelo entre dois sentimentos contrários em sua natureza para o ser humano: amor e ódio. No entanto, ele mostra que embora sejam opostos entre si, eles estão presentes no coração do homem. O fato de confundir amor com ódio mostra que, na prática, o homem pode mascarar o sentimento de ódio para obter vantagens sobre outros seres humanos, como escravizá-los em nome de um suposto Deus, sob ameaça de violência “com a espada na cintura/E uma Bíblia na mão”. Em sala de aula, a relação estreita entre sentimentos divergentes como amor x ódio pode ser levantada para reflexão; outro questionamento, do ponto de vista histórico, seria lembrar quais acontecimentos se deram “em nome de Deus?”.

A conotação dos potes parecidos, a confusão que a criança faz é a forma metaforizada com a qual o poeta mostra que, na realidade, diferenciá-los acaba sendo uma questão de discernimento, e porque não, bom senso, conforme o trecho:

Voltei, peguei outra dose
Iguazinha a do amor,
**O vidro da mesma altura,
O rótulo da mesma cor...**
Cheguei em casa e botei
No peito do predador
(FRANCISCO, 2011, p.32)

Antônio Francisco resume e faz uma reflexão sobre a questão da falta de amor no coração humano e o porquê da criação de “Aquela dose de amor”, como Fernandes Carlos (2015, p. 83) expõe:

Eu sou formado em História e caçava também. Um dia eu cheguei a uma lagoa e tinha um bem-te-vi em cima de uma ovelha, os bichos todos ali: cavalo, passarinho, rolinha, “avoete”, juriti, e nenhum deles haviam lido a Bíblia nem ido à universidade; o único animal que estava ali e tinha ido à universidade e lido a Bíblia era eu. E quando eu entrei na lagoa os bichos correram com medo de mim, aí eu me perguntei: mas por que tanto medo os bichos têm do homem? O que é que está faltando? Foi aí que eu fiz “Aquela dose de amor”. O que eu acho bonito é que encontro o dono do mundo no Nordeste, eu o coloco aqui, e saio atrás daquela dose. Na verdade, eu saio atrás do pássaro ferido, aí quando eu escuto a conversa, eu saio atrás da dose de amor para botar no meu coração. E depois eu ainda digo “Se acaso algum de vocês...” o verso final, porque eu acho uma felicidade você encontrar o lado bom seu, e eu acho que todo mundo tem esse lado escondido, o modelo de vida nessa correria louca é que faz com que você se endureça tanto.

Trata-se, portanto, de um poema confessional, uma vez que o próprio autor afirma se revelar através do eu lírico, numa perfeita simbiose entre este eu e o eu biográfico, resultando na natureza da verdade poética que deveras o poeta traduz. Antônio Francisco coloca toda sua carga de sentimentos nas personagens. Ele afirma que as atitudes e os pensamentos tanto do caçador quanto do ancião são aquilo que ele próprio é em sua essência. Criador e criatura se confundem. E assim,

Antônio Francisco se apropria de um gênero secular do fazer poético, com suas formas estéticas fixas, e com linguagem simples que em muito se assemelha à oralidade, busca uma reflexão acerca da miséria social através da efabulação de passagens de textos conhecidos, reconstruídos a partir de sua própria vivência e conhecimento de mundo, e sua temática acaba sendo bem mais universalizada, o que contribui para que o gênero cordel continue atual e existente.

Com o objetivo de tornar essa arte atual e existente, e acima de tudo, acessível ao público infanto-juvenil, contribuindo diretamente para a formação desse público como leitor, é que se faz necessário levar essa obra ao contexto da sala de aula, para que textos como “Aquele dose de amor”, que pode ser considerado um misto entre a intensidade do sentimento e a serenidade da expressão, uma vez que o poeta leva a uma reflexão profunda através de uma linguagem simples, constitua o repertório de leitura destes jovens. A proposta de Saraiva (2006) de análise de texto pode abrir os horizontes de compreensão e interpretação do texto por parte desses alunos, uma vez que explora o texto em vários aspectos, sobretudo na contextualização com a realidade.

3.2.2. “A casa que a fome mora”: a denúncia social nos versos de cordel antonianos

Através da poesia, Antônio Francisco exerce também o seu papel cidadão, e através de sua poética, revela as mazelas sociais mais contundentes, ainda que de forma metafórica. “A casa que a fome mora” é uma narrativa poética que em muito se assemelha às fábulas gregas, personificando sensações e sentimentos, este é um traço marcante na obra de Antônio. Seus poemas são ricos em imagens, construídas a partir do uso de recursos linguísticos, como as figuras de linguagem.

“A casa que a fome mora” é dos cordéis que compõe o livro *Por motivos de versos* e se constitui em uma narrativa poética de caráter lírico-satírico, com certo teor aventureiro, uma vez que a personagem sai em busca de algo numa saga incessante, no caso, de um dos problemas de maior impacto social – a fome, e satírico por tratar da fome de forma irônica, mas como explica, na visão do autor, a verdadeira origem da fome, pode se classificar como filosófico, de acordo com Maxado (2012)

O eu lírico, que é também narrador, uma vez que o texto é narrado em primeira pessoa, a partir de uma perturbação inicial que surge ao saber dos danos

que a fome faz na sociedade, resolve sair atrás dela, como se ela fosse, de fato, alguém que praticasse propriamente a ação de provocar estragos, e vai a lugares que, em sua concepção, residia a fome. Durante sua busca, inicialmente numa favela, pois acredita ser lá o lugar onde ela “mora”, encontra outros sentimentos e sensações que derivam da ação deste ser: a miséria, o orgulho, a ilusão, sonhos despedaçados, assim como também os bons sentimentos – como o perdão, a humildade, a caridade, o amor, que estariam lá por compadecimento pelas agruras provocadas pelos sentimentos anteriormente citados, todos em formas humanas, neste mesmo reduto – a favela.

Uma vez não encontrando a fome num lugar onde supostamente, em sua concepção, deveria estar, foi, no dia seguinte, procurar a fome num sobrado, um lugar abastado, e qual não foi sua surpresa ao encontrar a fome confortavelmente deitada em uma rede. Seu espanto foi ainda maior ao perceber que o perfil da mesma em nada se assemelhava ao resultado que provoca, a fome era uma bela e saudável mulher. Ao indagá-la, esta lhe confirma ser realmente a fome, disse o que faz e do que se nutre e encerra a conversa dizendo que de nada adianta procurá-la nas favelas, porque não reside nesses lugares, neles, só deixa o resultado do que provoca, ironizando, inclusive, ao afirmar que as mazelas que provoca são resultado da “burrice” do povo.

Todas essas questões supracitadas estão dentro da sequência didática de trabalho com cordel “A casa que a fome mora”, analisado a partir proposta de Saraiva (2006), levando-se em total relevância o que atestam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s, 1998) e o Projeto Político Pedagógico da escola (PPP, 2016/2017) sobre o ensino de leitura em sala de aula. Como o texto foi adaptado à estética musical, trabalhado como possibilidade de tradução intersemiótica, mostrando que a transmutação de um signo verbal para outro signo é possível e como se deu processo de adaptação do texto, assim como a construção da composição musical, em harmonia com a essência do texto.

O poema “A casa que a fome mora” é uma narrativa composta por versos com sete sílabas poéticas; também é composto em décimas, porém não segue, definitivamente, os padrões estéticos do cordel, de acordo com Campos (2010, p. 34-35):

A décima é uma estrofe com dez versos. Possui diversos tipos de estrutura de rimas, sendo que as mais usadas são as seguintes: 1º tipo de estrutura – é o tipo mais comum, em que os versos rimam da seguinte forma:

- O 1º com o 4º e o 5º
- O 2º com o 3º
- O 6º com o 7º e o 10º
- O 8º com o 9º

(...) 2º tipo de estrutura – em que os versos rimam da seguinte forma:

- O 1º com o 3º
- O 2º com o 4º
- O 5º com o 6º
- O 7º com o 10º
- O 8º com o 9º

No entanto, embora o poema seja composto por décimas, ele não segue a estrutura das rimas estabelecidas por essas normas. As rimas acontecem entre o 2º e o 3º versos, o 4º e o 5º, o 6º e o 7º, o 8º e o 9º, o 10º rima com o 6º e o 7º, sendo que o primeiro não rima com os demais; o poeta estabelece, com isso, um estilo próprio no que concerne à disposição de rimas, adotando sua própria musicalidade, uma atitude poética desprezada de conceitos estabelecidos, muito mais tenta inovar a forma de um fazer poético tradicional, sem deixar a dever ao que é conceito na Literatura de Cordel.

Antônio dá voz a um eu lírico metonímico, uma vez que ele simboliza toda uma sociedade na busca da razão das atrocidades cometidas pela fome. Em sala de aula, é importante promover uma discussão, levando os alunos a uma reflexão a respeito do comportamento da sociedade diante do problema da fome. Na verdade, o eu lírico traduz mais uma vez o sentimento do próprio autor, que se coloca no texto como esse alguém que procura uma razão e uma explicação para esse fenômeno social. É uma forma de manifestar sua indignação, um desabafo como expõe o poeta, em entrevista concedida a Fernandes Carlos (2015, p. 84):

Quando eu faço um “assim” (referindo-se ao poema em análise no anexo II) e outro “assim” (referindo-se ao poema do anexo I), eu faço um paralelo entre os dois, as duas estradas eu chego a me surpreender também. Como é que eu fiz “Aquela dose de amor” e “A casa que a fome mora”? Porque em “A casa que a fome mora” eu tinha muita vontade de dizer ao povo que uma pessoa que estuda a sociedade vê os desperdícios e faz comparações, o tanto que se gasta para tentar matar a fome já mata a fome. Eu fui atrás da fome,

e você encontra a fome no desperdício né? [...] onde eu fui procurar a fome é aonde eles vão e é o resultado do que eu digo, superfaturamento disso, daquilo...

O poeta se questiona, ao mesmo tempo em que se surpreende, de ter feito dos cordéis em que pode manifestar sentimentos diferentes de indignação diante das mazelas sociais, questiona inclusive, a forma como o ser humano trata os problemas sociais, o quanto é capaz de se aproveitar da situação, dando o exemplo do superfaturamento. Ou seja, a literatura de cordel tendo, mais uma vez, a função social que tinha desde as primeiras épocas, a função informativa. Aparecem, em um primeiro momento, duas linhas de reflexão acerca da trama nesta narrativa, de acordo com Franco Júnior (2009, p. 36), entenda-se por trama:

A trama é um conceito que corresponde ao modo como a história narrada é organizada sob a forma de texto, ou seja, ela é a própria construção do texto narrativo, sua “arquitetura”. [...] A trama da narrativa revela, ao ser identificada, o trabalho de criação do escritor, as escolhas textuais que ele fez pra contar a história daquela maneira.

Com isso, são passíveis de reflexão dois fatos: a atitude do eu lírico em buscar as razões que culminam na miséria social provocada pela fome, isto é, até onde esse eu lírico é representação fiel da sociedade e que camada social ele representa; e o discurso da fome a partir do momento em que o eu lírico lhe pergunta o nome. Num primeiro momento, observa-se que o eu lírico do poema (ver anexo II) reage aos relatos dados por um sujeito indeterminado como mostra Francisco (2011, p. 31):

Eu/ de/ tan/to ou/vir/ fa/lar
 Dos/ da/nos/ que a/ fo/me/ faz
 Um/ di/a/ sa/í/ a/trás
 Da/ ca/sa/ que/ e/la/ mo/ra
 Pa/ssei/ mais/ de/ u/ma/ ho/ra
 Ro/dan/do/ nu/ma/ fa/ve/la

Por/ be/co/, gue/to e/ vi/e/la
 Mas/ vol/tei/ de/sa/ni/ma/do
 A/bo/rre/ci/do e/ can/sa/do
 Sem/ ter/ vis/to o/ ros/to/ de/la.

A divisão silábico-poética confere justamente com as informações anteriormente citadas acerca da adequação estética do poeta ao estilo, no caso, do cordel. Todos os versos possuem sete sílabas poéticas, se contadas até a última sílaba forte de cada verso, sendo a última sílaba forte a última de palavras oxítonas como “falar”, monossílabos tônicos como faz e “trás” e a penúltima sílaba das oxítonas “hora”, “favela”, “viela”, “cansado”, “desanimado” e “dela”. Podendo ser trabalhado em sala de aula dentro da análise do texto proposta por Saraiva (2006), que contempla a análise dos elementos estéticos e linguísticos do texto, conforme sequência didática proposta quanto à “leitura compreensiva”. Voltando ao enredo, vemos que é no ambiente da favela que o eu lírico encontra todos os sentimentos e sensações que habitam o coração humano, todos personificados e praticando suas ações partindo de suas características e peculiaridades, conforme Francisco (2011, p. 31-32):

Vi a cara da miséria
 Zombando da humildade
Vi a mão da caridade
 No gesto de um mendigo
 Que dividia o abrigo
 A cama e o travesseiro
 Com um velho companheiro
 Que estava desempregado
Vi da fome o resultado
 Mas dela nem o roteiro.

Vi o orgulho ferido
 Nos braços da ilusão
Vi pedaços de perdão
 Pelos iníquos quebrados
Vi sonhos despedaçados
 Partidos antes da hora
Vi o amor indo embora
Vi o tridente da dor
 Mas nem de longe vi a cor
 Da casa que a fome mora.

Vi num barraco de lona
 Um fio de esperança
 Nos olhos de uma criança

De um pai abandonado
 Primo carnal do pecado
 Irmão dos raios da lua
 Com as costas seminuas
 Tatuadas de caliça
 Pedindo um pão de justiça
 Do outro lado da rua.

Vi a gula pendurada
 No peito da precisão
Vi a preguiça no chão
 Sem ter força de vontade
Vi o caldo da verdade
 Fervendo numa panela
 O jejum numa janela
 Dizendo aqui ninguém come
 Ouvi os gritos da fome
 Mas não **vi** o resto dela.

É possível observar que a figura de linguagem predominante em todo poema é a personificação, uma vez que os sentimentos e sensações assumem características humanas. De fato, a figura personificada dos seres assume a responsabilidade de objeto simbólico das ações humanas, mas para efeito da licença poética e para tornar a narrativa mais simbólica do ponto de vista literário, mas não menos crítica do ponto de vista social, o autor se vale dos recursos linguísticos. Entenda-se por licença poética, segundo Campos:

Licença poética é a liberdade que se tem para extrapolar as regras da gramática e da lógica em favor da beleza, geralmente com o uso de palavras que se aproximam mais da linguagem falada, ou então, de figuras de linguagem que não se enquadram perfeitamente nas normas do pensamento lógico. (CAMPOS, 2010, p. 62)

No trecho supracitado do poema em análise, ainda é possível identificar que, para enfatizar o que viu na favela, o eu lírico usa a repetição do verbo “ver” no início da maioria dos versos, no momento em que descreve as atitudes dos sentimentos e sensações no ambiente da favela. Para isso, o autor se apropria de uma figura estilística que lida com a musicalidade do texto poético – a anáfora. Entende-se por anáfora, de acordo com Campos (2010, p. 154) “Anáfora – repetição

de uma palavra ou expressão no início de versos seguidos”. Que será trabalhado oralmente dentro da proposta de leitura compreensiva, isto é de compreensão e discussão do texto, de Saraiva (2006).

O eu lírico, que é também, no caso, o narrador, aborda como eixo temático a questão da fome, que é uma sensação de todo ser vivo, que deve ser saciada sempre que manifestada pelo organismo, pois é dos princípios de sua existência, para isso deve alimentar-se. Enquadra-se como um dos maiores problemas de cunho social, que desencadeia uma série de outras complicações, como o crime, a violência e o flagelo humanos, pois vivendo numa sociedade de consumo, capitalista, tudo é conseguido através da força que a move – o dinheiro, inclusive a alimentação, e muitos indivíduos não conseguem proventos suficientes para comprar seu alimento e saciar sua fome e de sua família.

O eu lírico busca encontrar o “lugar” onde está a fome enquanto problema social, num primeiro momento procura-a numa favela, e mesmo encontrando toda sorte de problemas sociais, não encontra, de fato, a fome nesse ambiente. O que se vê nos versos a seguir mostra a frustração do eu lírico diante da situação, pois o óbvio para ele era justamente encontrar a fome nessa favela, mas o que encontra é somente o resultado, o caos social que ela provoca, como aponta Francisco (2011, p. 33) no trecho:

Passei a noite acordado
 Sem saber o que fazer
 Louco, louco **pra** saber
 Onde a fome residia
 E porque naquele dia
 Ela não **foi na** favela
 E qual o segredo dela
 Quando queria pisava
 Amolecia e matava
 E ninguém **matava ela.**

Os termos em destaque mostram nitidamente as marcas da oralidade no texto poético em análise, uma vez que, além de ser característico do gênero cordel, é também uma característica intrínseca ao poeta; ele reproduz uma linguagem cotidiana, despreendida de regras gramaticais, mas não chega a se considerar uma variante linguística sertaneja, muito mais representa a fala do homem urbano, até

porque ele é um indivíduo urbano, poética e socialmente. Marcas que mostram o rompimento com regras gramaticais mais presentes na fala, como a contração da preposição “para” para a forma “pra”, o desvio da regência do verbo ir em “foi na favela”, onde o gramaticalmente aceitável para a escrita, de acordo com a regra de regência verbal seria “foi à favela” e o uso do pronome reto “ela” como objeto direto do verbo matar, em “e ninguém matava ela”, onde o gramaticalmente aceitável na escrita padrão seria “e ninguém a matava”, uma vez que, de acordo com as regras gramaticais, o pronome reto não deve ser usado como objeto. No entanto, essas marcas de desvio da norma padrão da gramática podem ser justificadas por dois fatores: a licença poética, que permite alterações na estética gramatical em nome da estética poética, favorecendo a musicalidade; e o uso da linguagem coloquial e das variantes linguísticas, ambos característicos do gênero cordel.

No dia seguinte, procura em um lugar que supostamente seria o oposto do que ele viu, num sobrado, e nesse momento encontra a fome “em uma rede estirada no alpendre da mansão”. As características descritas pelo eu lírico mostram que ele se surpreende com o que vê, o estereótipo da personagem da fome era completamente diferente daquilo que ele imaginava, ele projetou uma imagem da personagem fome a partir do resultado que ela provoca no contexto social, como se pode ver nos versos de Francisco (2011, p. 33):

Eu pensava que a fome
Fosse magricela e feia
Mas era uma sereia
De corpo espetacular
E quem iria culpar
Aquela linda princesa
De tirar o pão da mesa
Dos subúrbios da cidade
Ou de pisar sem piedade
Numa criança indefesa?

A partir de então, entra em cena o discurso da fome, ela que aparece como uma imagem personificada, como descreve o narrador quando a vê “uma ‘sereia’ de corpo espetacular” com um discurso consideravelmente irônico-sarcástico, diante das circunstâncias em que atua. De acordo com Campos (2010, p. 161):

Ironia – figura pela qual se diz o contrário do que se quer dizer ou se utiliza palavras de duplo sentido. Entre as modalidades de ironia estão o eufemismo, que consiste numa ironia sutil, com a suavização de expressões mais rudes, e o sarcasmo, que é uma ironia mais “pesada”.

Partindo desses conceitos, será discutido em sala de aula o conceito de ironia e por que o poeta teria utilizado essa figura de linguagem no texto. É possível ainda analisar mais claramente o discurso da fome nos seguintes versos de Francisco (2011 p. 34-35)

Engoli três vezes nada
 E perguntei o seu nome
 Respondeu-me: - sou a fome
 Que assola a humanidade
 Ataco vila e cidade
 Deixo o campo moribundo
 E não descanso um segundo
 Atrófiando, matando
 Me escondendo e zombando
 Dos governantes do mundo.

Me alimento das obras
 Que são superfaturadas
 Das verbas que são guiadas
 Pros bolsos dos marajás
 E me escondo por trás
 Da fumaça do canhão
 Dos supérfluos da mansão
 Das soma dos desperdícios
 Da queima dos artifícios
 que cega a população.

Tenho pavor da justiça
 E medo da igualdade
 Me banho na vaidade
 Da modelo desnutrida
 Da renda mal dividida
 Na mão do cheque sem fundo
 Sou pesadelo profundo
 Do sonho do boia fria
 E janto todo dia
 Nos cinco estrelas do mundo.

Através do discurso irônico da fome, é perceptível a crítica social em diversos aspectos, da economia – como nos versos “da renda mal dividida/ na mão do

cheque sem fundo”, quando fala nas “obras superfaturadas”, da prestação de serviços “como na vaidade da modelo desnutrida” criticando, inclusive, a resignação da figura feminina diante dos padrões de beleza estabelecidos, e do comportamento pacífico do povo diante dos problemas sociais, quando este fecha os olhos para os problemas sociais diante dos “artifícios que cegam a população”, que simbolizam os folguedos e festejos populares que “mascaram” a crise social. E encerra o poema ironizando de forma pesada a sociedade como um todo, tratando como “burrice” o comportamento do povo e seus governantes, mostrando com isso que a origem do problema está sendo buscada onde ela mais causa impacto, isto é, nas camadas menos favorecidas.

Observa-se, portanto, que o poeta tem a preocupação de utilizar sua arte como forma de conscientização do povo, mostrando-se socialmente atuante, que usa a arte literária como forma de expressão, com uma linguagem simples, coloquial, moderna, utilizando a musicalidade e a estética do cordel como instrumento lúdico de comunicação, e com isso transmite uma lição de cidadania através de uma arte secular, porém totalmente repaginada. E esse sentimento de indignação diante dos problemas sociais, como a fome e a forma como o ser humano lida com essas questões sejam compreendidas dentro das leituras propostas por Saraiva (2006) e que isso possa ser manifestado em forma de arte através da tradução intersemiótica.

3.2.3. “Na beira do mar”: o poeta redescobre o mundo e seu criador contemplando a natureza

Diante das intempéries da vida, dos problemas sociais, o poeta ainda consegue, por mais urbano ou cosmopolita que seja, sensibilizar-se e sensibilizar seus semelhantes absolvendo os fluidos da natureza, e projetá-los através do exercício incessante da palavra. “Na beira do mar” é um dos poemas que compõem a obra *O olho torto do rei* e através dele o poeta Antônio Francisco consegue manifestar seu encantamento diante de um cenário originalmente natural – o mar, que exerce o fascínio aos olhos do poeta.

O cordel “Na beira do mar” (ver anexo 3) trata de uma história ocorrida num ambiente praiano. Segundo o eu poético, este estava a caminhar um tanto apressadamente quando lhe cai do pé esquerdo o tênis. Ele para de caminhar e, ao

se sentar para calçá-lo, observa o mar e um coqueiro que havia na praia, do qual ele estava próximo. De acordo com a narrativa poética, o eu poético esboça todo seu encantamento diante desse cenário natural, passando a descrever admiradamente tudo que o compunha: fontes, dunas, o ritmo das marés, peixes voadores, golfinhos, gaivotas, e o que parece ter lhe chamado mais a atenção – um coqueiro, que segundo ele, mais parecia um “velho guerreiro”. Ao perceber e se encantar com todo aquele cenário, o eu poético fica a se perguntar quem o teria feito, quem seria o autor de daquele lugar, com todas aquelas belezas e particularidades, e segundo ele, o vento lhe responde que o autor daquele cenário “reside no céu”, e que este havia deixado somente suas pegadas na beira do mar.

Segundo o autor, o poema, que se encontra na íntegra no anexo II deste trabalho, tem no enredo da narrativa poética uma história real, uma passagem da vida do poeta, como ele mesmo descreve em entrevista concedida a Fernandes Carlos (2015, p. 93-94):

Na verdade, eu fui mostrar o coqueiro a essa mulher (aponta para a esposa), eu não sei se está lá ainda esse coqueiro na beira do mar, aí eu tomei as dores do coqueiro. E outra coisa, o tênis caiu “de vera”, é uma história real, eu saí e o que eu não vi com os olhos eu vi com a mente. Depois desse poema eu nunca mais dei as costas para o mar, eu vou dar as costas pro mar? Eu estou ali por causa dele. Eu fiz esse poema e vi tudo isso de que falo, agora o coqueiro eu fui mostrar a ela. Eu passando na praia correndo o tênis caiu, fui calçá-lo e olhando o mar, disse: “meu Deus do céu, eu passo aqui correndo sem olhar um negócio desse, pensei: vou escrever um poema, quando cheguei à casa, escrevi. Quando eu ia voltando eu vi o coqueiro, raiz de fora, a maré “comendo”, e foi num segundo que observei, e eu usava um chapéu também e pensava “ qual o fabricante que tinha se lembrado de fazer isso tudo?”

A fala do poeta na entrevista comprova o fato de o poema se tratar de uma passagem da vida pessoal do autor e de seu fascínio diante do mar e todo o ecossistema que lhe é peculiar. O que mais uma vez mostra que a poesia de Antônio Francisco é, também, uma poesia confessional, subjetiva, profundamente lírica, traduzindo os seus próprios sentimentos através da palavra escrita em versos. Este cordel permeia entre duas categorias: a biográfica, por se relacionar a um

evento ocorrido com o próprio autor, de sua vida pessoal; e a religiosa, por trazer a visão de mundo do poeta voltada para a sua fé cristã.

Ao observar a estrutura na qual foi escrito, compreende-se que o poema foi feito dentro de uma das formas fixas mais antigas e tradicionais da poesia de cordel, o chamado galope-à-beira-mar:

Os galopes são estrofes com 10 versos (décimas), com um ritmo bem característico, que lembra o galope de um cavalo. Alguns dos galopes mais característicos são: Galope-à-beira-mar – estrofe com versos de 11 sílabas poéticas com terminação em “na beira do mar”, galope à beira mar ou semelhante. (CAMPOS, 2012, p.132)

O que se pode observar, a partir da análise estrutural do cordel em questão, é que a construção do mesmo condiz com a forma fixa supracitada, como se vê nos versos a seguir de Francisco (2011, p. 93):

Na/ bei/ra/ do/ mar/ um/ pou/co a/pre/ssa/do
 O/ tê/nis/ es/quer/do/ ca/iu/ do/ meu/ pé
 Pa/rei/ pra/ cal/çá/-lo/ aí/ eu/ dei/ fé
 Das/ coi/sas/ que/ an/tes/ não/ ti/nha/ no/ta/do
 O/ meu/ co/ra/ção/ ba/teu/ a/pre/ssa/do
 Na/ cai/xa/ do/ pei/to/ que/ren/do/ sal/tar,
 Tal/vez/ me/ pe/din/do/ pra/ eu/ de/co/rar
 As/ coi/sas/ que/ têm/ no/ mar/ pra/ se/ ver
 Eu/ não/ fiz/ ou/tra/ coi/as/ so/men/te/ es/cre/ver
 As/ coi/sas/ que/ vi/ na/ bei/ra/ do/ mar.

De fato, a contagem de versos e de sílabas poéticas condiz com a estética típica do galope-à-beira-mar, embora seja intuitivamente que, muitas vezes, o poeta siga as formas fixas inerentes ao gênero cordel. Mas com o que ele realmente se preocupa é em manter o ritmo, a musicalidade, que é o que deveras o encanta e o faz exercer sua arte usando a estética da poesia em cordel, uma vez que ele também acredita nessa forma estética para a conquista do leitor em potencial, como ele mesmo afirma em entrevista concedida a Fernandes Carlos (2015, p. 93):

Quando eu vou na estrutura do verso eu não paro, [...] porque se parar cansa o leitor, além de cansar você “bota” só pra rimar. Aí o cara diz ah, ele decora por causa das rimas, é não, é pelo ritmo. Essa musicalidade é o que faz também com que o leitor se encante.

O poeta mostra com isso que sua literatura tem o objetivo de seduzir o leitor e o quanto a escrita é comprometida com ele, com o cuidado na interpretação que ele fará do seu verso usando a musicalidade como objeto lúdico do que ele realmente pretende transmitir, ou seja, almeja que a mensagem contida implícita e também explicitamente em seu verso alcance o leitor-ouvinte. No que utiliza a musicalidade como objeto de aquisição da atenção do leitor, sua mensagem também tem um cunho didático-pedagógico, por sua linha poética estar profundamente voltada para a formação do caráter cidadão do leitor, musicalidade e reflexão são uma constante em sua obra.

Esta análise de texto compõe o livro *Antônio Francisco: tradição e modernidade – uma poética da memória*, de Fernandes Carlos (2015). No entanto, embora o cordel “Na beira do mar” não tenha sido selecionado para o trabalho de leitura em sala de aula dentro da proposta de Saraiva (2006), a análise compõe este trabalho uma vez que um dos grupos o escolheu para ser traduzido intersemioticamente.

No poema em destaque, o poeta chama a atenção, diante de seu encantamento para dois fatos: exaltar a natureza, do ponto de vista de sua beleza; e a origem de todas as coisas que vê naquele ambiente. O poeta, quando chama a atenção para o fato de estar “apressado”, no momento em que avista o mar, intuitivamente se predispõe a levar o leitor a pensar que é também parte daquele ambiente, e de fato, como o ser humano vive intensamente uma vida agitada e, muitas vezes, não se permite ao contágio pelo encantamento e sensação de paz interior e liberdade que a natureza pode promover no íntimo humano.

O mar, em toda a história da literatura, desperta a sensibilidade dos poetas, pelo misto de mistério e encantamento. E o poeta resgata a *metáfora do mar* para, antes de tudo, mostrar o seu próprio prazer em estar diante dele, uma vez que sua obra tem um forte apelo lírico, confessional, e para exaltar a natureza de uma visão mais generalizada, e até mesmo de forma fantástica como ao dizer nos versos do

poema: “Vi peixe que pula da água pra fora/Tem outros a que sabem até mesmo voar”. A forma como o escritor se refere a determinadas espécies de peixe pode levar a crer que aquilo que é descrito é fruto da imaginação do leitor-ouvinte, e levando-se em consideração que o peixe é um animal completamente aquático, seria, no plano real, inverossímil que ele “soubesse voar”, mas compreende-se que se trata de uma forma metaforizada de descrever as espécies pertencentes ao ecossistema marítimo. Há um item nesse ambiente que chama, particularmente, atenção do poeta, como ele mesmo cita na entrevista feita; o poeta descreve-o da seguinte forma (2011, p. 94):

Na beira do mar eu parei um segundo
Para observar um grande coqueiro
Que mais parecia um velho guerreiro
Em fim de carreira cansado e corcundo.
Raízes de fora, quase moribundo,
Pedindo pro vento não lhe derrubar
Pra ele jamais deixar de escutar
A linda sereia que vem nas marés
Gritar, recitar e cantar nos seus pés
Os versos que fez na beira do mar.

A figura do coqueiro, de fato, como o próprio poeta afirma, chama-lhe bastante a atenção. Ele se sensibiliza com a condição do mesmo, e a ele atribui um endeusamento, faz dele um personagem à parte, personificando-o e dando ao mesmo a conotação da resistência, embora dê também a conotação da humildade quando o apresenta “pedindo pro vento não lhe derrubar” para ainda poder ouvir “a linda sereia que vem nas marés/ Gritar, recitar e cantar nos seus pés”, e que apesar de sua condição “em fim de carreira, cansado e corcundo” ainda carrega consigo a força de um “velho guerreiro” para ver tudo isso. A figura da sereia, enquanto ser mitológico ligado ao mar, auxilia na construção mítico-heróica da figura do coqueiro. Da forma como descreve e pela carga de subjetividade identificada na obra antoniana, torna-se perceptível que o autor se identifica e se solidariza com a metáfora do coqueiro personificado. Outro aspecto que desperta a atenção remete a outro pensamento, quando leva o leitor a refletir sobre a origem da natureza, como descreve nos versos do poema de Francisco (2011, p. 94):

Na beira do mar um pouco sisudo,
 Chapéu na cabeça cobrindo o semblante
 E me perguntando qual o fabricante
 Que se lembrou de fazer isso tudo?
 Qual o engenheiro que tem tanto estudo?
 A cabeça fervia de tanto pensar
 Mas disse-me o vento no seu linguajar:
 Esfrie a cabeça e tire o chapéu
 Quem fez tudo isso reside no céu...
 Só deixou as pegadas na beira do mar.

Na estrofe final do poema, o eu lírico, que é também narrador (e autor), levanta um questionamento, quem seria o autor de todo aquele cenário que despertava tanto encantamento? O poeta atribui a essa pergunta uma resposta que é própria de sua concepção metafórica acerca da origem do mundo, embora não menciona nenhum nome emblemático das sagradas escrituras de nenhuma doutrina religiosa, ele revela um lado místico, transcendental, e mostra ter a crença num ser supremo que tudo há criado.

Antes disso, ele mecaniza a criação, para situar o leitor num espaço de coisas reais quando questiona “E me perguntando qual o fabricante/ Que se lembrou de fazer isso tudo?/ Qual o engenheiro que tem tanto estudo?” equiparando a obra natural a uma obra de engenharia, seria possível também compreender no trecho certa ironia, no momento em que faz a comparação, à supervalorização à mecanização da vida urbana, em que todas as coisas são realmente fabricadas. Seria possível compreender que o eu lírico chama a atenção para o fato de que uma “obra” grandiosa e consideravelmente perfeita não teria sido, de fato, fabricada, e sua origem, por ser atribuída a um fabricante que “reside no céu” não teria uma explicação lógica, mas o fato é que, inexplicável ou não, a “obra” estava diante dos olhos dele era palpável, tal como uma obra de engenharia. E “ao deixar as pegadas na beira do mar” mostra que, no plano real, não existem pegadas, porque não se fixam, por muito tempo, marcas nesse lugar em virtude dos movimentos das águas marítimas por conta das marés, com total incapacidade de registro ou fossilização, mostrando assim, a fragilidade e a vulnerabilidade do ser humano diante da própria natureza e do conhecimento de sua origem, e com isso, reconstruindo o mito da criação do mundo a partir da crença em um ser supremo que tudo criou.

Percebe-se, mais uma vez, um poeta comprometido com o resgate de uma arte secular como o cordel, perceptível ao se analisar o texto do ponto de vista estilístico. No que concerne à temática, une elementos essencialmente místicos como a crença num ser supremo, no mito bíblico da criação do mundo recriado pelo autor, e a reflexão sobre o valor, sobretudo, sentimental que a natureza pode exercer sobre o homem, uma vez que diante da mecanização das relações sociais, econômicas e até mesmo humanas, o ser humano acaba encontrando na natureza sua paz interior.

Os três poemas mencionados, “Aquele dose de amor”, “A casa que a fome mora” e “Na beira do mar”, são parte da obra de Antônio Francisco, apresentados em seu formato completo para que os alunos possam escolher, de maneira autônoma, com quais trabalharem. Apresentar estas análises nesse momento tem sua relevância, uma vez que mostram as peculiaridades linguísticas, estéticas e temáticas e, sobretudo, a grandiosidade da obra, o quanto de reflexão acerca dos valores e comportamento humanos ela pode proporcionar, principalmente a jovens que ora se constroem como leitores e, por que não, como artistas, uma vez que traduzem a arte poética para outras formas de arte.

4. O POETA SE FAZ VERBO E VAI À ESCOLA – UMA EXPERIÊNCIA COM A OBRA ANTONIANA EM SALA DE AULA

4.1. DO QUE TRATA A INTERVENÇÃO

O texto literário tem uma particularidade de grande importância para o ensino de leitura, o despertar da curiosidade, da criatividade e do senso crítico, uma vez que a literatura é subjetividade, impregnada das impressões pessoais de quem a produz. Sobre o texto literário, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998), voltados para o Ensino Fundamental, são enfáticos nesse aspecto:

O texto literário constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e da intenção estética. Não é mera fantasia que nada tem a ver com o que

se entende por realidade, nem é puro exercício lúdico da linguagem e da língua (BRASIL, 1998, p.26).

Com base nisso, é possível compreender que, embora se possa tratar dos diversos aspectos da linguagem dentro do texto literário, embora seja preciso ter em mente que esse não é o princípio do trabalho com a literatura, por suas particularidades, principalmente por se tratar de um trabalho, sobretudo, artístico, feito com todo o labor que é próprio da arte; no tratamento com o texto literário deve ser enfatizada a construção do leitor, para que este seja capaz de compreender e reconhecer os diversos tipos de leitura proporcionados pela literatura.

Os PCN's colocam que a literatura tem a condição de se desenvolver a criatividade, não se trata de uma fantasia, e sim de outra realidade, seja ela construída, redimensionada ou reinventada. Espera-se que esse leitor, no caso, o aluno, depreenda disso a magnitude que o texto literário tem na construção da linguagem, na construção da cultura de um povo, da leitura de mundo, pois é capaz de mostrar a realidade de múltiplas formas, de maneira multifacetada. Ainda de acordo com os PCN's:

O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias (BRASIL, 1998, p.27).

No caso da construção da tradução intersemiótica, não se trata de uso de texto como pretexto, mas se trata de um produto final do trabalho com o texto, de interpretação e recriação por parte do leitor, que depende do desenvolvimento de todas as habilidades com a leitura. Para realizá-la é necessário, como expressam os PCN's, "reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias". A tradução intersemiótica se constitui, de acordo com Plaza (2003, p. 12), "na interpretação de signos verbais por meio de

sistemas de signos não verbais ou de um signo para o outro, por exemplo, da arte verbal para a música, a dança, o cinema, ou a pintura”. Portanto, em uma forma de manifestar as impressões apreendidas do texto, uma manifestação criativa, lúdica, artística.

Sobre o trabalho com a disciplina de Literatura no Ensino Fundamental II, Carlos (2017), em seu artigo “O ensino de literatura no Ensino Fundamental II: um desafio para professores do século XXI”, afirma que se observa é um distanciamento da importância da literatura como disciplina formadora, isso porque, em detrimento do aperfeiçoamento da tecnologia e das demandas mercadológicas, a disciplina passou por um processo de rebaixamento, uma vez que não condiz com o imediatismo das atuais relações sociais e econômicas. Com isso, a complexidade característica da subjetividade do texto literário perde lugar para a fluidez da velocidade das informações e a racionalização do currículo. Corroborando assim com as ideias de Perrone-Moisés (2016, p. 70) ao afirmar que:

O declínio do prestígio cultural e social da literatura, no fim do século XX, afetou seriamente seu estudo. Numa sociedade dominada pela tecnologia e pela economia de mercado, a disciplina literária sofreu um rebaixamento. Os economistas veem a literatura como um produto com pouco (embora não desprezível) valor mercadológico; os gerenciadores do ensino como perfumaria sem utilidade na vida profissional futura dos educandos.

A leitura, de um modo geral, trata-se de um fenômeno, uma prática social de grande relevância no desenvolvimento nas relações cotidianas. A grande ou quase totalidade da responsabilidade do ensino de leitura está agregada à escola por esta deter as ferramentas necessárias para promover o que Cosson (2012, p. 12-17) trata como letramento literário:

O letramento literário, conforme o concebemos, possui uma configuração especial. [...] O processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. [...] É por possuir essa função maior

de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, sabores e formas imensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas.

Diante dessas questões, na busca por efetivar essa funcionalidade da leitura do texto literário, assim como na perspectiva de agregar valores humanos e literários dentro do processo de aprendizagem, eis a necessidade de resgatar a poesia em forma de cordel; trata-se de um gênero secular dentro da tradição literária, que faz parte do patrimônio folclórico-cultural brasileiro, e que vem passando por repaginações ao longo dos séculos XX e XXI e com isso se mantém uma arte viva e atual.

Nesse íterim, Antônio Francisco, produz uma literatura de cordel que traz exatamente o resgate de valores humanos, a denúncia social e toda a intensidade de sentimentos expressa numa linguagem simples, bem humorada, reflexiva, refletindo o carisma pessoal do próprio poeta, que conquista o público leitor com suas apresentações, como relata o pesquisador Alessandro Teixeira Nóbrega, em sua tese *Geopoética da imaginação em Antônio Francisco* (2011):

O interesse pelas poesias de Antônio Francisco surgiu a partir de suas apresentações em eventos da cidade de Mossoró, estado do Rio Grande do Norte. Nessas apresentações, muito antes mesmo do auge de sua carreira, impressionava como ele combinava a crítica social mais mordaz sem perder a forma estética da arte. Antônio Francisco realizava uma crítica profunda e muito séria da sociedade, dessecando seus problemas sociais mais agudos, sem, no entanto, perder o encantamento da estética artística. (NÓBREGA, 2011, p.13)

O carisma pessoal do poeta, assim como suas narrativas em cordel têm conquistado também o público infanto-juvenil, tanto que sua obra *Os animais têm razão*, por exemplo, que foi adotada em 2012 para ser trabalhada por escolas públicas do estado de São Paulo, conforme matéria da repórter Bianca Costa, para o jornal TCM (TV cabo Mossoró) (2012):

O mossoroense será reconhecido também pelos estudantes paulistas através do seu livro “Os animais têm razão”. [...] A partir de

2013, a obra literária será utilizada nas escolas públicas de São Paulo. O livro será destinado ao projeto “Livros na sala de aula” para alunos de ensino fundamental. (Costa, 2012, <http://youtu.be/sA5Ad2tVLSM>)

A presença do poeta é também solicitada em inúmeros eventos escolares e culturais. Este se tornou, portanto, um dos critérios para se levar sua obra ao conhecimento e apreciação dos alunos do 8º ano da escola – a necessidade do trabalho com o texto literário, o resgate da literatura de cordel, através de um poeta que tem tido notoriedade no meio artístico, acadêmico e, sobretudo, entre os jovens, como é o caso do poeta Antônio Francisco.

4.2 DAS DIFICULDADES

É comum, quando do desenvolvimento de projetos, sobretudo no âmbito escolar, o aparecimento de algumas resistências e dificuldades. No que diz respeito à Escola Estadual 30 de Setembro, a primeira dificuldade encontrada foi a escassez de material bibliográfico, onde os alunos pudessem fazer pesquisas sobre os temas trabalhados (literatura de cordel, Antônio Francisco e tradução intersemiótica). Todo material que os alunos tiveram acesso sobre esses temas foram levados por mim para sala de aula, buscado em minhas pesquisas de arquivo e biblioteca pessoal, inclusive a obra completa do autor. A biblioteca da escola é um espaço que não é adequado para a pesquisa, por não dispor de amplo espaço físico com mesas e cadeiras para os alunos se acomodarem confortavelmente para momentos de leitura, seja leitura de pesquisa ou de entretenimento.

Como a escola não dispunha da obra do poeta disponível para todos, uma alternativa para o trabalho com o texto em sala de aula era fazer cópias do material, porém vários textos foram trabalhados e muitos deles tinham entre seis a oito páginas cada um, pois se tratam de cordéis na íntegra; os primeiros cordéis escritos por Antônio Francisco têm em média 32 estrofes, isto é, tratam-se de textos longos.

Como se tratam de narrativas, como era necessário fazer cópias individuais e a turma contava com 19 alunos, o projeto todo demandava uma grande quantidade de cópias; foram trabalhados ao todo quatro textos com a turma inteira, além dos textos que foram trabalhados em grupos, sendo necessário serem feitas

mais cópias. Parte das despesas com cópias foram por parte da escola, outra parte precisei custear.

Como se trata de um trabalho artístico a partir da leitura de cordel com finalidade de apresentar tradução intersemiótica dos versos antonianos, outros tipo de material seriam usados, alguns deles não disponíveis na escola, como tela de pintura, pincéis, tintas acrílicas, folha de papel peso 40, tecidos, meia e material para confecção de bonecos. Esse é um material específico para trabalho artístico e normalmente não é comprado pela escola, foi um material também custeado por mim para que o projeto fosse executado.

Outra grande dificuldade foi a ausência de sala de informática na escola, ou de um computador com internet para que se pudesse trabalhar a produção de gêneros como HQ's e animação, estava previsto no projeto inicial que um dos cordéis seriam traduzidos para história em quadrinhos ou animação, mas pela indisponibilidade de um computador com internet que possibilitasse a navegação por sites ou aplicativos de construção desses gêneros, não foi possível trabalhá-los dentro desse projeto. Os alunos ainda tentaram desenvolver em casa, em seus computadores pessoais, mas sem o meu acompanhamento eles não conseguiram fazer. Ainda se cogitou a possibilidade de se fazerem os quadrinhos manualmente, mas eles não tiveram habilidades com desenho suficientes para isso.

Houve uma dificuldade à parte com relação às oficinas de confecção do material, uma vez que o ideal seria marcar aula extra em um sábado, ou seja, um dia em que os alunos não tivessem aula de outra disciplina e pudesse ter um turno inteiro para se dedicarem à confecção do material. No entanto, não foi possível marcar porque não havia nenhum funcionário disponível para abrir a escola aos sábados, e com isso, a oficina teve que funcionar no horário normal de aulas, só podendo acontecer num intervalo de duas aulas. Como foram necessárias 10 aulas, oito para confecção e duas para o ensaio geral, o tempo dedicado às oficinas ficou muito fragmentado.

Ainda dentro desse aspecto, por ser em horário normal de aulas, todos os grupos tiveram que trabalhar ao mesmo tempo em sala de aula; com isso, alguns alunos ficavam dispersos, ocasionando barulho e desorganização em alguns momentos. Em se tratando de produção artística se fazem necessários silêncio e concentração, os alunos da turma que já trabalham com arte entendiam e promoviam um ambiente favorável, porém a dificuldade em manter a disciplina na

sala era justamente com aqueles que ora produziam, mas que cotidianamente não se dedicam a nenhuma arte, embora tenha, de fato, havido a colaboração de todos para se chegar ao resultado final.

Em outras fases do projeto, como nas aulas de leitura, o mais difícil para se administrar, na condição de professora, era a indisciplina, sobretudo no momento da discussão do texto. Pois, muitas vezes, se instauravam conversas e brincadeiras paralelas, sendo necessário parar a aula para tratar dessa questão, conversar, pedir silêncio e melhor participação, o que demandava tempo da aula, que seria otimizado se houvesse uma maior concentração por parte deles.

4.3. O POETA VAI À ESCOLA ATRAVÉS DE SUA ARTE – DESCREVENDO A EXPERIÊNCIA

4.3.1. Diagnóstico

Esta é, de fato, a primeira etapa da intervenção. Antes, porém, eu já havia conversado com os alunos rapidamente sobre a possibilidade de desenvolver um projeto com eles envolvendo leitura e produção artística e se eles aceitariam fazer esse trabalho comigo, a resposta positiva foi unânime. Então na aula seguinte, preparei um questionário com cinco perguntas, cujas respostas estão discutidas a partir da disposição dos gráficos, com a finalidade de sondar sobre o interesse em produzir arte com base em Literatura. As perguntas do questionário são:

- a) Você sabe o que é literatura de cordel?
- b) Você já teve oportunidade de ler cordéis? Se sim, o que você achou da leitura?
- c) Em Mossoró, temos um dos mais importantes cordelistas do Brasil, o poeta Antônio Francisco, o que você sabe sobre ele e sua obra?
- d) Você já teve oportunidade de executar algum tipo de trabalho artístico? Se sim, qual?
- e) Se você tivesse que transformar um texto escrito, mais precisamente um poema, em outro trabalho artístico, em que tipo de arte você gostaria de transformar esse poema?

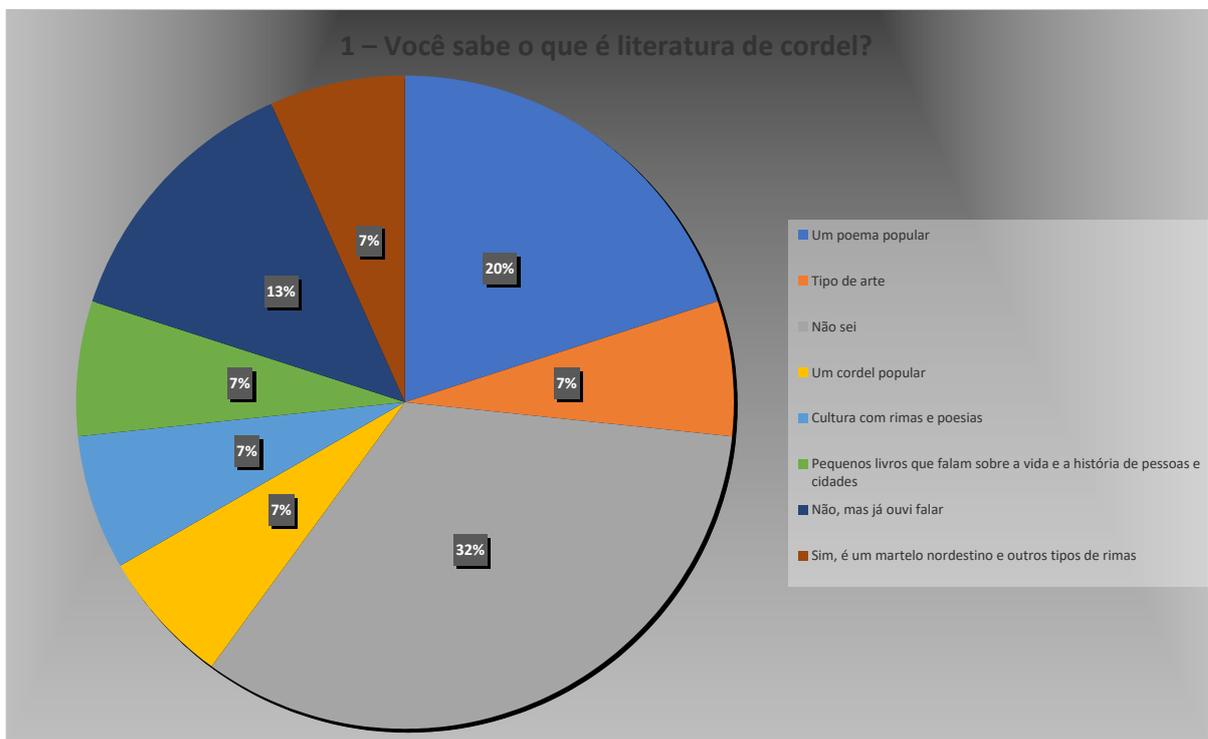
Para obter a participação dos estudantes quanto ao questionário, iniciei a aula pedindo a atenção de todos, avisando que estava com um pequeno questionário e que gostaria que todos respondessem, eles receberam o questionário e passaram a responder individualmente.

Enquanto os alunos respondiam ao questionário, eu acompanhava a atividade observando e ao mesmo tempo provocando-os oralmente com perguntas sobre o tema que ora estava se estabelecendo na sala; ia de carteira em carteira, acompanhando as respostas e conversando com cada um sobre suas primeiras impressões. Eles faziam perguntas do tipo “por que estamos fazendo isso?”, ou ainda “vamos ler cordéis?” e eu também fazia perguntas, estabelecia diálogo esclarecendo oralmente a atividade em questão.

A atividade levou o tempo de duas aulas (100 minutos), pois tendo levado uma média de 40 a minutos para responderem às questões da atividade escrita, aproveitei o restante da aula para estabelecer, de fato, uma conversa com eles sobre o projeto, onde pude trocar ideias e esclarecer dúvidas sobre o tema. Quanto à conversa, pode-se considerar que fora bastante proveitosa, uma vez que pude perceber que os alunos ficaram instigados a darem prosseguimento ao projeto comigo, e esse era o principal objetivo dessa primeira atividade.

No que concerne aos dados coletados com as respostas da atividade, foi possível estabelecer o parâmetro de conhecimento dos alunos a respeito do tema proposto para a execução do projeto. Com isso, foi possível apresentar as estatísticas a partir dos gráficos que seguem:

Gráfico I: Questionamento sobre o que é literatura de cordel



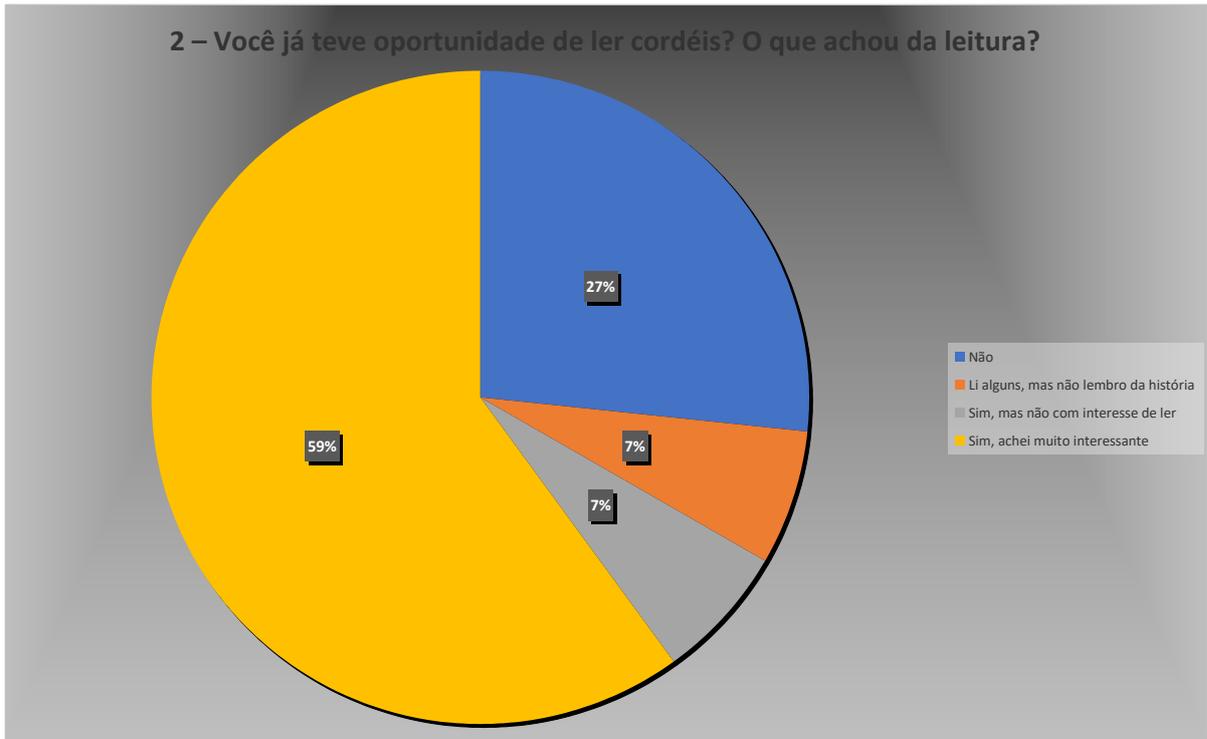
O primeiro gráfico mostra que a partir da pergunta “Você sabe o que é literatura de cordel?”, dos 15 alunos que responderam às questões, três deles deram como resposta “um poema popular”, ou seja, de fato, considera-se que a resposta está dentro do contexto do tema a ser trabalhado, mostrando que esses três alunos detêm um breve conhecimento sobre o que é o cordel. Um deles respondeu que é um “tipo de arte”, não fugindo também do contexto, porém com uma resposta mais genérica.

Cinco alunos afirmaram que não sabem o que é literatura de cordel, isto é, um terço de uma turma de 8º ano do ensino fundamental desconhece esse gênero literário. Um deles respondeu que se trata de “um cordel popular”, observa-se uma redundância na resposta, e conseqüentemente, falta de conhecimento sobre o tema, pois a pergunta já dizia que se tratava de cordel. Um deles respondeu que literatura de cordel é “uma cultura com rimas e poesias”, pode-se concluir que se trata de uma resposta que está dentro do contexto, uma vez que o cordel é um gênero poético, marcado pela presença da rima.

Outro aluno respondeu que o cordel são “Pequenos livros que falam sobre a vida e a história de pessoas e cidades”, embora não tenha se justificado, o nível da resposta leva a crer que esse aluno entende o cordel como livretos com narrativas, o que não deixa de estar contextualizado com a essência do gênero. Dois deles afirmaram que não conhecem, mas já ouviram falar; não têm, portanto, um total desconhecimento do assunto, embora não tenham especificado o quê exatamente eles já ouviram falar sobre o tema. E um deles respondeu que o cordel “é um martelo nordestino e outros tipos de rimas”, o que se compreende como uma resposta contextualizada, uma vez que o martelo é uma das formas estéticas do cordel nordestino.

Vejamos o segundo gráfico:

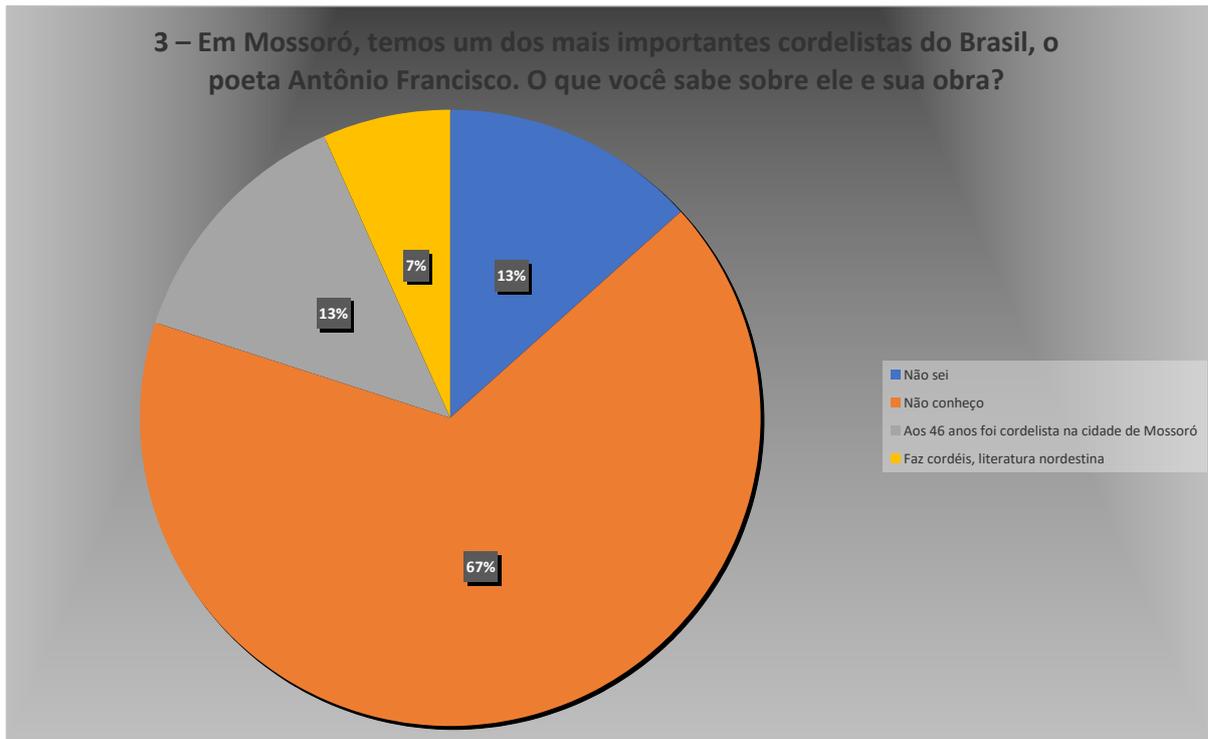
Gráfico II: Sobre oportunidade e impressões acerca de leitura de cordéis



Dos quinze alunos participantes dessa etapa, quatro deles disseram que “não”, subentende-se que sejam exatamente os que responderam ‘não’ na pergunta anterior. Um deles afirmou “li, mas não me lembro da história”, o que nos leva a crer que seu contato com o cordel foi bastante restrito e superficial.

Um deles respondeu que sim, porém, sem o devido interesse pela leitura, embora não tenha dado maiores justificativas nesse primeiro momento. Nove deles disseram já ter lido cordéis e que consideraram uma leitura muito interessante. Isto é, cerca de 59% da turma tinha pelo menos um breve conhecimento acerca do gênero e que considerava-o interessante, embora não tenham esboçado os motivos que os levaram a caracterizar a literatura de cordel dessa forma, essa estimativa proporcionou uma grande motivação à continuidade do projeto. Vejamos o terceiro gráfico:

Gráfico III: O que se sabe sobre o poeta Antônio Francisco

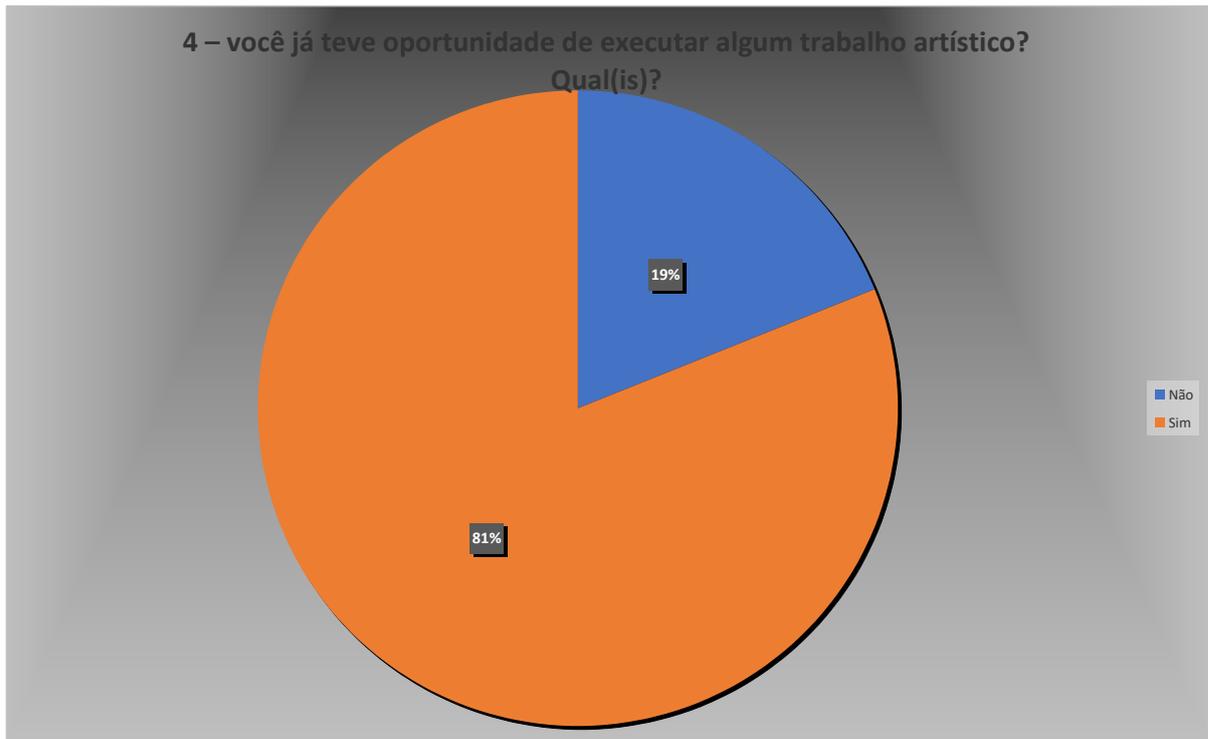


Dos 15 participantes, dois responderam não saber nada sobre o poeta Antônio Francisco; 10 alunos disseram não conhecer o poeta, isto é, dois terços da turma não tinham conhecimento acerca de um poeta da cidade que tem projeção nacional; dois deles afirmaram saber que Antônio Francisco era mossoroense e se tornara cordelista aos 46 anos de idade e um deles afirmou que o poeta “faz cordéis”, mostrando apenas uma informação genérica, mas não desconhecendo totalmente o poeta.

Os dados obtidos com essa questão mostram mais uma vez a necessidade de se trabalhar em sala de aula a obra antoniana; conhecer a cultura de seu lugar é tão importante quanto conhecer os cânones da cultura mundial, a cultura local é de grande relevância na construção da cidadania.

Vejamos o gráfico IV:

Gráfico IV: Pergunta sobre oportunidade de executar trabalhos artísticos

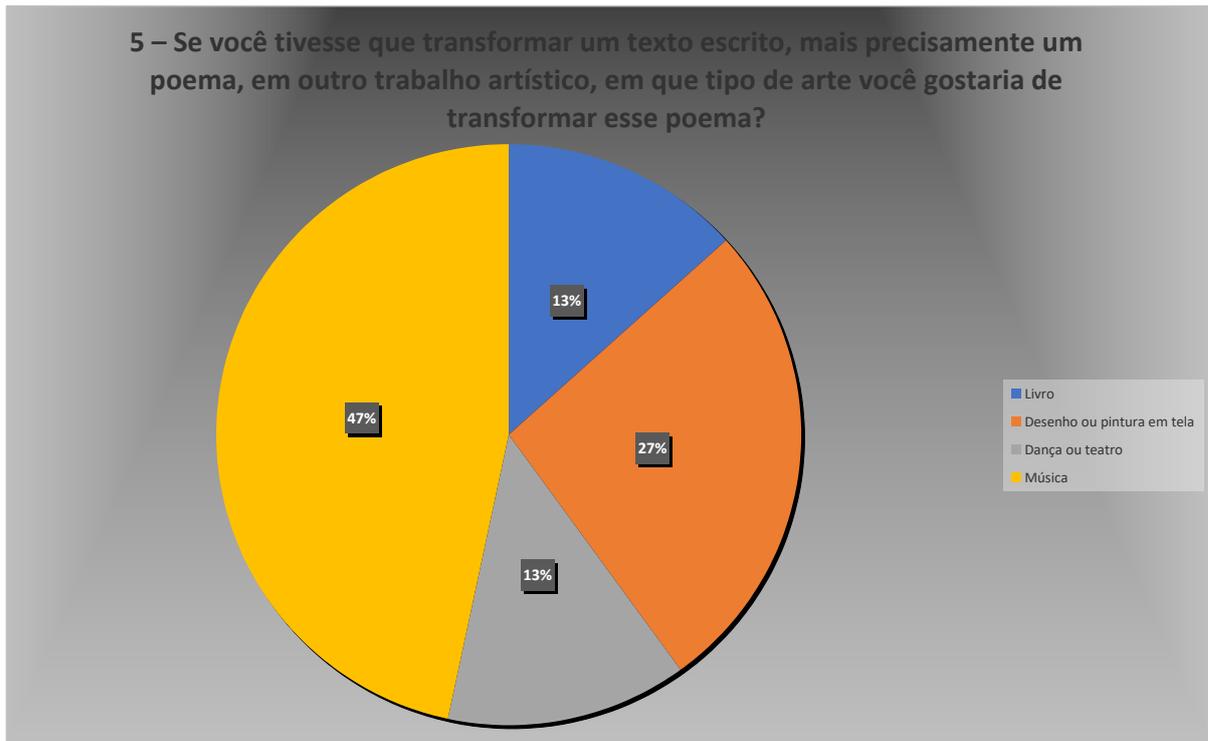


A quarta pergunta partiu da necessidade em saber qual a relação dos alunos com as artes, uma vez que a culminância do projeto é a construção de material artístico por eles. No gráfico, as respostas estão definidas em “sim” e “não”; na atividade, os alunos explicitaram ainda com quais artes trabalharam ou tiveram acesso. Em resposta, dos 15 participantes, três alunos responderam que nunca tiveram relação com trabalhos artísticos; os outros treze participantes afirmaram desenvolver ou já terem desenvolvido trabalhos artísticos.

Entre as manifestações artísticas estão música (violão, violino, flauta doce e instrumentos percussivos), dança, peças teatrais, e artes plásticas (desenho e pintura em tela).

Vejamos o quinto gráfico:

Gráfico V: Sobre transformar poesia em outras formas de arte



A pergunta aqui proposta aponta para um dos principais objetivos do projeto, que é trabalhar a interpretação de texto por outro viés, no caso, o da tradução intersemiótica, que trata justamente da tradução do texto escrito para outros modelos artísticos, numa linguagem mista ou não verbal.

Dos quinze participantes, dois responderam que gostariam de produzir livros, não especificando a tipologia textual que o mesmo teria; quatro responderam que gostariam de transformar o poema em artes plásticas, como pintura em tela ou desenho; dois deles disseram que transformariam em dança ou teatro e a maioria deles, sete ao todo, gostariam de transformá-lo em música. Através das informações fornecidas nos questionários respondidos, foi possível ter a dimensão do quanto os alunos tinham de conhecimento acerca dos temas que seriam trabalhados a partir de então e de como deveriam ser elaboradas as atividades. Enquanto respondiam ao questionário, foi estabelecida uma conversa com os alunos sobre a necessidade de eles conhecerem a literatura de cordel, o poeta Antônio Francisco, concomitante a isso procurando conhecer as dificuldades e curiosidades deles acerca do trabalho com a leitura.



Fig. 1 – Diagnóstico - primeira etapa da intervenção. Enquanto os alunos do oitavo ano respondiam ao questionário de levantamento de dados e conhecimentos prévios. (créditos da autora)

4.3.2. Leitura I – “Aquela dose de amor”

Antes de falar sobre a teoria da literatura de cordel, considerei que seria interessante que eles tivessem o primeiro contato com o texto. Então a segunda etapa da intervenção foi em contato com o texto, trabalhando com eles o cordel “Aquela dose de amor”. A aula teve início falando-se sobre o porquê de o comportamento humano ser de crueldade com seus semelhantes, um deles perguntou: “vamos ler sobre isso???”, eu respondi com outra pergunta: “você gostaria de ler sobre isso?” ele acenou com a cabeça positivamente. Então pedi para que organizassem as carteiras em círculo para fazermos a leitura do cordel; eles assim o fizeram. Entreguei uma cópia do texto a cada um e, em silêncio, eles fizeram a primeira leitura. Eu fiz a leitura silenciosa também.

Passado o momento de leitura silenciosa, eu fiz a leitura em voz alta, seguida da discussão do texto, embora oralmente, pois a perspectiva é muito mais de reflexão por parte deles do que de exercícios escritos, o direcionamento da discussão foi seguido tomando por base a proposta de trabalho com o texto literário descrito por Saraiva (2006), isto é, de leitura compreensiva, interpretativa e de aplicação.

Essa proposta de Saraiva (2006) norteia o trabalho com a leitura do texto em sala de aula, amparado pela análise do texto em questão, que aparece no tópico 1.8 do primeiro capítulo deste trabalho. Após a leitura feita por mim, levantei o questionamento sobre “do que fala o texto” e eles descreveram oralmente, fazendo um breve resumo, em linhas gerais, num primeiro momento houve uma compreensão acerca da essência do texto por parte dos alunos. Em seguida, foram trabalhadas a análise literária (cenário, tempo, enredo, personagens); partindo para o trabalho com a estética do texto, nesse caso, fiz uma explanação apresentando questões sobre rima, métrica, e a estética do cordel em questão, como consta na análise do texto; a musicalidade presente no texto despertou bastante interesse nos alunos.

No momento de contextualização os alunos identificaram a relação do texto com a passagem do livro Gêneses, da Bíblia, antes mesmo que eu atentasse para esse detalhe. A influência do sagrado na obra antoniana já fora, em outro momento, objeto de estudo por parte das escritoras e pesquisadoras Taniamá Barrêto e Maria do Socorro Gurgel (2013). À medida que os próprios alunos têm a percepção desses elementos no texto poético, o descortinar dos sentidos do mesmo se torna uma tarefa ainda mais instigante para eles, o que torna a atividade interpretativa, embora oral, muito fluente e engrandecedora da aula; eles interagem demonstrando muito mais interesse pelo texto em si. A atividade foi promovida em duas aulas (100 minutos) e ao final deixei claro que aquele era o texto de introdução ao trabalho com a literatura de cordel, sobre a qual eu iria expor no próximo encontro.



Fig. II: Turma do oitavo ano durante a primeira atividade de leitura. Alunos dispostos em círculo na sala de aula, enquanto faziam a leitura silenciosa do cordel “Aquele dose de amor”, segunda etapa da intervenção. (créditos da autora)

4.3.3. Introduzindo a teoria: falando sobre literatura de cordel, Antônio Francisco e tradução intersemiótica

No encontro subsequente do período da intervenção, que teve duração de duas aulas (100min), levando em conta os dados coletados na primeira etapa e relembrando a aula sobre a leitura do cordel “Aquele dose de amor”, da aula anterior, foi preparada uma explanação sobre o que é literatura de cordel. Para isso, foi produzido um handout com tópicos que remetem às principais acepções acerca do que é literatura de cordel apresentadas no primeiro capítulo deste trabalho. Além disso, uma rápida biografia sobre o poeta Antônio Francisco, falando um pouco de sua vida e obra, com base nas informações do preâmbulo deste trabalho.

Ainda na mesma aula, foi feita uma explanação sobre o que é tradução intersemiótica, com base nas concepções de Plaza (2003) e Haroldo de Campos (2006), expostas no item 1.5 deste trabalho, explicitando ainda que a culminância do projeto seria a produção de material artístico com base nos conhecimentos sobre esse tipo de tradução. A participação dos alunos foi proveitosa, apesar de alguns momentos em que se fez necessário parar a aula para pedir que não se desvirtuassem da participação acerca do tema da aula.

Embora tendo momentos de intervenção com perguntas por parte dos alunos, pois o modelo da aula era expositivo e participativo, onde puderam fazer perguntas ou colocações a qualquer momento da explanação, esse momento expositivo pareceu um pouco monótono para eles. Ainda assim pode-se considerar que foi uma aula produtiva. E quando foi feito o convite a eles para trabalhar a obra de Antônio Francisco e traduzi-la intersemioticamente para outras artes e promover ao final o Salão de Artes Integradas Poeta Antônio Francisco, este foi aceito de imediato pela turma. O handout da aula com os tópicos abordados consta nos anexos deste trabalho.

4.3.4. Leitura II - Entre música e poesia: “A casa que a fome mora” e “Eu queria”

Para o quarto encontro, que teve duração de duas aulas (100 min), o objetivo era dissecar os sentidos do texto, através da proposta de Saraiva (2006) corroborando com a análise do texto feita por Fernandes Carlos (2015), além de mostrar outra forma de ressignificar a obra antoniana através da interpretação em forma de tradução intersemiótica, de modo que os alunos pudessem ver e compreender, na prática, o funcionamento desse trabalho. Para isso, foram utilizados dois textos que fazem parte de um trabalho de musicalização de poemas de Antônio Francisco que vem sendo desenvolvido por mim desde 2005, no qual, utilizando técnicas de composição, os poemas de Antônio são colocados dentro dos padrões da estética musical, transformando-os em canções.

Embora eu não tenha total domínio da escrita musical, e para isso seja necessário contar como auxílio de músicos que dominem a leitura e escrita de partituras, ainda assim é possível a prática da composição; nesse caso, trata-se de um trabalho desenvolvido, parte de maneira intuitiva, no que concerne à criação de melodias. Para isso, valho-me da minha própria percepção, que a psicologia trata como inteligência musical, e parte do conhecimento da notação estética musical que adquiri com estudos básicos de canto, violão, teoria musical e solfejo. De acordo com a professora mestra em educação Armanda Zenhas (2005), sobre a inteligência musical entre os jovens:

Os jovens com inteligência musical gostam de estar rodeados de som. Gostam de estudar com música. Ouvem muita música e aprendem facilmente canções e ritmos. No seu pensamento surgem muitas vezes ritmos e melodias. Possivelmente cantam com frequência e/ou tocam/querem aprender a tocar um instrumento. Poderão também gostar de assobiar e de cantarolar. Gostam mais de contar histórias do que de as ler. Podem gostar de marcar ritmos com o corpo, por exemplo, com o pé, ou batendo com um lápis ou uma caneta.

Introduzir a experiência com a música, ainda mais na perspectiva da tradução intersemiótica, pode agregar os alunos à proposta das aulas, uma vez que muitos deles estão envolvidos em projetos de música da escola, e no geral, todos gostam de música, torna-se uma troca de experiências. Trabalho com música como cantora e tenho um breve domínio do violão; isso me possibilita a criação de sequências harmônicas e dentro delas criar melodias e enquadrar, por assim dizer, poemas nessa estética e transformá-los em canções.

A literatura de cordel tem uma característica que auxilia muito o trabalho de compositores que se dediquem à perspectiva musical: a métrica e a rima, a musicalidade de um modo geral, que se manifesta através também das figuras de som, como aliterações e assonâncias – com versos feitos sob medida fica mais fácil estruturá-los dentro da rítmica dos compassos musicais. No entanto, o trabalho do compositor não se resume a encaixar versos em estruturas rítmicas, emprega-se ainda uma sensibilidade para compreender a essência do texto e atribuir melodia e harmonia que também transfigurem sentimentos e impressões que o autor passa através do texto.

Assim como na primeira aula de leitura, os alunos dispuseram as carteiras em círculo e fizeram uma primeira leitura em silêncio. Nessa aula, dois textos foram trabalhados, os poemas “A casa que a fome mora”, trabalhado primeiro e em seguida “Eu queria”. Após a leitura silenciosa, fiz o mesmo procedimento da aula de leitura anterior: a leitura em voz alta, o trabalho com os elementos do texto, porém de forma mais superficial, para que tivéssemos tempo de estudar os dois textos e também para adentrar na questão da tradução intersemiótica. Nesse momento, após análise dos elementos do texto, falei sobre a experiência de trabalhar a estética musical com o texto literário, da experiência de transformar um texto que trata da denúncia social para um estilo rap-funk-pop, transformando-o numa canção de

protesto, inspirada nas composições de artistas brasileiros desse segmento musical, como os rappers, entre eles, Emicida e Gabriel, o Pensador.

A discussão e a explanação sobre o processo de composição e tradução foram feitas com os alunos em forma de conversa, ou seja, oralmente, onde eles puderam interagir com perguntas sobre poesia e música. Em seguida, executei o poema musicado “A casa que a fome mora”, cantando acompanhada do violão. O mesmo processo foi feito com o poema “Eu queria”, que segue uma estética e uma temática diferentes do primeiro texto. O poema não está analisado no capítulo anterior, onde foi mostrado somente uma amostragem de análise, não sendo necessário inserir todas as análises, porém, o trabalho de análise foi feito oralmente com os alunos com base nos princípios de trabalho com o texto, de acordo com a proposta de Saraiva (2006).

Afora isso, falei sobre o processo de composição da estética musical utilizada para o texto em questão, para o qual foi escolhida o rock melódico, com harmonia feita em acordes menores. Como eu estava utilizando o violão, pude mostrar na prática o que são esses acordes. Em seguida, executei o poema “Eu queria”, cantado por mim e executado ao violão.

Foi necessário explicar que adaptar textos poéticos para a estética musical é uma forma de recriar a obra poética, ressignificando-a, e que isso poderia ser feito não só através da música, como também de outras artes, e que a proposta do projeto é justamente essa, isso sendo fruto de um trabalho artístico feito por eles, que reafirmaram, de imediato e unanimemente, aceitar desenvolvê-lo.



Fig. III: Enquanto tocava e cantava para eles “A casa que a fome mora” e “Eu queria”

Apresentando os poemas por mim musicados, mostrando a música como instrumento de tradução intersemiótica.

4.3.5. Visitando a obra antoniana: leitura de cordéis

No quinto encontro, que durou o tempo duas aulas (100 minutos), deixei a leitura totalmente a cargo dos alunos, inclusive a escolha dos textos a serem lidos, que seriam traduzidos intersemioticamente. O objetivo era deixá-los à vontade para decidir quantos e quais textos da obra antoniana eles iriam ler, dando autonomia para fazerem as escolhas. No que concerne à autonomia ao educando, Freire (1996) afirma:

Outro saber necessário à prática educativa,[...]é o que fala do respeito devido à autonomia do ser do educando. [...] O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.[...]O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e sua prosódia;[...]transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. (FREIRE, 1996, p.59-61)

É importante estabelecer critérios nas atividades em sala de aula, no caso do trabalho com arte, em que é necessário contar com a habilidade dos alunos. É preciso que haja identificação com texto, é preciso dar essa liberdade de escolha para que essa identificação aconteça; se a autonomia não for respeitada, eles não reproduzirão aquilo que está intrínseco ao que é próprio da subjetividade, que é próprio de todo trabalho artístico. Ao invés de fotocópias dos textos, levei dois exemplares da obra completa do poeta, em formato caixa-box, expus na sala e pedi para que cada um escolhesse algum dos livros para ler, alguns deles escolheram em duplas, para assim também fazer a leitura, outros individualmente.

Enquanto olhavam os livros, expliquei que ali se tratava da obra completa do poeta Antônio Francisco, e pedi para que observassem as capas, olhassem os créditos da obra, as ilustrações, chamando inclusive a atenção deles para o fato de que as ilustrações são traduções imagéticas do texto, e que também se tratavam de tradução intersemiótica. E informei que a escolha dos textos para ler era de acordo com a preferência deles, que poderiam ler quantos e quais textos quisessem.

Quando faltavam dez minutos para o fim desse momento, defini que a partir daquela leitura, eles escolheriam textos para interpretar em forma de trabalho artístico, ou seja, fariam a tradução intersemiótica do texto, a execução do trabalho poderia ser individual ou em grupos e eles teriam autonomia para escolher também para que tipo de arte eles iriam reproduzir as obras lidas, sugeri que escolhessem de acordo com as habilidades artísticas que eles tivessem. Uma das alunas me procurou com um texto, “Na beira do mar”, informando que gostaria de reproduzir a narrativa para uma pintura, pois tinha habilidades com artes plásticas. Perguntei o porquê da escola, e ela me respondeu: “porque gosto dessa paisagem que eles descrevem, da praia, da sereia, fica bonito em uma tela”.

Aos que manifestaram dificuldade de escolher a vertente artística, dei sugestões. Ao final, formaram-se cinco grupos e as artes escolhidas foram: música, teatro de fantoches, animação, história em quadrinhos, pintura em tela e colagem.

4.3.6. Atividade Avaliativa

O projeto estava sendo desenvolvido em paralelo aos demais projetos e atividades da escola, como comemoração do folclore, feira de ciências, entre outros. Assim sendo, nesse ínterim, é chegado o período das avaliações escritas bimestrais, isto é, dentro do planejamento bimestral, as duas últimas semanas do bimestre são dedicadas a essas avaliações, conforme o Projeto Político Pedagógico da escola (PPP, 2016/2017). Como o tema já havia sido trabalhado ao longo do bimestre, e outras atividades avaliativas já haviam sido promovidas, abordando outros conteúdos, escolhi um dos textos trabalhados para elaborar a última atividade avaliativa.

A atividade foi elaborada a partir do cordel “Na beira do mar”, com dez questões, sendo quatro delas objetivas e seis discursivas, conforme fotocópia que consta nos apêndices como “III Atividade Avaliativa de Língua Portuguesa”. A avaliação aconteceu no período equivalente a duas aulas (100 minutos). A nota valia de 0,0 (zero) a 10,0 (dez), dos alunos que fizeram a atividade avaliativa, onze deles tiraram notas entre 6,5 e 9,8, como a média bimestral das escolas públicas estaduais equivale a 6,0, quase 65% da turma tiraram notas acima da média na avaliação em questão; dois deles tiraram entre 5,0 e 5,9; e três deles tiraram notas abaixo de 5,0. Trata-se de um resultado consideravelmente satisfatório, apesar de a

avaliação escrita não estar prevista no projeto de intervenção, sendo uma adequação à programação da escola, o resultado pode atestar que os alunos corresponderam às expectativas também em termos de notas.

4.3.7. Fazendo arte: oficinas de confecção de material artístico

4.3.7.1. Teatro de fantoches

O grupo que decidiu trabalhar com teatro de fantoches escolheu o cordel “Os animais têm razão”, um dos que compõem a obra *Dez cordéis num cordel só*, a primeira publicada pelo poeta. Segundo uma das alunas do grupo, durante uma conversa minha com os integrantes durante as oficinas, deveria ficar interessante reproduzir os animais e suas falas através de fantoches, agradar e envolver muito as crianças. De fato, o teatro de fantoches, por reproduzir personagens através de bonecos, torna-se cativo para o público infantil. O texto também permite uma adaptação leve, que pode ser direcionada para esse público. A pesquisadora Ana Lúcia Santana (2018) define teatro de fantoches:¹

¹ O fantoche remonta aos tempos ancestrais e tem executado um papel significativo na história das civilizações. Ele está especialmente ligado aos primitivos cultos animistas, os quais consideram que tudo no Universo é portador de alma e, por extensão, de sentimentos, desejos e até mesmo de inteligência. Assim, determinados objetos eram considerados sagrados, entre eles as máscaras e os fantoches.

Este instrumento teatral conferia aos seres que os utilizavam poderes mágicos, caracterizando-os como personas intermediárias entre os povos primitivos e seus deuses. As pessoas conferiam tal sacralidade ao fantoche que ele realmente parecia sustentá-las espiritualmente.

Ao se tornar portador do fantoche, o personagem adquiria poderes que o convertia em um profeta, um ser sagrado, um exorcista. Portanto, somente um iniciado nos conhecimentos sacros poderia usar suas mãos para dar vida ao fantoche, em uma cerimônia especialmente preparada para essa encenação.

Na era clássica os fantoches estavam dispostos principalmente dentro dos templos; eram bonecos de grande porte conduzidos igualmente durante as procissões de iniciação. Eles se desenvolvem particularmente a partir do século VII, com a adoção de estátuas semelhantes ao Homem. Estes fantoches que imitam as feições humanas são então escolhidos cada vez mais para estes eventos religiosos, assumindo um estilo que ainda hoje marca as representações do teatro de fantoches.

Como esta modalidade lembrava demais os antigos ritos animistas, a Igreja começou a proibir as encenações dentro dos templos. Esta atitude deu origem aos teatros itinerantes, os quais reduziram o porte de forma a poder circular aqui e ali com suas representações, especialmente pelas ruas e em festas empreendidas no interior dos palácios.

Ao longo do Renascimento eles são novamente resgatados no seio das Igrejas, apresentando-se também nos pátios residenciais e nas festas realizadas durante as feiras. A platéia se populariza e o teatro de fantoches assume uma postura mais satírica, impregnada de humor. Ele tem um papel importante nesse período, chegando até mesmo a preservar o Teatro Inglês quando este é interdito durante 18 anos.

Seguindo a evolução histórica, os fantoches foram se transmutando conforme as necessidades de cada época, não se atendo jamais ao passado. Assim, eles estão sempre em metamorfose, constantemente assumindo novas formas. Esta modalidade teatral preserva sempre, porém, seu caráter ambulante, ao

O teatro de fantoches, de bonecos ou de marionetes é a expressão teatral que caracteriza as encenações realizadas, respectivamente, com fantoches, marionetes ou bonecos. É ainda mais autêntico aquele no qual seus elementos – palco, cenários, cortinas, entre outros – são estritamente criados para determinada representação.

Para a confecção das personagens utilizaram meias coloridas, por ser mais fácil tanto a confecção quanto à manipulação, olhos de plástico, utilizados na fabricação de bonecos. Para construir os detalhes de cada animal-personagem, como asas, chifres, língua e dentes, TNT (tecido), pregado com linha e agulha e cola de silicone. Outra parte do grupo ficou responsável pela confecção da estrutura de apresentação das personagens. Para isso, foram utilizadas caixas de papelão para fazer a estrutura, tinta guache e TNT para o acabamento. Oito alunos dividiram o texto entre eles, cada um dando suas vozes para interpretar as falas das personagens (ver texto na íntegra nos anexos).



Fig IV: Confeccionando o teatro de fantoches

Durante a oficina, enquanto confeccionavam a estrutura de apresentação do teatro de fantoches. (créditos da autora)

encenar seus espetáculos não só nos teatros convencionais, mas também nas ruas, nas praias, nos espaços ao ar livre diante das Igrejas. (<https://www.infoescola.com/artes-cenicas/teatro-de-fantoches/>)

4.3.7.2. Música

Outro dos cinco grupos que se formaram escolheu trabalhar com música. Mas não foi possível obter um trabalho concreto desse grupo, pois embora muitos da sala se identifiquem com essa arte, eles não têm, de fato, domínio, ou ainda, o devido conhecimento técnico para trabalhar com ela. Durante a atividade de levantamento de dados, primeira etapa desta intervenção, muitos deles afirmaram tanto que participam ou já participaram de projetos com música quanto que gostariam de trabalhar o gênero poesia dentro da perspectiva musical.

No entanto, para executar esta tarefa, é necessário não somente tocar um instrumento ou cantar, mas, ter conhecimento de composição, adaptar a estética do texto à estética musical, atribuir aos versos, ritmo, melodia e harmonia; no caso deles, isso não foi possível, ainda por outro motivo, não havia tempo suficiente para que eles tivessem aulas sobre esses determinados conteúdos, que tanto poderia ser comigo, quanto por algum professor de Artes ou especificamente de Música que se disponibilizasse a ajudar aos alunos nesse processo.

Um dos alunos sugeriu que se trabalhasse e ensaiasse um dos cordéis musicados por mim, eles poderiam montar uma versão, mesmo assim não foi possível, nem todos os alunos tocam os mesmos instrumentos, de modo que seria necessário criar arranjos para cada instrumento que eles tocam, trabalhando com todos os alunos de todas as oficinas em uma única sala também não seria possível; na verdade, o ideal seria eles produzirem tudo, arranjos, melodia, harmonia a partir do texto, e não reproduzissem algo que já fora feito.

Diante das impossibilidades, ainda que momentâneas, uma vez que se trata de algo que se pode ser trabalhado com maior atenção e tempo, o grupo se desintegrou e os alunos participantes se integraram a outros grupos para trabalhar outras artes. Mesmo assim, a ideia de trabalhar a tradução intersemiótica através da música ficou estabelecida, embora que em outro momento, constituindo corpus de pesquisa para novo projeto.

4.3.7.3. Artes plásticas – pintura em tela

Dois alunos com habilidades em pintura escolheram trabalhar com pintura em tela. Eles tiveram auxílio ainda de mais dois colegas da sala. Isso porque, quando da formação dos grupos, eu deixei claro para eles que mesmo divididos em grupos, eles poderiam contribuir na elaboração e confecção dos demais grupos, uma vez que não se tratava de um trabalho competitivo, a cooperação entre eles foi muito importante na construção do trabalho como um todo – o espírito competitivo deu lugar ao espírito cooperativo.

O cordel escolhido para ser pintado foi “Na beira do mar”, do livro *O olho torto do rei*. Segundo um dos alunos, a escolha se deu principalmente pela riqueza de imagens que o texto sugere e, sobretudo, pelo fascínio que o ambiente praiano e ecossistema marinho despertam. O material usado foi uma tela tamanho 60cm x 80cm, tinta acrílica e pincéis; as tintas e pincéis eles mesmos trouxeram e eu providenciei a tela. As cores predominantes foram o azul e o laranja, usadas como cores de fundo, o título atribuído à tela foi “Antônio Francisco na beira do mar”.



Fig. V: Pintando “Antônio Francisco na beira do mar”

Uma das alunas, enquanto pintava a tela “Antônio Francisco na beira do mar”. A mesma ainda teve a contribuição de mais três colegas, embora a ideia original seja dela. (créditos da autora).

4.3.7.4. Artes plásticas – colagem

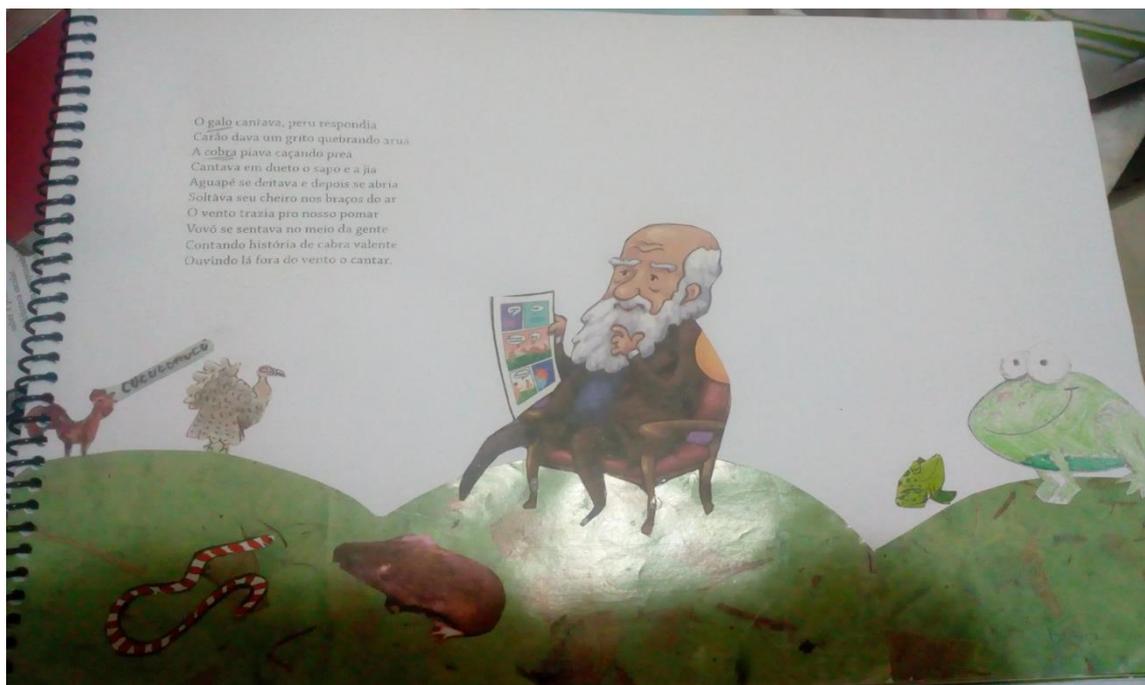
Um dos grupos resolveu trabalhar também com artes plásticas, na perspectiva da colagem. No caso desse grupo, o trabalho com colagem foi uma sugestão minha, pois gostariam de fazer um trabalho com artes plásticas, artesanato, mas não sabiam o quê exatamente. O grupo gostou da ideia da colagem e iniciou os trabalhos. O texto escolhido foi “Um bairro chamado Lagoa do Mato”, do livro *Por motivos de versos*; o motivo da escolha, segundo uma das componentes do grupo, é o fato de falar sobre parte da vida do autor, ele descreve como era sua vida no bairro onde ele nasceu e vive até hoje, e a forma como o poeta descreve o ambiente proporciona muitas possibilidades de criação imagética.

O material utilizado foram revistas e livros para recorte, folhas de papel peso 40 no tamanho A4, cola e tesoura. Cada estrofe do poema possibilitou a montagem de um cenário, feito em formato de álbum, cada folha A4 formava uma página do mesmo, onde continha uma estrofe do poema e um cenário construído com figuras encontradas nas revistas e livros velhos. As imagens que não foram encontradas no material para recortes, foram pintadas em papel A4, recortadas e coladas nas folhas A4 de papel peso 40, montando o cenário do modo esboçado pelo grupo.

Fig. 6: Capa do álbum de colagem com o texto “Um bairro chamado Lagoa do Mato”



Fig.7: Uma das páginas ilustradas com a técnica de colagem



Duas das dez páginas do álbum “Um bairro chamado lagoa do Mato”, utilizando a técnica da colagem.(crédito da autora)

4.3.7.5. História em quadrinhos

Um dos grupos decidiu trabalhar com a construção de HQ's, e o texto escolhido foi “Aquela dose de amor”, um dos cordéis que compõem a obra *Dez cordéis num cordel só*. Mas a princípio o grupo manifestou não ter habilidades com desenho e criação de personagens, então sugeri que eles tentassem criar uma história em quadrinhos em sites da internet usados para isso. Mas seria necessário um computador com uma boa placa de mídia e internet de boa qualidade. A impossibilidade de realização desta atividade, como descrita anteriormente, fez com que o grupo fosse desfeito e os membros integraram outras equipes para o desenvolvimento dos trabalhos.

4.4. Salão de Artes Integradas Poeta Antônio Francisco – culminância do projeto

Concomitante à conclusão do projeto era preparada uma festa de despedida, de encerramento do ano letivo da escola, em que aconteceriam apresentações culturais; então conversei com a coordenação do evento para que a culminância do projeto acontecesse nesse mesmo evento, e a coordenação concordou. Então

houve uma preparação da turma, que dentro das oficinas já haviam feito ensaios, sobretudo do teatro de fantoches, nas duas últimas aulas destinadas às oficinas, para a apresentação para a escola.

A culminância do projeto ganhou o nome de “Salão de Artes Integradas Poeta Antônio Francisco”, uma vez que se tratava exatamente da integração das artes plásticas, cênicas e literárias, ao mesmo tempo homenageando um dos nomes mais significativos da poesia popular. A princípio, fiz a apresentação da turma, falei brevemente sobre o salão de artes integradas, da literatura de cordel, sobre o que é tradução intersemiótica e sobre o poeta, cuja obra foi trabalhada em sala de aula. Em seguida, o grupo que pintou a tela fez a apresentação da mesma, seguido do grupo que confeccionou o álbum com colagens ilustrando o cordel “Um bairro chamado Lagoa do Mato”, encerrando com a apresentação do teatro de fantoches com a peça “Os animais têm razão”. O tempo de duração da apresentação durou menos do que o previsto na sequência didática, o que se deu em virtude da diminuição da quantidade de grupos. Em seguida, o material produzido ficou exposto para apreciação.



Fig. 8: Apresentação das artes plásticas, cênicas e literárias integradas
Eu fazendo a apresentação da turma, falando sobre o projeto, a literatura de cordel, a tradução intersemiótica e o poeta Antônio Francisco. Em seguida, eles apresentaram sua respectivas produções.



Fig. 9: Fantoches durante a apresentação da peça “Os animais têm razão”.



Fig. 10: "Antônio Francisco na beira do mar", acrílico sobre tela, 60cm x 80cm.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cordel, uma arte secular, além de uma estética própria, uma forma do fazer poético muito peculiar, obedecendo fielmente padrões de métrica, rima e oração, tem uma característica marcante: a arte de se reinventar. Houve quem acreditasse que o cordel ficaria obsoleto, em detrimento das novas tecnologias de informação, leitura e entretenimento surgidas no decorrer dos séculos XX e XXI. O que é possível observar é justamente o contrário, tanto poetas, quanto leitores, quanto fazedores e fomentadores da cultura trazendo a arte do cordel cada vez mais para perto de nós, e com um novo olhar e dando um novo viés, ela é capaz, ainda, de traduzir os mais íntimos sentimentos e sensações humanas, seja de forma original ou traduzida.

Este trabalho, a princípio, teve como objetivo levar o cordel como elemento de formação leitora, no caso, alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental. A tradução intersemiótica, que trata da transmutação entre gêneros, entre linguagens verbal, mista e não-verbal, foi apresentada como uma proposta de trabalho de interpretação, de maneira lúdica, criativa e funcional, com base pedagógica firmada a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, nº 9.394/96), com sequência didática dentro do proposto pelo módulos didáticos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's, 1998) e do Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual 30 de Setembro (PPP, 2016/2017). Sendo o trabalho de análise textual feita com base nos princípios propostos de Saraiva (2006), e análise de texto de Fernandes Carlos (2015), com referências a partir das teorias dispostas no primeiro capítulo deste trabalho.

O resultado obtido foi consideravelmente satisfatório, uma vez que os objetivos foram, em grande parte, alcançados, o trabalho de tradução foi realizado e compartilhado dentro da escola, levando alunos de outras turmas ao conhecimento dessa possibilidade de trabalho com a leitura, assim como o trabalho com a leitura do texto poético, o resgate da literatura de cordel por parte dos alunos que se disponibilizaram a fazê-lo, o conhecimento de suas características e um pouco de sua origem e sua história, e em especial, em fazê-lo abordando a obra de Antônio Francisco, que embora mossoroense, era de quase total desconhecimento.

Ao final da intervenção, o que pode afirmar a profissional da educação pública estadual e da área de Letras é que, em linhas gerais e diante das adversidades e resistências, o que está supracitado, foi um trabalho com resultado satisfatório. Mas eis que por trás de trâmites burocráticos, de teorias da educação e da literatura, há uma cidadã mossoroense, nordestina, que muito se orgulha de sua cultura e nela muito acredita: esta que ora vos relata sua experiência enquanto aluna do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), e é esta que neste momento se sente feliz, pessoal e profissionalmente realizada, por ter conseguido, em primeiro lugar, levar aos alunos a arte secular do cordel e poder ter feito esse trabalho de letramento literário com os mesmos, de poder ter ouvido de seus alunos, durante o andamento do projeto, a cada vez que chegava à sala de aula, eles perguntarem, com aspecto de alegria no semblante: “vamos ler cordéis em círculo hoje?”, o que denotava total satisfação deles com a proposta de leitura que estavam tendo oportunidade de ter.

Em segundo, por poder ter trabalhado essa leitura de forma dinâmica e lúdica, assim podendo interpretá-la utilizando como instrumento a tradução intersemiótica e com isso recriando a obra antoniana. Os alunos têm, assim oportunidade, alguns de produzirem arte mesmo não se considerando artistas, outros de se revelarem como tal e ainda o reconhecimento de outros deles verdadeiramente como artistas, seja das artes plásticas, da música, do teatro, ou na produção artística. E em especial, por poder levar aos alunos, orgulhosamente, a obra desse grande poeta, que se revelou já na maturidade, mas que sempre foi um amante das letras, sobretudo das letras populares, tendo lido os primeiros versos e narrativas nos livretos de cordel de seu avô, e tendo ganhado de seus companheiros da arte literária a alcunha de “poeta-mor” da caravela literária mossoroense: o poeta cordelista Antônio Francisco, que assim como diz o título atribuído a este trabalho, que metonimicamente, através de sua palavra em forma de verso, de fato, “foi à escola”.

A arte ainda é um dos maiores instrumentos de expressão da subjetividade, de manifestação do sentimento, das alegrias e agruras de um povo. E o cordel, como uma das vertentes da cultura popular, sempre foi e sempre será a voz do povo traduzida em versos, foi responsável, ao longo da história, pela informação e alfabetização de muitos dos nossos antepassados, e como tal, o cordel, por mais repaginado e multifacetado, nunca perderá, de fato, sua essência, sua razão de ser.

Por que então Antônio Francisco surge de forma promissora na literatura através dessa arte secular? Por levar o leitor a reflexões introspectivas, ao resgatar valores humanos num momento em que as relações sociais e interpessoais estão cada vez mais dispersas, trazendo o divino e a natureza como algo que é intrínseco ao ser humano, do que muitas vezes, se quer, mas não se pode se eximir, dizendo isso de forma bem humorada, numa linguagem simples, humanizada, melódica, uma vez que o cordel, com sua estética fiel às tradições, traz muito de musicalidade.

Todas as teorias, todos os estudiosos consultados e utilizados como referência, seja sobre o cordel, sobre Antônio Francisco, sobre tradução intersemiótica ou sobre a leitura e letramento literário foram de relevante importância para a construção, tanto desse trabalho quanto dos alunos enquanto leitores. E maior e ainda mais sublime, é poder ser agente de transformação de uma realidade, ter uma obra produzida em sua cidade, por um poeta local, mas com reconhecimento nacional, e ver seus alunos lendo, interpretando, produzindo arte e conhecimento e apreciando, valorizando e tendo sua cidadania edificada sobre esse alicerce é gratificante, motivador, humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem & outras metas**: teoria e crítica literária. São Paulo: Perspectiva. 2006.

CAMPOS, Lindoaldo. **ABC de poesia** – inspiratividades com palavras. Natal: Sebo vermelho, 2010. (Coleção João Nicodemos de Lima, v. 297)

CARLOS, Symara Tâmara Fernandes. O ensino de literatura no Ensino Fundamental II: um desafio para professores do século XXI. In: (**Anais do IV CONLID, Colóquio Nacional de Linguagem e discurso**, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró-RN, 2017).

CAVALCANTI, Carlos Alberto de Assis. **A atualidade da literatura de cordel**. Recife: do autor, 2007. (Dissertação de mestrado - Universidade Federal de Pernambuco - UFPE)

COSSON, Rildo. **Letramento literário**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

COSTA, Bianca. **Estado de São Paulo adota livro de Antônio Francisco para a rede pública de ensino**. Disponível em: <<http://youtu.be/sA5Ad2tVLSM>> acesso em 30 jan 2018

'Encontro' Promove encontro entre Antônio Francisco e Bráulio Bessa. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6103092/>> acesso em: 30 jan 2018.

FERNANDES CARLOS, Symara Tâmara. **Antônio Francisco**: tradição e modernidade – uma poética da memória. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2015. (Coleção Mossoroense, Série C; vol. 1655).

FERREIRA, Jerusa Pires. **Cavalaria em cordel**: o passo das águas mortas. São Paulo: Hucitec, 1979.

FRANCISCO, Antonio. **Dez cordéis num cordel só**. 10. ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011. (Coleção Minha obra é um cordel)

_____. **Por motivos de versos**. 6. ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011. (Coleção Minha obra é um cordel)

_____. **O olho torto do rei**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011. (Coleção Minha obra é um cordel)

FRANCO Júnior, Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia (org.) **Teoria Literária**. 3. ed. Revista e Ampliada. Maringá: VEM, 2009.

GURGEL, Maria do Socorro de Albuquerque; BARRÊTO, Taniamá Vieira da Silva. **Poesia e Bíblia: influência do sagrado na poesia de Antônio Francisco**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2012. (Coleção Mossoroense, série C, volume 1638).

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sagra, 1996.

LEONTINO FILHO, R. Antônio Francisco: um rio de história no mar da poesia. In: FRANCISCO, Antônio. **Por motivos de versos**. 4ª.ed. Mossoró: Queima-bucha, 2005)

LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2005. (Coleção Primeiros Passos; v. 317).

MAXADO, Franklin. **O que é cordel na literatura popular**. Mossoró: Queima-Bucha, 2012.

MAIA, Geraldo. A título de apresentação. (In): FRANCISCO, Antônio. **Dez cordéis num cordel só**. 10.ed. Fortaleza: IMEPH, 2011. (Coleção Minha obra é um cordel)

MUNIZ, Caio César. Antônio Francisco. In: POEMA, Poetas e prosadores de Mossoró (org.) **100 poetas de Mossoró**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2000. (Coleção Mossoroense, série C, volume 1170)

NÓBREGA, Alessandro Teixeira. **Geopoética da imaginação em Antônio Francisco**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2011. (Tese de doutorado – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes)

OLIVEIRA, Carlos Jorge Dantas de. **A formação da literatura de cordel brasileira**. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2012. (Tese de doutorado - Programa de Doutorado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada – Faculdade de Filologia, Universidade de Santiago de Compostela – 2012).

PPP. Projeto Político Pedagógico. Mossoró: Escola Estadual 30 de Setembro, 2016/2017.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PINHEIRO, Hélder. MARINHO, Ana Cristina. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

PLAZA, Júlio. **Tradução intersemiótica: estudos**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

SANTANA, Ana Lúcia. “Teatro de fantoches”. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/artes-cenicas/teatro-de-fantoches/>> acesso em: 12 jan 2018.

SARAIVA, Juracy Assmann. A indissociabilidade entre língua e literatura no ensino fundamental: uma metodologia integradora. In: MUGGE, Ernani. SARAIVA, Juracy Assmann. **Literatura na escola: propostas para o ensino fundamental**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. **Vertentes e evolução da literatura de cordel**. 4ª.ed. Mossoró: Queima-Bucha, 2008.

SILVA, João Maria Sousa da. “O apanhador de sonhos”. In: Francisco, Antônio. **Veredas das sombras**. Fortaleza: IMEPH, 2011. (Coleção Minha obra é um cordel)

ZENHAS, Armanda. “Inteligência musical”. Disponível em: <<http://educare.pt/opinião/artigo/ver/?id=12065>> Acesso em: 10 jan 2018.

ANEXOS

Anexo I

Poema: Aquela dose de amor

Um certo dia eu estava
Ao redor da minha aldeia
Atirando nas rolinhas,
Caçando rastros na areia,
Atrás de me divertir
Brincando com a vida alheia.

Eu andava mais na sombra
Devido ao sol muito quente,
Quando vi uma juriti
Bebendo numa vertente.
Atirei, ela voou,
Mas foi cair lá na frente.

Carreguei a espingarda,
Saí olhando pro chão,
Procurando a juriti
Nos troncos do algodão,
Quando surgiu um velhinho
Com um taco de pão na mão.

O velho disse: - Senhor,
Não quero lhe ofender,
Mas se está com tanta fome
E não tem o que comer,
Mate a fome com este pão,
Deixe este pássaro viver.

Eu disse: - muito obrigado,
Pode guardar seu pão...
Eu gasto mais do que isso
Com a minha munição.
Eu mato só por prazer,
Eu caço por diversão.

O velho disse: - É normal
Esse orgulho do senhor
E todo esse egoísmo
Que tem no interior.
É porque falta no peito
Aquela dose de amor.

Se eu tivesse botado
Ela no seu coração,
Você jamais mataria
Um pardal sem precisão,

Nem dava um tiro num pato
Apenas por diversão.

Eu fiquei muito confuso
Com as frases do ancião.
Aquelas suas palavras
Tocaram meu coração
Derrubando meu orgulho
E a vaidade no chão.

Me vali da humildade
E disse: - Perdão, senhor,
Desculpe a minha arrogância,
Mas lhe peço, por favor,
Que me conte essa história
Sobre essa dose de amor.

O velho disse: - Pois não.
Vou explicar ao senhor
Porque mesmo sem querer
Sou o maior causador
De hoje em dia o ser humano
Ser tão carente de amor.

Isso tudo aconteceu
Há muitos séculos atrás
Quando meu Pai fez o mundo
Terras, mares, vegetais.
Me pediu para lhe ajudar
No último dos animais.

Pai me disse: - Filho, eu fiz
Da formiga ao pelicano,
Botei veneno na cobra,
Bico grande no tucano,
Agora estou terminando
Este animal ser humano.

Mas ficou meio sem graça
Esse animal predador...
O couro não deu pra nada
A carne não tem sabor,
Na cabeça tem juízo,
Mas, no peito, pouco amor.

Por isso que eu lhe chamei
Pra você lhe consertar,
Botar mais amor em seu peito,
Lhe ensinar a amar

E tirar dessa cabeça
O desejo de matar.

Depois disse: - Filho, vá
Amanhã lá no quintal,
Na casa dos sentimentos,
Perto do pote do mal...
Traga a dose de amor
E bote nesse animal.

De manhã eu fui buscar
Aquela dose sozinho,
Mas na volta eu me entretive
Brincando com um passarinho.
Perdi a dose de amor
Numa curva do caminho.

Quando eu notei que perdi,
Voltei correndo pra trás,
Procurei por todo canto
Mas cadê eu achar mais.
Aí eu fiz a loucura
Que toda criança faz.

Voltei, peguei outra dose
Igualzinha a do amor,
O vidro da mesma altura,
O rótulo da mesma cor...
Cheguei em casa e botei
No peito do predador.

Mas logo no outro dia
Meu pai sem querer deu fé
Do animal ser humano
Chutando um sapo com o pé
E no outro ele mangando
Dos olhos do caboré.

Vendo aquilo pai chorou,
Ficou triste, passou mal,
Me chamou e disse: - Filho,
O bicho não tá normal.
O que foi que você fez
No peito desse animal?

Quando eu contei a verdade
De tudo aquilo que fiz,
Pai disse, tremendo a voz:
- Eu sei que você não quis,

Mas você colocou foi ódio
No peito desse infeliz.

Esse bicho inteligente
Com esse ódio profundo,
Com pouco amor nesse peito
Não vai parar um segundo
Enquanto não destruir
A última célula do mundo.

Depois daquelas palavras,
Chorei como um santo chora.
Quando foi à meia noite
Eu saí porta afora
E nunca mais pisei
Na casa que meu pai mora.

Daquele dia pra cá,
É esta a minha pisada,
Procurando aquela dose
Em todo canto da estrada,
Pois, sem ela, o ser humano
Pra meu pai não vale nada.

Sem ela, você humanos
Não sabem dar sem pedir,
Viver sem hipocrisia,
Ficar por trás sem trair,
Nem distante do poder
Nem discursar sem mentir.

Sem ela, você trucidam
E batizam os crimes seus.
Na era medieval
Queimaram bruxas e ateus
E perseguiram os hereges
Usando o nome de Deus.

Sem ela, foram para a África
E fizeram a escravidão...
Com os grilhões do preconceito
Escravizaram o irmão
Com a espada na cintura
E uma Bíblia na mão.

O velho disse: - Perdoe
Ter tomado o tempo seu.
Consertar vocês humanos,
É um problema só meu

Aí o velho sumiu
Do jeito que apareceu.

Eu fiquei ali em pé
Coçando o queixo com a mão,
Pensando se era verdade
As frases do ancião
Ou se tudo era um fruto
Da minha imaginação.

E naquele mesmo instante
Vi passando na estrada
A juriti que eu chumbei
Com a asa quebrada,
Mas não tive coragem
De atirar na coitada.

Joguei fora a espingarda,
Voltei olhando pro chão
Procurando aquela dose
Nos troncos do algodão
Pra guardar com carinho
Dentro do coração.

Se acaso algum de vocês
Tiver a felicidade
De encontrar aquela dose,
Eu peço por caridade
Derrame todo o sabor
Daquela dose de amor
No peito da humanidade.

Anexo II

Poema – A casa que a fome mora

Eu de tanto ouvir falar
Dos danos que a fome faz
Um dia saí atrás
Da casa que ela mora
Passei mais de uma hora
Rodando numa favela
Por beco, gueto e viela
Mas voltei desanimado
Aborrecido e cansado
Sem ter visto o rosto dela.

Vi a cara da miséria
Zombando da humildade
Vi a mão da caridade
Num gesto de um mendigo
Que dividia o abrigo
A cama e o travesseiro,
Com um velho companheiro
Que estava desempregado
Vi da fome o resultado
Mas dela nem o roteiro.

Vi o orgulho ferido
Nos braços da ilusão
Vi pedaços de perdão
Pelos iníquos quebrados
Vi sonhos despedaçados
Partidos antes da hora
Vi o amor indo embora
Vi o tridente da dor
Mas nem de longe vi a cor
Da casa que a fome mora.

Vi a gula pendurada
No peito da precisão
Vi a preguiça no chão
Sem ter força de vontade
Vi o caldo da verdade
Fervendo numa panela
O jejum numa janela
Dizendo: aqui ninguém come!
Ouvi os gritos da fome
Mas não vi o resto dela.

Passei anoite acordado
Sem saber o que fazer
Louco, louco pra saber
Onde a fome residia

E porque naquele dia
Ela não foi na favela
E qual o segredo dela
Quando queria pisava,
Amolecia e matava
E ninguém matava ela?
No outro dia saí
De novo à procura dela
Mas não naquela favela
Fui procurar num sobrado
Que ficava do outro lado
Onde morava um sultão
Quando empurrei o portão
Eu vi a fome deitada
Em uma rede estirada
No alpendre da mansão.

Eu pensava que a fome
Fosse magricela e feia
Mas era uma sereia
De corpo espetacular
E quem iria culpar
Aquela linda princesa
De tirar o pão da mesa
Dos subúrbios da cidade
Ou de pisar sem piedade
Numa criança indefesa?

Engoli três vezes nada
E perguntei o seu nome
Respondeu-me: sou a fome
Que assola a humanidade
Ataco vila e cidade,
Deixo o campo moribundo,
E não descanso um segundo
Atrofiando, matando
Me escondendo e zombando
Dos governantes do mundo.

Me alimento das obras
Que são superfaturadas
Das verbas que são guiadas
Pros bolsos dos marajás
E me escondo por trás

Da fumaça do canhão
Dos supérfluos da mansão
Da soma dos desperdícios
Da queima dos artifícios
Que cega a população.

Tenho pavor da justiça
E medo da igualdade
Me banho na vaidade
Da modelo desnutrida
Da verba mal dividida
Na mão do cheque sem fundo
Sou pesadelo profundo
Do sonho do boia-fria
E almoço todo dia
Nos cinco estrelas do mundo.

Se vocês continuarem
Me caçando nas favelas,
Nos lamaçais, nas vielas
Nunca vão me encontrar
E eu vou continuar
Usando um terno xadrez
Metendo a bola da vez
Atrofiando, matando,
Me escondendo e zombando
Da burrice de vocês.

Anexo III

Poema – Na beira do mar

Na beira do mar um pouco apressado,
O tênis esquerdo caiu do meu pé.
Parei pra calçá-lo aí eu dei fé
Das coisas que antes não tinha notado.
O meu coração bateu apressado,
Na caixa do peito querendo saltar,
Talvez me pedindo pra eu decorar
As coisas que têm no mar pra se ver.
Eu não fiz outra coisa a não ser escrever
As coisas que vi na beira do mar.

Na beira do mar eu vi fonte que chora,
Vi dunas de areias, vi morros uivantes,
Marés ritmadas com ondas gigantes,
Coqueiros, palmeiras que formam a flora...
Vi peixe que pula da água pra fora,
Vi outros que sabem até mesmo voar.
Golfinhos que dão cambalhotas no ar
Na crista da onda quando ela se agita.
Vi a ponta dos pés da gaivota bonita
Escrevendo um poema na beira do mar.

Na beira do mar eu parei um segundo
Para observar um grande coqueiro
Que mais parecia um velho guerreiro
Em fim de carreira, cansado e corcundo.
Raízes de fora, quase moribundo,
Pedindo pro vento não lhe derrubar
Pra ele jamais deixar de escutar
A linda sereia que vem nas marés
Gritar, recitar e cantar nos seus pés
Os versos que fez na beira do mar.

Na beira do mar um pouco sisudo,
Chapéu na cabeça cobrindo o semblante
E me perguntando qual o fabricante
Que se lembrou de fazer isso tudo?
Qual engenheiro que tem tanto estudo?
A cabeça fervia de tanto pensar.
Mas disse-me o vento em seu linguajar:
- Esfrie a cabeça e tire o chapéu
Quem fez tudo isso reside no céu...
Só deixou as pegadas na beira do mar.

Anexo IV

Eu Queria

(Antônio Francisco/Symara Tâmara - poema musicado – com cifras para violão)

Gm

Eu queria

Cm

Dormir no meu sonho e sonhar acordado

Depois do quintal da casa do vento

Deitado na rede da luz das estrelas

Gm

Olhando os cabelos grisalhos do tempo.

Cm

Matar minha fome sem gosto de sangue

Afogar minha sede num pingo de orvalho

Deitar meu cansaço na relva macia

Gm

E a sombra da noite ser meu agasalho

Cm

Bb

Viver sem ouvir os soluços

G#

A#

Zumbidos de inveja, gritos de horror

Cm

Bb

Dormir sem temer o monstro-amanhã

G#

A#

E acordar sem ouvir suspiros de dor.

Cm

A#

Viver onde a fome vivesse com fome

G#

A#

Onde a gula fartasse de tanta comida

Cm

Bb

O ódio dormisse nos braços do amor

G#

A#

E acordasse sonhando nos braços da vida.

Anexo V

Um bairro chamado Lagoa do Mato
Antônio Francisco

Nasci numa casa de frente pra
linha,
Num bairro chamado Lagoa do
Mato.
Cresci vendo a garça, a marreca e o
pato,
Brincando por trás da nossa
cozinha.
A tarde chamava o vento que vinha
Das bandas da praia pra nos
abandar.
Titia gritava: está pronto o jantar!
O Sol se deitava, a Lua saía,
O trem apitava, a máquina gemia,
Soltando faísca de fogo no ar.

O galo cantava, peru respondia,
Carão dava um grito quebrando
aruá,
A cobra piava caçando preá,
Cantava em dueto o sapo e a jia,
Aguapé se deitava e depois se
abria,
Soltava seu cheiro nos braços do ar
O vento trazia pro nosso pomar,
Vovô se sentava no meio da gente
Contando história de cabra valente
Ouvindo lá fora do vento cantar.

A lua entrava na casa da gente,
Batia com força nas quatro paredes.
Seus cacos caíam debaixo das
redes
Pintando na sala um céu diferente.
Quando ela saía chegava o sol
quente
E com ele Zequinha pra gente
brincar,
Comer melancia, depois se banhar
Nas águas barrentas daquela lagoa.
A vida era simples, barata, tão boa,
Que a gente nem via o tempo
passar.

O peixe batia, a água espanava,

A gente pegava uma ponta de linha,
Amarrava um anzol numa vara que
tinha
E ia pra onde o peixe pulava.
Num quarto de hora a gente
voltava,
Já tinha traíra pra gente almoçar,
Piaba, manteiga pra gente fritar,
Titia fritava e a gente comia.
Faltava dinheiro, sobrava alegria
Naquele pequeno pedaço de lar.

Mas hoje nosso bairro está
diferente.
Calou-se o carão que cantava na
croa,
A boca do tempo comeu a lagoa
E com ela se foi o sossego da
gente.
O vento que sopra agora é mais
quente
E sem energia não sabe soprar.
A máquina do trem deixou de
passar,
Ninguém olha mais pros raios da
Lua
Que vivem perdidos no meio da rua
Por trás dos neóns sem poder
brilhar.

Perdeu-se a traíra debaixo do barro,
O sapo e a jia também foram
embora.
Aguapé criou pé, deu no pé e
agora?
Só rosas de plástico tristonhas num
jarro,
Fumaça de lixo, descarga de carro,
Suor de esgoto pra gente cheirar,
Telefone gritando pra gente pagar,
Um louco na rua rasgando uma
moto,
Um besta na porta pedindo o meu
voto
E outro lá fora querendo comprar.

Um carro de som fanhoso bodeja:
Tem água de coco, tem caldo de
cana,
Cocada de leite, gelé de banana,

Remédio pra caspa, tem copo,
bandeja.
Uns quatro vizinhos brincando de
igreja
Vão para a calçada depois do
jantar.
O mais exaltado começa a pregar:
Jesus é fiel, castiga, mas ama!
E eu sem dormir rolando na cama
E o homem insistindo: – Eu vou lhe
salvar.

E pegue zoada por trás do quintal:
Salada, paul, pomada, paçoca,
Pamonha, canjica, bejú, tapioca,
A do Zé tem mais coco, a do Pepe é
legal!
Dez bola, dez bola, só custa um
real!
Mas traga a vasilha pra não
derramar!
Apuveite! Apuveite! Que vai se
acabar!
E alguém grita: gol! Minha casa
estremece
E eu digo baixinho: meu Deus se eu
pudesse
Armar minha rede no fundo do mar!

Anexo VI

OS ANIMAIS TÊM RAZÃO

Quem já passou no sertão
E viu o solo rachado,
A caatinga cor de cinza,
Duvido não ter parado
Pra ficar olhando o verde
Do juazeiro copado.

E sair dali pensando:
Como pode a natureza
Num clima tão quente e seco,
Numa terra indefesa
Com tanta adversidade
Criar tamanha beleza.

O juazeiro, seu moço,
É pra nós a resistência,
A força, a garra e a saga,
O grito de independência
Do sertanejo que luta
Na frente da emergência.

Nos seus galhos se agasalham
Do periquito ao canção.
É hotel do retirante
Que anda de pé no chão,
O general da caatinga
E o vigia do sertão.

E foi debaixo de um deles
Que eu vi um porco falando,
Um cachorro e uma cobra
E um burro reclamando,
Um rato e um morcego
E uma vaca escutando.

Isso já faz tanto tempo
Que eu nem me lembro mais
Se foi pra lá de Fortim,
Se foi pra cá de Cristais,
Eu só me lembro direito
Do que disse os animais.

Eu vinha de Canindé
Com sono e muito cansado,
Quando vi perto da estrada
Um juazeiro copado.
Subi, arrei minha rede

E fiquei ali deitado.

Como a noite estava linda,
Procurei ver o cruzeiro,
Mas, cansado como estava,
Peguei no sono ligeiro.
Só acordei com uns gritos
Debaixo do juazeiro.

Quando eu olhei para baixo
Eu vi um porco falando,
Um cachorro e uma cobra
E um burro reclamando,
Um rato e um morcego
E uma vaca escutando.

O porco dizia assim:
– “Pelas barbas do capeta!
Se nós ficarmos parados
A coisa vai ficar preta...
Do jeito que o homem vai,
Vai acabar o planeta.

Já sujaram os sete mares
Do Atlântico ao mar Egeu,
As florestas estão capengas,
Os rios da cor de breu
E ainda por cima dizem
Que o seboso sou eu.

Os bichos bateram palmas,
O porco deu com a mão,
O rato se levantou
E disse: – “Prestem atenção,
Eu também já não suporto
Ser chamado de ladrão.

O homem, sim, mente e rouba,
Vende a honra, compra o nome.
Nós só pegamos a sobra
Daquilo que ele come
E somente o necessário
Pra saciar nossa fome.”

Palmas, gritos e assovios
Ecoaram na floresta,
A vaca se levantou
E disse franzindo a testa:
– “Eu convivo com o homem,
Mas sei que ele não presta.

É um mal-agradecido,
Orgulhoso, inconsciente.
É doido e se faz de cego,
Não sente o que a gente sente,
E quando nasce e tomando
A pulso o leite da gente.

Entre aplausos e gritos,
A cobra se levantou,
Ficou na ponta do rabo
E disse: – “Também eu sou
Perseguida pelo homem
Pra todo canto que vou.

Pra vocês o homem é ruim,
Mas pra nós ele é cruel.
Mata a cobra, tira o couro,
Come a carne, estoura o fel,
Descarrega todo o ódio
Em cima da cascavel.

É certo, eu tenho veneno,
Mas nunca fiz um canhão.
E entre mim e o homem,
Há uma contradição
O meu veneno é na presa,
O dele no coração.

Entre os venenos do homem,
O meu se perde na sobra...
Numa guerra o homem mata
Centenas numa manobra,
Inda tem cego que diz:
Eu tenho medo de cobra.”

A cobra inda quis falar,
Mas, de repente, um esturro.
É que o rato, pulando,
Pisou no rabo do burro
E o burro partiu pra cima
Do rato pra dar-lhe um murro.

Mas, o morcego notando
Que ia acabar a paz,
Pulou na frente do burro
E disse: – “Calma, rapaz!...
Baixe a guarda, abra o casco,
Não faça o que o homem faz.”

O burro pediu desculpas
E disse: – “Muito obrigado,

Me perdoe se fui grosseiro,
É que eu ando estressado
De tanto apanhar do homem
Sem nunca ter revidado.”

O rato disse: – “Seu burro,
Você sofre porque quer.
Tem força por quatro homens,
Da carroça é o chofer...
Sabe dar coice e morder,
Só apanha se quiser.”

O burro disse: – “Eu sei
Que sou melhor do que ele.
Mas se eu morder o homem
Ou se eu der um coice nele
É mesmo que estar trocando
O meu juízo no dele.”

Os bichos todos gritaram:
– “Burro, burro... muito bem!”
O burro disse: – “Obrigado,
Mas aqui ainda tem
O cachorro e o morcego
Que querem falar também.”

O cachorro disse: – “Amigos,
Todos vocês têm razão...
O homem é um quase nada
Rodando na contramão,
Um quebra-cabeça humano
Sem prumo e sem direção.

Eu nunca vou entender
Por que o homem é assim:
Se odeiam, fazem guerra
E tudo o quanto é ruim
E a vacina da raiva
Em vez deles, dão em mim.”

Os bichos bateram palmas
E gritaram: – “Vá em frente.”
Mas o cachorro parou,
Disse: – “Obrigado, gente,
Mas falta ainda o morcego
Dizer o que ele sente.”

O morcego abriu as asas,
Deu uma grande risada

E disse: – “Eu sou o único
Que não posso dizer nada
Porque o homem pra nós
Tem sido até camarada.

Constrói castelos enormes
Com torre, sino e altar,
Põe cerâmica e azulejos
E dão pra gente morar
E deixam milhares deles
Nas ruas, sem ter um lar.”

O morcego bateu asas,
Se perdeu na escuridão,
O rato pediu a vez,
Mas não ouvi nada, não.
Peguei no sono e perdi
O fim da reunião.

Quando o dia amanheceu,
Eu desci do meu poleiro.
Procurei os animais,
Não vi mais nem o roteiro,
Vi somente umas pegadas
Debaixo do juazeiro.

Eu disse olhando as pegadas:
Se essa reunião
Tivesse sido por nós,
Estava coberto o chão
De piúbas de cigarros,
Guardanapo e papelão.

Botei a maca nas costas
E saí cortando o vento.
Tirei a viagem toda
Sem tirar do pensamento
Os sete bichos zombando
Do nosso comportamento.

Hoje, quando vejo na rua
Um rato morto no chão,
Um burro mulo piado,
Um homem com um facão
Agredindo a natureza,
Eu tenho plena certeza:
Os animais têm razão.

APÊNDICES

Plano de aula – Projeto de intervenção

Tema do Projeto: Salão de artes Integradas Poeta Antônio Francisco

Sub-temas: Literatura de cordel; vida e obra do poeta Antônio Francisco; tradução intersemiótica.

Nível de Ensino: Ensino Fundamental

Público-alvo: alunos do oitavo ano vespertino

Duração da atividade: 24 horas-aulas

O que os alunos poderão aprender nesse projeto:

- Leitura e compreensão textual acerca do gênero cordel;
- Conhecer a obra do poeta mossoroense Antônio Francisco;
- Prática de leitura e interpretação com base na proposta de SARAIVA (2006);
- Produzir material artístico com base na interpretação dos textos usando como ferramenta a tradução intersemiótica.

Recursos didáticos:

Aulas 1 e 2 – questionário impresso contendo cinco questões discursivas;

Aulas 3 e 4 – texto impresso, lápis de quadro, quadro branco;

Aulas 5 e 6 – slides e Datashow;

Aulas 7 e 8 – Texto impresso, lápis de quadro, quadro branco, violão;

Aulas 9 e 10 – duas caixas-box contendo a obra completa do poeta Antônio Francisco;

Aulas 11 e 12 - Avaliação bimestral escrita impressa;

Aulas 13 a 22 (oficinas) – meias coloridas, olhos de boneco, TNT, caixas de papelão, cola de silicone, tesoura, tela para pintura tamanho 60cm x 80cm, tintas acrílicas, pincéis, revistas para recorte, folhas de papel peso 40, cola branca, tesoura, violão.

Aulas 23 e 24 – apresentação do material produzido – microfone e caixas de som.

Sequência didática:

1. Levantamento de dados e conhecimentos prévios sobre literatura de cordel

Através de questionário contendo cinco questões discursivas;

2. Leitura, discussão oral sobre o cordel “Aquela dose de amor”, do poeta Antônio Francisco (primeira leitura), e análise com base na proposta de SARAIVA (2006) e análise de FERNANDES CARLOS (2015);

3. Apresentação de slides sobre origens e conceitos acerca da literatura de cordel, vida e obra do poeta Antônio Francisco e o que é tradução intersemiótica;

4. Leitura do texto e discussão com base em SARAIVA (2006) e FERNANDES CARLOS (2015) dos cordéis “A casa que a fome mora” e “Eu queria”, execução de ambos em formato musicado ao violão;

5. Leitura livre de cordéis de Antônio Francisco (obra completa em sala de aula), formação de grupos de trabalho e definição de textos e temas para as oficinas;

6. Atividade avaliativa bimestral escrita, contendo dez questões objetivas e discursivas, abordando o cordel “Na beira do mar”;

7. Oficinas de confecção de material artístico com base na interpretação dos textos;

8. Apresentação da produção artística no Salão de Artes Integradas Poeta Antônio Francisco.

Resultados esperados: por meio desta sequência de atividades espera-se que o aluno possam desenvolver habilidades de leitura, discussão, interpretação de textos; fazer o resgate da literatura de cordel, assim como conhecer a obra do poeta Antônio Francisco, e através disso, desenvolver um trabalho artístico com base no que foi interpretado dos textos usando como ferramenta a tradução intersemiótica.

Obs: Textos trabalhados e referencial teórico se encontram no projeto de intervenção.

Escola Estadual 30 de Setembro

Nome: _____

III Atividade Avaliativa de Língua Portuguesa – 8º ano

Leitura: **Na beira do mar** (Antônio Francisco)

Na beira do mar um pouco apressado
O tênis esquerdo caiu do meu pé
Parei pra calçá-lo, aí eu dei fé
Das coisas que antes não tinha notado.
O meu coração bateu apressado
Da caixa do peito querendo saltar
Talvez me pedindo pra eu decorar
As coisas que têm no mar pra se ver
Não fiz outra coisa a não ser escrever
As coisas que vi na beira do mar.

Na beira do mar eu vi fonte que chora
Vi dunas de areias, vi morros uivantes,
Marés ritmadas com ondas gigantes,
Coqueiros, palmeiras que formam a flora...
Vi peixe que pula da água pra fora
Vi outros que sabem até mesmo voar
Golfinhos que dão cambalhotas no ar
Na crista da onda quando ela se agita
Vi a ponta dos pés da gaivota bonita
Escrevendo um poema na beira do mar.

Na beira do mar eu parei um segundo
Para observar um grande coqueiro
Que mais parecia um velho guerreiro
Em fim de carreira, cansado e corcundo
Raízes de fora, quase moribundo
Pedindo pro vento não lhe derrubar
Pra ele jamais deixar de escutar
A linda sereia que vem nas marés
Gritar, recitar e cantar nos seus pés
Os versos que fez na beira do mar.

Na beira do mar, um pouco sisudo
Chapéu na cabeça cobrindo o semblante
E me perguntando qual o fabricante
Que se lembrou de fazer isso tudo?
Qual o engenheiro que tem tanto estudo?
A cabeça fervia de tanto pensar
Mas disse-me o vento em seu linguajar:
Esfrie a cabeça e tire o chapéu
Quem fez isso tudo reside no céu
Deixou só as pegadas na beira do mar.

1 – O poema “Na beira do mar” é um dos poemas que compõem a obra *O olho torto do rei* e segue uma das formas estéticas mais comuns e tradicionais da literatura de cordel, que é:

() galope alagoano () galope-à-beira-mar () verso branco () verso alexandrino

2 – na primeira estrofe, o eu lírico se diz apressado, mas acontece algo que o faz mudar o foco da atenção, explique a cena.

3 – que sentimentos o eu lírico demonstra na primeira estrofe?

4 – Na segunda estrofe:

() o poeta mistura fatos reais e sua própria imaginação na descrição do ambiente.

() o poeta mostra uma realidade totalmente fruto de sua imaginação, embora existam espécies de peixes que voam.

() o poeta não vivenciou as sensações descritas no texto.

() o poeta vivenciou as sensações descritas no texto, entanto, não havia a presença de seres mitológicos e coqueiros no cenário.

5 – explique com suas palavras o trecho: “vi a ponta dos pés da gaviota bonita escrevendo um poema na beira do mar”.

6 – na terceira estrofe, um “personagem” desse ambiente chama a atenção do eu lírico. Qual?

7 – como o poeta descreve o coqueiro?

8 – Sobre a figura do coqueiro, é correto afirmar que:

() o poeta se solidariza com a condição do coqueiro, atribuindo a ele um endeusamento.

() simboliza resistência, e ao mesmo tempo, humildade e heroísmo.

() a figura da sereia dá ao coqueiro uma conotação de liberdade.

() pede pra o vento derrubá-lo, pois já está “cansado e corcundo”.

9 – na última estrofe, o poeta afirma que “quem fez isso tudo reside no céu, deixou só as pegadas na beira do mar”. Explique.

10 – Responda:

a) O texto nos remete a um outro texto, quando recria o mito da criação do mundo nos questionamentos sobre a origem da natureza. Qual?

() A origem das espécies () A origem do homem () Gênesis (Bíblia)

B) Você já teve sensações parecidas com a do eu lírico diante do ambiente praiano? Já se fez questionamentos sobre a origem de todas essas coisas? Explique.

